Kit de Ferramentas de 2026 da Internacional da Educação

ENSINANDO A INCLUSÃO, CONSTRUINDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Um kit de ferramentas para educadores e sindicatos da educação para promover a inclusão e acabar com o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen)

MÓDULO 2

Orientações em Sala de Aula para Educadores



Education International
Internationale de l'Education
Internacional de la Educación
Bildungsinternationale

SASAKAWA LEPROSY INITIATIVE
HANSEN'S DISEASE

笹川保健財団 SASAKAWA Health Foundation
日本財団 THE NIPPON FOUNDATION

About the authors:

Dr Peter Grimes

O Dr. Peter Grimes é um especialista internacional em educação com 40 anos de experiência na promoção da equidade na educação, da educação inclusiva, da proteção infantil e do desenvolvimento na primeira infância em todo o mundo, trabalhando com organizações como a ONU e todos os principais doadores. Ele tem apoiado reformas governamentais e o planejamento setorial em todos os níveis do sistema educacional, desde escolas e comunidades até políticas nacionais e globais. É um autor com ampla produção acadêmica, cujas pesquisas têm sido citadas em importantes publicações internacionais.

Dian Soliman

Dian Soliman é especialista em inclusão, com conhecimento especializado em educação inclusiva para pessoas com deficiência. Ela tem trabalhado com organizações internacionais e interessados do setor da educação para elaborar e fortalecer políticas, estratégias e programas que promovam sistemas educacionais inclusivos e equitativos. Ela liderou e contribuiu para o desenvolvimento de ferramentas e recursos práticos, bem como de iniciativas de capacitação, para apoiar os interessados na promoção da inclusão, da equidade, e da não discriminação.

Sobre a artista (arte de capa e ilustrações):



Arianne Gaille Perez

"Sou ilustradora e artista visual baseada nas Filipinas. Trabalho com ilustração digital, desenho e arte tradicional, e gosto de explorar diferentes maneiras de transformar ideias e observações em imagens.

Sou inspirada por formas expressivas, movimentos e composições reflexivas, frequentemente criando obras de arte que deixam espaço para a interpretação.

Para mim, a arte é uma forma de observar o mundo, de dar sentido ao que vejo e de compartilhá-lo com outras pessoas. Ainda estou descobrindo e desenvolvendo minha voz como artista porém aprecio o processo de experimentar, aprender e descobrir aonde cada obra que me leva."

Sobre a Internacional da Educação:

A Internacional da Educação representa organizações de docentes e outros profissionais da educação em todo o mundo. É a maior federação mundial de sindicatos e associações, representando trinta milhões de profissionais da educação em cerca de quatrocentas organizações em cento e setenta países e territórios, no mundo inteiro. A Internacional da Educação une professores e profissionais da educação.

Kit de Ferramentas de 2026 da Internacional da Educação

ENSINANDO A INCLUSÃO, CONSTRUINDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Um kit de ferramentas para educadores e sindicatos da educação para promover a inclusão e acabar com o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen)

MÓDULO 2

Orientações em Sala de Aula para Educadores

Este trabalho está licenciado sobre a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. (CC BY-NC-AS 4.0)

Publicado pela Internacional da Educação (setembro 2026)
ISBN 978-92-9276-042-7 (PDF)

Arte de capa e ilustrações: Arianne Gaille Perez (2026)

Agradecimentos:

A Internacional da Educação agradece muito sinceramente as organizações membros, os consultores de pesquisa e especialistas cujo conhecimento e experiência contribuíram para o desenvolvimento deste kit de ferramentas. Suas contribuições ajudaram a garantir que este kit reflita as realidades dos profissionais da educação e apoie seus esforços para promover uma educação pública de qualidade, inclusiva e equitativa. Desenvolvido como seguimento ao Apelo Global de 2026 para Acabar com o Estigma e a Discriminação contra Pessoas Afetadas pela Lepra (Doença de Hansen), este kit de ferramentas reflete nosso compromisso comum de aproveitar o poder da educação para combater o estigma, promover a inclusão, e defender a dignidade e os direitos de todos. A Internacional da Educação também agradece o apoio técnico e financeiro da Sasakawa Health Foundation, que tornou este trabalho possível. Este kit de ferramentas é o resultado de um esforço coletivo e da solidariedade internacional. Esperamos que ele sirva como um recurso prático para sindicatos da educação e educadores que buscam criar ambientes de aprendizagem e de trabalho mais inclusivos, fortalecer a compreensão sobre a lepra (doença de Hansen) e outras deficiências relacionadas à saúde, e contribuir para acabar com o estigma e a discriminação na educação e na sociedade.

Índice

Visão geral do módulo 1

Unidade 2.1 Princípios da Educação Inclusiva 2

2.1.1 O que é educação inclusiva? 3

2.1.2 A Educação Inclusiva é um Direito Humano 4

Prática e Aplicação 6

2.1.3 Barreiras à inclusão 7

Prática e Aplicação 11

2.1.4 Valores inclusivos 12

Prática e Aplicação 14

Resumo da Unidade 14

Recursos adicionais 15

Unidade 2.2 Ambientes de aprendizagem inclusivos e de apoio 16

2.2.1 O que caracteriza ambientes de aprendizagem inclusivos 17

2.2.2 Principais diferenças entre as pedagogias tradicionais centradas no professor e as inclusivas centradas no aluno 19

2.2.3 O Papel dos Professores em uma Sala de Aula Centrada no Aluno 22

Practice and Application 25

Resumo da Unidade 26

Recursos adicionais 26

Unidade 2.3 Reconhecendo, respondendo e prevenindo a violência nas escolas 27

2.3.1 Tipos de violência nas escolas 28

2.3.2 Resposta à violência 33

2.3.3 Reflexão sobre o papel do professor na manutenção de um ambiente de aprendizagem seguro e livre de violência 37

Prática e Aplicação 42

Resumo da unidade 44

Recursos adicionais 45

Unit 2.4 Estratégias Centradas no Aluno 46

2.4.1 Elementos da pedagogia centrada no aluno 47

Prática e Aplicação 59

2.4.2 DUA e Adaptações Razoáveis 60
Prática e Aplicação 67
2.4.3 Avaliação inclusiva 68
Prática e Aplicação 71
2.4.4 Estratégias Gerais para a Sala de Aula 72
Prática e aplicação 75
2.4.5 Aprendizagem Socioemocional para Inclusão e Equidade 76
Practice and Application 83
Resumo da Unidade 84
Recursos adicionais 85
Unidade 2.5. Papéis colaborativos na promoção da inclusão e no combate ao estigma 87
2.5.1 A abordagem escolar integrada 88
2.5.2 Participação dos alunos 91
2.5.3 Família e responsáveis 96
2.5.4 Colaboração com a comunidade em geral 98
2.5.5 Sindicatos da Educação 100
Prática e Aplicação 103
Resumo da unidade 104
Recursos adicionais 104
Anexos 105
Anexo 1: Definição de Educação Inclusiva da CRPD e da UNESCO 105
Anexo 2: Guia Rápido: Como lidar com alunos que sofreram violência 106
Anexo 3: Lidando com agressores de violência 107
Anexo 4: Apoio a testemunhas e alunos que presenciam violência 108
Anexo 5: Políticas claras e abrangentes sobre escolas seguras e livres de violência 109
Anexo 6: Como os professores podem ser apoiados 110
Anexo 7: Compreendendo e respondendo a comportamentos desafiadores 111
Anexo 8: Em que o DUA difere da instrução tradicional e da instrução diferenciada? 113
Anexo 9: Lista Completa de Adaptações para a Caligrafia 114
Anexo 10: Abordagem “Boas-vindas, Envolvimento e Encerramento 118
Anexo 11: Prática e Aplicação – Atividades Facilitadas 119
Notas de rodapé 129

Acrônimos e abreviações

CRPD	Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência
DUA	Desenho Universal para Aprendizagem
ED	Ensino Diferenciado
ONU	Organização das Nações Unidas
SEL	Aprendizagem Social e Emocional
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

Visão geral do módulo

O Módulo 2 capacita educadores e sindicatos da educação a construir escolas verdadeiramente inclusivas, seguras e acolhedoras. Ele explora como o estigma, a discriminação e o bullying afetam alunos marginalizados, particularmente aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) ou por deficiências, destacando como a combinação de deficiências físicas e estigma social cria graves barreiras à educação. Para superar essas barreiras, o módulo oferece um kit de ferramentas prático de estratégias para a sala de aula, incluindo Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA), adaptações razoáveis, disciplina positiva e aprendizagem socioemocional. Por fim, ele enfatiza uma "abordagem escolar integrada", demonstrando como os professores podem colaborar com famílias, líderes comunitários e sindicatos da educação para sustentar a inclusão e reduzir permanentemente o estigma.

Objetivos de Aprendizagem do Módulo

1. Compreender a educação inclusiva como uma abordagem prática para lidar com a exclusão.
2. Descrever as características de ambientes de aprendizagem inclusivos, acolhedores e centrados no aluno.
3. Reconhecer o estigma, a discriminação, o bullying e a violência nas escolas, incluindo sinais de alerta e fatores de risco menos visíveis.
4. Responder a incidentes de violência, bullying e discriminação utilizando abordagens seguras, solidárias, informadas sobre traumas e orientadas por políticas.
5. Aplicar estratégias de ensino inclusivas, incluindo o DUA, adaptações razoáveis, avaliação inclusiva, aprendizagem cooperativa e rotinas em sala de aula que apoiem a participação e o sentimento de pertencimento.
6. Usar abordagens de aprendizagem social e emocional para fomentar a empatia, o respeito, a colaboração e relacionamentos positivos entre os alunos.
7. Colaborar com alunos, famílias, líderes escolares, comunidades e sindicatos da educação para fortalecer a inclusão em toda a escola e combater o estigma.

Unidades deste módulo

Unit 2.1 Princípios da educação Inclusiva

Unit 2.2 Ambientes de Aprendizagem Inclusivos e Acolhedores

Unit 2.3 Reconhecendo, respondendo e prevenindo o estigma, a discriminação e o bullying

Unit 2.4 Estratégias centradas no aluno

Unit 2.5 Papéis colaborativos na promoção da inclusão e no combate ao estigma

Unidade 2.1 Princípios da Educação Inclusiva

Visão geral da unidade

A Unidade 1 apresenta a educação inclusiva como uma estrutura prática para a criação de ambientes de aprendizagem respeitosos, participativos e acolhedores para todos os alunos. Ela relaciona os princípios da educação inclusiva com o combate ao estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) e outras condições.

Objetivos de aprendizagem da unidade

Explicar os princípios-chave da educação inclusiva e como eles ajudam a combater o estigma e a exclusão nas escolas.

Estrutura da Unidade

2.1.1 O que é educação inclusiva?

2.1.2 A educação inclusiva como um direito humano

2.1.3 Barreiras à inclusão na educação

2.1.4 Valores inclusivos

2.1.1 O que é educação inclusiva?

A **educação inclusiva** é definida em vários marcos internacionais importantes. Entre as mais citadas estão a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD) e a UNESCO, que descrevem a educação inclusiva como uma abordagem baseada em direitos que valoriza a diversidade, remove barreiras à participação e garante que todos os alunos, incluindo aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen), possam aprender, se integrar e se desenvolver em ambientes educacionais regulares.

Elementos-chave nas definições de educação inclusiva

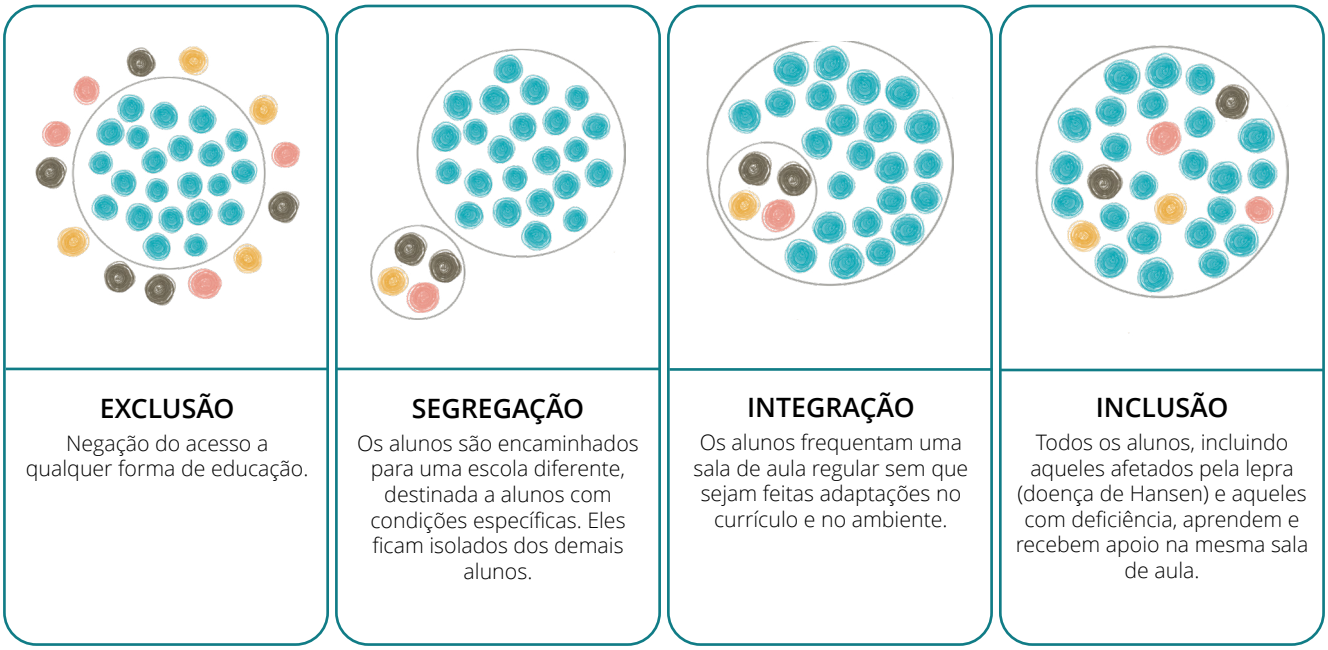
As definições de educação inclusiva nem sempre são interpretadas da mesma maneira. Em alguns contextos, abordagens separadas, especiais ou segregadas ainda são apresentadas como inclusivas, embora os marcos internacionais de direitos humanos façam uma distinção mais clara. Portanto, é útil examinar de perto o que a educação inclusiva significa e o que não significa na prática.

A tabela abaixo resume as principais distinções encontradas nas definições internacionais e mostra a diferença entre abordagens que apoiam a inclusão verdadeira e aquelas que podem parecer inclusivas, mas ainda mantêm barreiras, exclusão ou segregação.

A educação inclusiva é ...	A educação inclusiva não é...
...um processo contínuo de mudança, reflexão e aprimoramento	...um projeto pontual que pode ser concluído em um curto período
...uma questão de transformar culturas, políticas e práticas educacionais	...limitada a melhorar apenas a educação regular para alunos com deficiência
...trate-se de tornar o sistema educacional flexível o suficiente para responder às necessidades de cada aluno	...se trata de esperar que os alunos mudem para que possam se adaptar a um sistema que permanece inalterado
...um esforço contínuo para identificar e remover barreiras à aprendizagem e à participação	...um conjunto fixo de ações que podem ser aplicadas exatamente da mesma maneira em todos os contextos
...se trata de remover barreiras ao acesso, à participação, ao desempenho e ao sentimento de pertencimento na educação	...se preocupa apenas em fazer com que os alunos ingressem nas escolas ou nas salas de aula
...um processo compartilhado que envolve gestores escolares, professores, pessoal de apoio educacional, alunos, famílias, comunidades, formuladores de políticas e outras partes interessadas	...algo que só pode ser realizado por especialistas externos ou autoridades educacionais
...algo que pode ocorrer tanto dentro quanto fora da escolaridade formal, incluindo espaços de aprendizagem não formais, alternativos e comunitários, e em todas as fases da vida	...algo que ocorre apenas em ambientes escolares formais

Da exclusão à inclusão total

A ilustração abaixo mostra a evolução dos modelos educacionais. Ela mostra que simplesmente colocar uma criança com deficiência ou uma criança afetada pela lepra (doença de Hansen) em uma escola regular (integração) não é suficiente. A verdadeira inclusão significa eliminar as barreiras dentro do sistema para que todos os alunos aprendam juntos, participando plenamente da mesma comunidade diversificada.

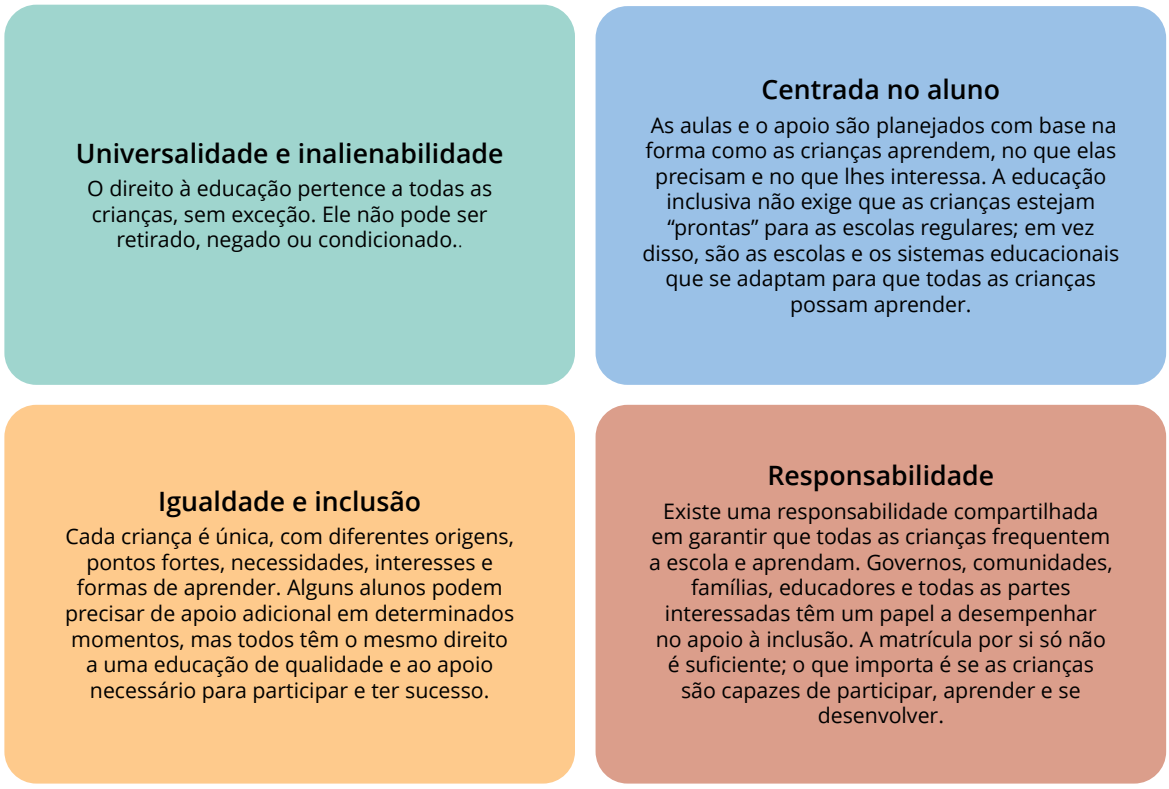


2.1.2 A Educação Inclusiva é um Direito Humano

A educação inclusiva baseada em direitos significa garantir que todas as crianças beneficiam do direito à educação de qualidade, sem discriminação e em igualdade de condições com as demais. Na prática, isso significa que todas as crianças e jovens devem poder frequentar a escola local, recebendo o apoio necessário nas salas de aula regulares para que possam participar plenamente e aprender de forma eficaz.

Princípios da educação baseada em direitos

Uma abordagem da educação baseada em direitos significa que cada aluno é reconhecido como titular de direitos, e as escolas e os sistemas educacionais têm o dever de respeitar, proteger e garantir esse direito. Os princípios na figura abaixo nos lembram que a educação deve estar disponível para todos, centrada na dignidade e na participação dos alunos, justa e inclusiva na prática, e apoiada por responsabilidades claras para agir quando os direitos não estão sendo respeitados.



A
educação inclusiva se baseia no direito fundamental de todas as crianças e jovens de participar de uma educação de qualidade. Isso é respaldado por instrumentos jurídicos internacionais, incluindo os seguintes:

- A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)
- Convenção da UNESCO contra a Discriminação na Educação (1960)
- Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (1989)
- Declaração de Salamanca e Quadro de Ação sobre Educação para Necessidades Especiais (1994)
- Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (2006)
- Declaração e Quadro de Ação de Incheon (2015)

Esses princípios e marcos jurídicos deixam claro que a educação inclusiva não é uma questão de caridade ou escolha, mas um direito humano e uma obrigação do Estado. Ela exige que os sistemas educacionais acolham todos os alunos, removam barreiras e ofereçam o apoio necessário para que todas as crianças e jovens aprendam em igualdade de condições com os demais. Nesse sentido, a educação inclusiva é tanto um compromisso jurídico quanto uma expressão prática de igualdade, dignidade e justiça na educação.

Prática e Aplicação

Definindo a Educação Inclusiva

Analise as leis, políticas ou diretrizes educacionais do seu país sobre inclusão. Concentre-se no que elas dizem sobre o direito à educação para crianças e jovens com deficiência e para aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) e outras condições de saúde.

1. Escolha uma ou duas leis, políticas ou documentos oficiais de orientação.
2. Verifique se eles explicam o que significa inclusão ou educação inclusiva.
3. Analise o que dizem sobre acesso, participação, apoio, adaptações razoáveis e proteção contra a discriminação.
4. Compare o que você encontrou com as definições da CRPD e da UNESCO nesta unidade (consulte Anexo 1: Definição de Educação Inclusiva da CRPD e da UNESCO).
5. Anote uma ou duas semelhanças e uma ou duas diferenças.

Preencha a tabela abaixo. Inclua **(a)** a lei ou política que você analisou, **(b)** como ela explica a inclusão e **(c)** em que ela é semelhante ou diferente das definições da CRPD e da UNESCO.

Item	Suas anotações
Lei ou política analisada	
Como a inclusão é explicada	
Semelhanças com a CRPD e a UNESCO	
Diferenças em relação à CRPD e à UNESCO	

2.1.3 Barreiras à inclusão

A educação inclusiva não pode ser alcançada simplesmente abrindo o portão da escola. Muitos alunos ainda enfrentam barreiras que os impedem de ter acesso à escola, participar plenamente e aprender bem. Essas barreiras podem surgir no âmbito da criança, da família, da escola, da comunidade ou do sistema educacional.

Barreiras à inclusão



Barreiras atitudinais
Crenças negativas, suposições ou preconceitos que excluem os alunos ou limitam as expectativas em relação ao que eles são capazes de fazer.

Barreiras ambientais
Características do ambiente físico, de comunicação ou de aprendizagem que dificultam o acesso dos alunos a espaços, informações ou atividades.

Barreiras institucionais
Regras, políticas, sistemas ou rotinas que excluem alguns alunos ou dificultam o acesso ao apoio.

Barreiras atitudinais

- Presumir que uma criança ou jovem com lepra (doença de Hansen) ou deficiência seja incapaz de aprender ou não mereça um lugar em uma sala de aula regular
- Evitar ou isolar um aluno por causa de sua aparência, deficiência visível ou porque ele ou algum membro de sua família é afetado pela lepra (doença de Hansen)
- Ter expectativas acadêmicas mais baixas para meninas, crianças afetadas pela lepra (doença de Hansen), crianças com deficiência ou crianças de grupos étnicos ou religiosos minoritários
- Acreditar que o diagnóstico de lepra (doença de Hansen) de uma criança é resultado de pecado, maldição ou mau caráter, e tratá-la de acordo com isso
- Desconsiderar a preocupação de um pai ou mãe com as necessidades de aprendizagem de seu filho devido à sua origem social ou econômica
- Presumir que todos os alunos pensam, aprendem e progridem da mesma maneira e no mesmo ritmo

Barreiras ambientais

- Salas de aula, corredores ou prédios escolares inacessíveis para alunos que utilizam cadeiras de rodas, muletas ou outros dispositivos de mobilidade, incluindo alunos com deficiências físicas relacionadas à lepra (doença de Hansen)
- Ausência de banheiros acessíveis ou instalações para lavagem das mãos, dificultando que alunos com deficiências físicas mantenham a higiene e a dignidade na escola
- Materiais e equipamentos de aprendizagem insuficientes ou mal adaptados, que não atendem às diversas necessidades dos alunos
- Informações e instruções apresentadas apenas em um único formato ou idioma, excluindo alunos que precisam de:
  - Materiais em um idioma que compreendam
  - Interpretação em língua de sinais
  - Braille, gráficos táteis, letras grandes, formatos de áudio ou outras alternativas acessíveis
- Escolas localizadas longe de casa, sem transporte acessível ou a preços acessíveis, o que afeta particularmente os alunos com dificuldades de mobilidade e aqueles que vivem em comunidades remotas
- Salas de aula barulhentas, superlotadas ou mal iluminadas, que criam dificuldades adicionais para alunos com necessidades sensoriais ou relacionadas à atenção

Institutional Barriers

- Ausência de uma política de educação inclusiva que proteja o direito de todos os alunos, incluindo aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) ou por alguma deficiência, de frequentar e participar de escolas regulares
- Ausência de políticas escolares que impeçam que alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), incluindo aqueles cujos familiares sejam afetados pela lepra (doença de Hansen), e alunos com deficiência tenham sua matrícula negada ou sejam expulsos da escola
- Práticas que segregam ou isolam alunos com base em sua condição de saúde, como colocar

alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) em sanatórios, escolas separadas ou instituições especializadas longe de suas famílias e comunidades

- Falta de gestores escolares, professores e pessoal de apoio educacional devidamente capacitados, sem investimento em desenvolvimento profissional sobre educação inclusiva, conscientização sobre a lepra (doença de Hansen) ou outros estigmas relacionados à saúde
- Indicadores de desempenho docente que recompensam métodos tradicionais e centrados no professor e não reconhecem nem valorizam práticas de ensino diferenciadas ou inclusivas
- Currículos rígidos que não permitem flexibilidade no ritmo, no conteúdo ou na avaliação para atender às diversas necessidades de aprendizagem
- Ausência de serviços de apoio dentro das escolas ou vinculados a elas, como acesso a atendimento médico, fisioterapia ou terapia ocupacional, aconselhamento, assistência social ou assistência jurídica
- Requisitos e processos administrativos que favorecem certos alunos em detrimento de outros, incluindo:
  - Horários de aula inflexíveis que não podem se adaptar às consultas médicas ou ao cronograma de tratamento de um aluno
  - Provas de admissão que colocam em desvantagem alunos com deficiência ou aqueles que tiveram a escolaridade interrompida
  - Exigências de certidões de nascimento ou documentos de identidade que muitas crianças não possuem, especialmente aquelas provenientes de comunidades marginalizadas.

O quadro abaixo oferece dicas para eliminar barreiras à aprendizagem, ao desenvolvimento e à participação:[1]

Experimente!

Dicas práticas para eliminar barreiras à aprendizagem, ao desenvolvimento e à participação

1. **Superando barreiras atitudinais e sociais**
   - **Valorize cada aluno.** Mostre a cada criança que você se importa com suas necessidades individuais e garanta que elas se sintam igualmente valorizadas em sua sala de aula.
   - **Desenvolva a autoconfiança.** Faça perguntas aos alunos com dificuldades que você saiba que eles podem responder e ofereça elogios sinceros de forma consistente para aumentar sua autoestima .
   - **Valorize os pontos fortes.** Crie o hábito de identificar e reconhecer abertamente pelo menos uma qualidade positiva em cada aluno.
   - **Dê voz aos alunos.** Incentive os alunos a compartilhar suas opiniões e incorpore ativamente suas sugestões em seu ensino para mostrar que a opinião deles é importante.

2. **Superando barreiras de aprendizagem e pedagógicas**
   - **Valorize as línguas maternas.** Incentive os alunos a usar sua língua materna ou a linguagem de sinais. Estabeleça parcerias com familiares ou membros da comunidade caso precise de apoio de tradução.
   - **Dedique tempo à comunicação.** Seja paciente e reserve intencionalmente tempo extra para que os alunos processem informações e expressem seus pensamentos.
   - **Concentre-se no crescimento individual.** Avalie o sucesso com base no progresso pessoal da criança e no plano de aprendizagem individual, em vez de compará-la com seus colegas.
3. **Superando barreiras físicas e ambientais**

   Otimize o layout da sala de aula. Organize os assentos para maximizar a comunicação, a acessibilidade física e a interação entre colegas, especialmente para aqueles com dificuldades de mobilidade ou barreiras sensoriais.
4. **Superando barreiras sistêmicas e institucionais**
   - **Promova a participação igualitária.** Garanta que todas as atividades, tanto dentro quanto fora da sala de aula (como esportes ou excursões), sejam planejadas para incentivar a participação de todas as pessoas, independentemente de gênero, condições de saúde e habilidades.
   - **Acompanhe o bem-estar e a segurança.** Fique atento a mudanças repentinas de comportamento ou faltas frequentes. Se suspeitar de qualquer forma de abuso, negligência ou barreiras relacionadas à pobreza extrema, procure imediatamente ajuda junto aos ou organizações locais de proteção à criança.
   - **Trabalhe com seu sindicato para fortalecer a inclusão.** Compartilhe as barreiras que você encontra e apoie suas campanhas, ações de defesa e negociações coletivas por políticas inclusivas, recursos adequados, apoio profissional e ambientes de aprendizagem seguros e acessíveis para todos os alunos
   -
   - **Monitor well-being and safety.** Watch for sudden behavioural changes or frequent absences. If you suspect any form of abuse, neglect, or extreme poverty-related barriers, immediately seek help from local child protection services or organisations.
   - **Work with your union to strengthen inclusion.** Share the barriers you encounter, and support its campaigns, advocacy, and collective bargaining for inclusive policies, adequate resources, professional support, and safe, accessible learning environments for all learners

Unidade 2.2 Ambientes de Aprendizagem Inclusivos e Acolhedores e Unidade 2. 4. Estratégias Centradas no Aluno oferecem uma discussão detalhada e mais dicas sobre como lidar com barreiras e melhorar a participação na escola.

Prática e Aplicação

Classificando a inclusão.

Identifique se as afirmações abaixo descrevem a educação inclusiva ou não.

Afirmação	Educação Inclusiva (✓) ou NÃO é Educação Inclusiva (×)
...um esforço contínuo para identificar e remover barreiras que impedem que alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou com deficiência frequentem a escola e aprendam.	
...um projeto pontual, concluído em um curto prazo.	
... um processo de melhoria da escola, garantindo que ela seja centrada no aluno e acolhedora para todos os alunos.	
... focado apenas em colocar alunos com deficiência e alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) em escolas regulares.	
...trata-se de mudar a forma de ensinar e a organização de nossas escolas, para garantir que todos possam participar e aprender.	
...um processo no qual participam administradores escolares, professores, pessoal de apoio educacional, alunos, pais e membros da comunidade.	
...um projeto que pode ser implementado apenas por especialistas externos ou autoridades educacionais.	
...trata-se de tentar mudar o aluno para que ele se adapte melhor a um sistema educacional que permanece inalterado.	
...focado apenas na melhoria da educação para alunos com deficiência em escolas regulares	

2.1.4 Valores inclusivos

Atitudes e crenças negativas são, na maioria das vezes, a causa principal do estigma e da discriminação, servindo como barreiras críticas à inclusão. A CRPD enfatiza que a inclusão busca acabar com esse estigma e essa discriminação, e que alcançar a equidade na educação requer o combate ativo às barreiras. A prática inclusiva faz exatamente isso.

Nossos valores afetam a educação de nossas crianças

Os valores defendidos pela família, pelos membros da comunidade, pelos gestores escolares, professores, pessoal de apoio educacional e formuladores de políticas afetam profundamente os alunos e sua educação, tanto de maneira ampla quanto específica. Para melhorar a educação de todos os alunos, é fundamental, em primeiro lugar, examinar nossos próprios valores.



Na sala de aula

Os valores de um professor moldam sua interação com os alunos, determinam se o ambiente de aprendizagem é acolhedor ou estressante e influenciam diretamente a elaboração dos planos de aula e das atividades de aprendizagem.



No sistema educacional

Os valores das autoridades educacionais orientam a elaboração de políticas que afetam todo o sistema educacional.

A educação inclusiva é frequentemente descrita como colocar os valores em prática. Ela se baseia na crença de que todas as crianças, incluindo aquelas afetadas pela lepra (doença de Hansen), têm seu lugar na escola e na comunidade. Valores como respeito, aceitação, igualdade e valorização da diversidade moldam a maneira como tratamos os outros e tomamos decisões. Quando esses valores orientam nossas ações, a inclusão pode prosperar; quando acreditamos que algumas crianças e jovens são menos capazes ou menos merecedores, surgem barreiras à participação e à aprendizagem.[2]

A **"Flor dos Valores"**,[3] mostrada na figura, apresenta exemplos de valores inclusivos. A compreensão desses valores pode variar entre escolas e comunidades. Para que a inclusão se torne realidade, é importante promover discussões abertas e construir um entendimento comum sobre o que valores como igualdade, respeito, participação e pertencimento significam na prática. Envolver gestores escolares, professores, pessoal de apoio educacional, alunos, pais e membros da comunidade nessas conversas ajuda a transformar valores em ação e é um primeiro passo importante na criação de escolas inclusivas.



Prática e Aplicação

Diga Sim

Assista ao vídeo de uma menina chamada Tima. Após assistir ao vídeo, reflita e responda às perguntas abaixo.

Link para o vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=DZdIiEhjJkw

- Que tipo de barreira(s) Tima enfrentou no início do vídeo?
- Como a escola ofereceu apoio a Tima para superar as barreiras que ela enfrentou inicialmente?
- Com base no vídeo, como você pode viabilizar ou ajudar na implementação da educação inclusiva?

Resumo da Unidade

- A educação inclusiva é um processo contínuo de atender e responder às diversas necessidades de todos os alunos, aumentando a participação na aprendizagem e reduzindo a exclusão dentro e fora da educação.
- A educação inclusiva não se resume apenas a colocar os alunos em escolas regulares; ela também exige a mudança de atitudes, práticas e políticas discriminatórias para que todos os alunos possam participar e aprender juntos.
- A educação inclusiva se baseia no direito fundamental de todas as crianças e jovens de participar de uma educação de qualidade, sem discriminação e em igualdade de condições com os demais.
- Os marcos internacionais que respaldam esse direito incluem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a Convenção sobre os Direitos da Criança, a Declaração de Salamanca, a CRPD e a Declaração de Incheon.
- A educação inclusiva baseada em direitos significa que todas as crianças devem poder frequentar a escola local, com o apoio necessário fornecido nas salas de aula regulares .
- Barreiras à inclusão podem surgir no âmbito da criança, da família, da escola, da comunidade ou do sistema educacional. Essas barreiras podem ser atitudinais, ambientais ou institucionais.
- As barreiras atitudinais incluem estigma, baixas expectativas, medo, estereótipos e crenças de que alguns alunos não pertencem às escolas regulares.

- As barreiras ambientais incluem prédios inacessíveis, falta de materiais didáticos acessíveis, informações inacessíveis e transporte precário.
- As barreiras institucionais incluem currículos rígidos, práticas segregadoras, falta de capacitação de professores, falta de serviços de apoio e exigências administrativas que excluem os alunos.
- A educação inclusiva se baseia em valores como respeito, aceitação, igualdade e valorização da diversidade. Esses valores influenciam a forma como as pessoas tratam os alunos e tomam decisões nas escolas, nas comunidades e no sistema educacional.
- Construir um entendimento comum dos valores inclusivos é um passo importante na criação de escolas inclusivas.

Recursos adicionais

1. **Inclusão e Educação: Todos significa todos, da UNESCO**: https://youtu.be/kEyjlqixq9c?si=PkVJNzxVs5nzFE7k
2. **Índice de**
   - Versão recente (recomendada): Booth, T., & Ainscow, M. (2016). . Índice de Inclusão, Versão recente (recomendada): Booth, T., & Ainscow, M. (2016). O Índice de Inclusão. Um guia para o desenvolvimento escolar orientado por valores inclusivos. 4ª edição. Cambridge: Rede do Índice de Inclusão.
   - Versão antiga: https://www.eenet.org.uk/resources/docs/Index%20English.pdf
   - Traduções em vários idiomas disponíveis aqui: https://csie.org.uk/index-for-inclusion/
3. **Webinar 1, Conceituando a Educação Inclusiva e Contextualizando-a na Missão da UNICEF.** Folheto técnico complementar: https://www.unicef.org/eca/sites/unicef.org.eca/files/IE_Webinar_Booklet_1_0.pdf
4. Este artigo online trata de um aluno que enfrenta barreiras à aprendizagem e de como essas barreiras foram superadas. **"Superando as barreiras à aprendizagem entre crianças com deficiência"** - https://www.un.org/en/transforming-education-summit/learning-among-children-disabilities-unicef-ghana –
5. **O que é a Educação Inclusiva e por que ela é importante para todas as crianças**: https://www.unicef.org/eca/sites/unicef.org.eca/files/IE_summary_accessible_220917_brief.pdf

Unidade 2.2 Ambientes de aprendizagem inclusivos e de apoio

Visão geral da unidade

Esta unidade apresenta os ambientes de aprendizagem inclusivos e de apoio como espaços seguros, acessíveis e , nos quais todos os alunos podem participar de forma significativa. Ela examina as principais características das salas de aula inclusivas, compara a pedagogia tradicional centrada no professor com abordagens inclusivas centradas no aluno e explora a mudança nos papéis dos professores como facilitadores, observadores, gestores e aprendizes. Por meio da reflexão, os educadores consideram como suas práticas em sala de aula podem fortalecer a participação, o sentimento de pertencimento e o apoio a alunos diversos, incluindo aqueles com deficiências, condições de saúde ou experiências de estigma e exclusão.

Objetivos de aprendizagem da unidade

1. Descrever as principais características de um ambiente de aprendizagem inclusivo e de apoio.
2. Comparar a pedagogia tradicional centrada no professor com a pedagogia inclusiva centrada no aluno.
3. Explicar como o ensino centrado no aluno promove a participação, o acesso e o sentimento de pertencimento para alunos diversos.
4. Refletir sobre os papéis do professor na criação de condições em sala de aula que ajudem todos os alunos a se sentirem seguros, respeitados e capazes de contribuir.

Estrutura da Unidade

2.2.1 O que caracteriza os ambientes de aprendizagem inclusivos

2.2.2 Principais diferenças entre as pedagogias tradicionais centradas no professor e as inclusivas centradas no aluno

2.2.3 Papel dos professores em uma sala de aula centrada no aluno

2.2.1 O que caracteriza ambientes de aprendizagem inclusivos

A educação inclusiva não se resume apenas a integrar todas as crianças e jovens na escola, mas também a garantir que cada aluno tenha uma experiência de aprendizagem segura, acessível, acolhedora e de alta qualidade. Os ambientes de aprendizagem incluem espaços físicos, cultura escolar, práticas docentes, materiais, apoio familiar e condições de aprendizagem online ou à distância, fatores que podem facilitar ou dificultar a participação inclusiva. Crianças e jovens podem estar em risco de exclusão por diversos motivos, incluindo gênero, deficiência, lepra (doença de Hansen) e outras condições de saúde, raça, pobreza, barreiras linguísticas, discriminação, conflitos ou acesso limitado a recursos.[4]

Um ambiente de aprendizagem inclusivo apoia tanto os alunos quanto os professores . É um espaço onde os professores desenvolvem continuamente novas formas de apoiar seus alunos, ao mesmo tempo em que aprendem com eles e uns com os outros.[5]

Características de um ambiente de aprendizagem inclusivo

Abaixo estão algumas características de um ambiente de aprendizagem inclusivo. Veja também a *Figura 1.*

- **Valores compartilhados e compromisso com a inclusão:** Toda a comunidade escolar promove o respeito, a equidade, a não discriminação e a valorização da diversidade.
- **Ensino centrado no aluno:** O ensino atende aos pontos fortes, às necessidades, aos interesses e às opiniões dos alunos, para que todas as crianças possam participar de forma significativa.
- **Espaços seguros e protetores:** Os alunos estão protegidos contra violência, castigos físicos, bullying, cyberbullying e outras formas de dano.
- **Participação ativa dos alunos:** Crianças e jovens participam de sua própria aprendizagem, relacionam as aulas com a vida cotidiana e constroem aspirações para o futuro.
- **Apoio aos professores:** Professores, administradores, e o pessoal de apoio educacional têm oportunidades, recursos e reconhecimento para continuar aprimorando as práticas pedagógicas inclusivas.
- **Abordagem escolar integrada:** Famílias, comunidades, líderes escolares, pessoal de apoio à educação e sindicatos da educação trabalham juntos para remover barreiras e apoiar todos os alunos.



FIGURA 1. Características de um ambiente de aprendizagem inclusivo (Fonte: UNESCO. 2015. "Kit de ferramentas para a criação de ambientes inclusivos e propícios à aprendizagem".)

2.2.2 Principais diferenças entre as pedagogias tradicionais centradas no professor e as inclusivas centradas no aluno[6]

A **pedagogia centrada no professor** considera os alunos principalmente como receptores de conhecimento. Em uma sala de aula centrada no professor, este conduz as aulas, dá instruções e decide se as respostas estão certas ou erradas. Espera-se que os alunos recebam informações e sigam instruções, sem contribuírem com suas próprias ideias.

A **pedagogia centrada no aluno** vê todos os alunos, incluindo aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) e alunos com deficiência, como participantes ativos em sua própria aprendizagem. Os alunos trazem para a sala de aula suas próprias experiências, ideias e formas de compreensão. Os professores apoiam isso ao conhecer os pontos fortes, as origens e os interesses dos alunos por meio da observação, de conversas cotidianas e da colaboração com outros professores.

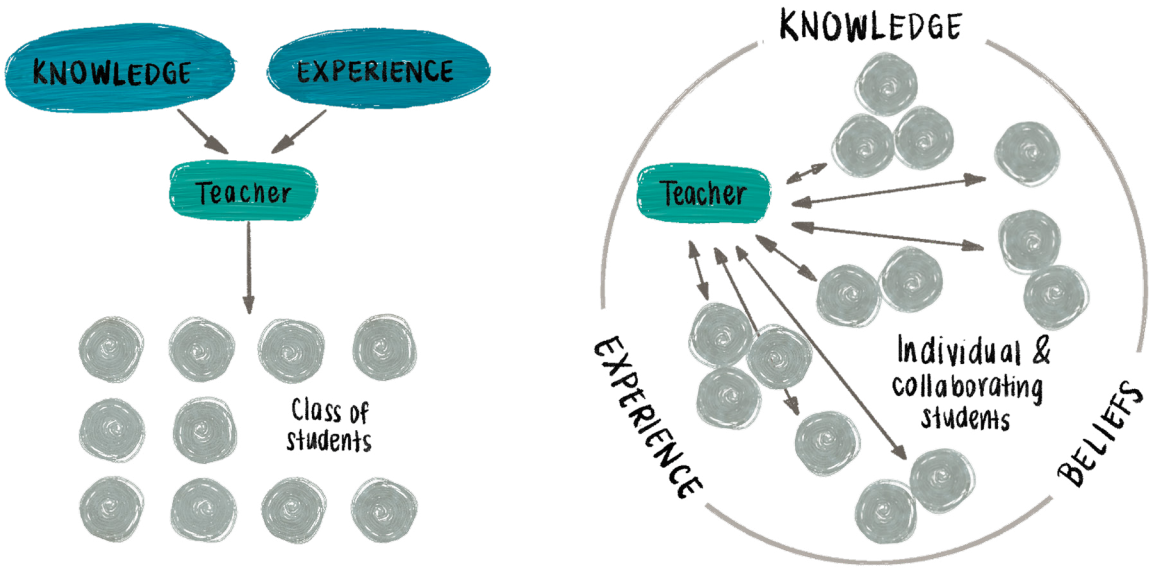


FIGURA 2. Pedagogia centrada no professor e centrada no aluno (Fonte da imagem: https://lo.unisa.edu.au/mod/book/view.php?id=610988&chapterid=102030)

A tabela abaixo destaca as principais diferenças entre salas de aula tradicionais, onde a pedagogia centrada no professor é comumente aplicada, e salas de aula inclusivas, onde a pedagogia centrada no aluno é frequentemente utilizada.

Característica[AdC1]	Sala de aula tradicional (Centrada no professor)	Sala de aula inclusiva (Centrada no aluno)
Fonte de conhecimento e informação	Todo o conhecimento e informação provêm do professor por meio de instrução direta, como aulas expositivas. São os professores que falam mais e conduzem as discussões em sala de aula.	O conhecimento provém tanto dos professores quanto dos alunos. Considera-se que os alunos têm suas próprias experiências e pensamentos e são capazes de dar sua própria contribuição para a aprendizagem. Essa contribuição dos alunos aprimora o processo de aprendizagem. Tanto os professores quanto os alunos podem iniciar discussões em sala de aula sobre um determinado tema ou conceito. Os professores facilitam e conduzem as discussões.
Envolvimento dos alunos	Os alunos recebem passivamente o conhecimento e as informações. Eles têm pouca participação nas discussões e atividades.	Os alunos estão ativamente envolvidos em sua própria aprendizagem. Eles criam conhecimento ao analisar informações coletadas a partir de experiências individuais e pesquisas, discussões entre colegas ou em sala de aula e colaboração entre colegas.
Posição do professor	O professor geralmente fica na frente da turma, fornecendo informações e dizendo aos alunos o que fazer.	O professor circula pela sala para orientar as discussões, supervisionar as atividades e oferecer apoio direto aos alunos que precisam.
Aprendizagem colaborativa	Os alunos trabalham principalmente de forma individual.	Os alunos costumam trabalhar com outros em duplas ou grupos.
Acessibilidade do conteúdo e das atividades	O professor atribui tarefas ou atividades para toda a turma, com base nas habilidades observadas e no nível de dificuldade de cada aluno. Podem ser feitos ajustes (por exemplo: aula expositiva para toda a turma seguida de uma discussão em grupo para um grupo de alunos que o professor acredita estar com dificuldades para compreender a aula).	O professor apresenta as informações de diferentes maneiras (por exemplo: aula expositiva seguida de uma apresentação em vídeo e uma atividade em grupo para toda a turma). Isso permite que os alunos, com diferentes estilos de aprendizagem e necessidades de apoio, compreendam as informações. O professor oferece várias opções para que os alunos demonstrem como compreenderam o tema.

Característica[AdC1]	Sala de aula tradicional (Centrada no professor)	Sala de aula inclusiva (Centrada no aluno)
Foco na aula	Há ênfase nas provas avaliadas. Podem ser respostas a uma pergunta, fichas de exercícios preenchidas ou projetos entregues. Apenas a resposta correta recebe um ponto.	Todo o processo de aprendizagem é valorizado. Tanto as respostas corretas quanto as erradas são importantes. Os alunos analisam seu processo de aprendizagem e tomam consciência de como chegaram às respostas e onde podem melhorar.
Apresentação dos trabalhos dos alunos	Apenas "os melhores" trabalhos concluídos dos alunos são exibidos em sala de aula.	Todos os trabalhos dos alunos são exibidos, incluindo resultados incompletos ou imperfeitos. Isso permite que os alunos reconheçam seu progresso.
Avaliação	A avaliação é usada para dar notas aos alunos. As técnicas de avaliação geralmente são as mesmas para todos os alunos.	"A avaliação é usada para analisar as necessidades dos alunos e ajudar o professor a desenvolver as aulas. O objetivo é oferecer um melhor apoio ao aluno. A avaliação (como a autoavaliação, o feedback entre pares e a reflexão) é usada para ajudar os alunos a monitorar sua própria aprendizagem e a definir suas próprias metas de aprendizagem. Os alunos podem escolher entre uma variedade de atividades para demonstrar o que aprenderam."

A Unidade 2.4 explora mais a fundo a pedagogia centrada no aluno e como ela é aplicada em uma sala de aula inclusiva.

2.2.3 O Papel dos Professores em uma Sala de Aula Centrada no Aluno[7]

Ensinar em uma sala de aula centrada no aluno exige que repensemos o papel dos professores e a forma como vemos os alunos. Frequentemente, eles desempenham múltiplas funções na sala de aula. Algumas delas são apresentadas na Figura 3. Os professores podem ter que desempenhar todas essas funções e alternar entre elas à medida que respondem a diferentes situações e necessidades dos alunos.



FIGURA 3. O papel dos professores em uma sala de aula centrada no aluno.

Conforme mostra a *Figura 3,* essas múltiplas funções refletem a transição de uma sala de aula tradicional centrada no professor — na qual os professores são principalmente a fonte de informação e os tomadores de decisão — para uma sala de aula centrada no aluno, na qual os professores facilitam a aprendizagem em resposta às necessidades dos alunos. Em vez de apenas orientar atividades, avaliar resultados ou definir o sucesso, os professores alternam entre funções ao conduzir discussões, apoiar a participação, oferecer opções e ajudar os alunos a demonstrar compreensão de diferentes maneiras. Dessa forma, os alunos são reconhecidos como participantes ativos, enquanto os professores adaptam seu apoio aos pontos fortes, interesses, experiências e necessidades dos alunos.

A representação e os modelos a serem seguidos são importantes

Professores e profissionais de apoio educacional com deficiência também podem promover a inclusão por meio de sua presença e participação na vida escolar. Quando os alunos veem adultos com deficiência trabalhando, liderando, apoiando outras pessoas e contribuindo para a comunidade escolar, isso ajuda a desafiar estereótipos e mostra que pessoas com deficiência podem levar uma vida plena e produtiva quando as barreiras são removidas e o apoio adequado é oferecido. Esses modelos também podem incentivar alunos com deficiência a imaginar possibilidades para seus próprios futuros.

Experimente!

Reflita sobre seu papel na sala de aula

A transição de uma sala de aula centrada no professor para uma centrada no aluno não acontece da noite para o dia; ela começa com a forma como nos vemos como professores e como vemos os alunos à nossa frente.

Reserve alguns minutos para refletir sobre sua própria prática usando as perguntas abaixo. Não há respostas certas ou erradas. Este é um ponto de partida para pensar em como você já promove a inclusão e em que áreas você gostaria de se aprimorar.

Em sua sala de aula ou escola, com que frequência você:	Sempre	Às vezes	Raramente	Ainda não
1. Permite que os alunos compartilhem suas próprias ideias, experiências ou opiniões durante as aulas	☐	☐	☐	☐
2. Circula pela sala para verificar como estão os alunos individualmente durante as atividades	☐	☐	☐	☐

Em sua sala de aula ou escola, com que frequência você:	Sempre	Às vezes	Raramente	Ainda não
3. Percebe quando um aluno parece desmotivado, desconfortável ou excluído	☐	☐	☐	☐
4. Incentiva os alunos mais calados ou retraídos a participar	☐	☐	☐	☐
5. Certifica-se de que todos os alunos, inclusive aqueles com condições de saúde ou deficiências, sintam que fazem parte da turma	☐	☐	☐	☐
6. Exibe todos os trabalhos dos alunos, não apenas os melhores resultados	☐	☐	☐	☐
7. Trata erros ou respostas erradas como parte do processo de aprendizagem				

Reflexão:
Qual papel — facilitador, gestor, observador, aluno — lhe parece mais natural? Qual parece mais desafiador e por quê?

_____

_____

Existe algum aluno em sua turma que talvez não esteja participando plenamente? O que poderia estar impedindo essa participação?

_____

_____

Para sindicatos da educação:
Pense nos professores do seu sindicato ou da comunidade escolar. Que tipo de apoio, treinamento ou reconhecimento os ajudaria a adotar práticas mais centradas no aluno?

_____

_____

Estratégias específicas de ensino para salas de aula inclusivas e centradas no aluno serão exploradas na Unidade 4. Estratégias Centradas no Aluno.

Practice and Application

A. Uma Pequena Mudança para a Inclusão

Objetivo: Identificar uma medida simples e prática que um professor possa adotar para tornar sua sala de aula mais inclusiva.

Para professores:

1. Escolha um aluno ou grupo que talvez não esteja participando plenamente.
2. Identifique uma barreira, como a disposição dos lugares, materiais, instruções, trabalho em grupo ou ambiente da sala de aula.
3. Tente fazer uma pequena mudança esta semana para ajudá-los a participar.
4. Reflexão: O que mudou? O que você vai continuar fazendo ou ajustar?

Para sindicatos de educação:

1. Pergunte aos professores o que dificulta o ensino inclusivo.
2. Escolha um tipo de apoio de que os professores precisam, como treinamento, tempo para planejamento, materiais, troca de experiências entre colegas ou reconhecimento.
3. Chegue a um acordo sobre uma ação sindical a ser iniciada neste mês.
4. Reflexão: Que tipo de apoio podemos oferecer agora para ajudar os professores a criar salas de aula inclusivas?

B. Identifique a Pedagogia

Objetivo: Reconhecer práticas centradas no professor e centradas no aluno em seu próprio ensino.

1. Pense em uma aula que você ministrou esta semana. Usando a tabela comparativa da Seção 1.2, identifique:
   - Um momento que refletiu a pedagogia centrada no professor
   - Um momento que refletiu a pedagogia centrada no aluno
2. Perguntas para reflexão:
   - Essa foi uma escolha deliberada ou aconteceu automaticamente?
   - O que seria necessário para transformar um momento centrado no professor em uma abordagem mais centrada no aluno da próxima vez?

Resumo da Unidade

- A pedagogia centrada no aluno considera todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência, como participantes ativos em seu próprio aprendizado
- A pedagogia centrada no aluno exige que repensemos o papel dos professores e a forma como vemos as crianças. O conhecimento, a informação e a tomada de decisões também vêm dos alunos, não apenas do professor.
- Os professores frequentemente desempenham múltiplos papéis em uma sala de aula centrada no aluno – facilitador, observador, gestor, aluno. Os professores podem desempenhar todos esses papéis e alternar entre eles à medida que respondem às diferentes situações e necessidades dos alunos.
- Os alunos estão ativamente envolvidos em sua educação. Eles têm autonomia para tomar decisões em sala de aula sobre como desejam aprender e como querem demonstrar o que aprenderam.

Recursos adicionais

1. **Ambientes de aprendizagem acessíveis e adequados às crianças: Kit de Ferramentas "Abraçando a Diversidade" da UNESCO.** https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000137522
2. Webinar 12 da UNICEF, **Professores, Ensino e Pedagogia Inclusivos e Centrados na Criança.** Folheto Técnico Complementar: https://www.unicef.org/lac/media/7736/file
3. 10 vídeos curtos e manuais - Os vídeos mostram algumas das **maneiras pelas quais os alunos podem ser incluídos ou excluídos durante um dia letivo típico.**: https://www.eenet.org.uk/the-10-videos-and-manuals/

Unidade 2.3 Reconhecendo, respondendo e prevenindo a violência nas escolas

Visão geral da unidade

A Unidade 2.3 ajuda os educadores a reconhecer, responder e prevenir a violência relacionada ao estigma, a discriminação e o bullying nas escolas. Ela explica diferentes formas de violência escolar, sinais de alerta de sofrimento e alunos que podem estar em maior risco devido a deficiência, condições de saúde, gênero, condição de minoria, ou outras formas de exclusão. A unidade enfatiza a denúncia segura, o apoio imediato às vítimas, a disciplina positiva, respostas restaurativas e informadas sobre o trauma, políticas claras e canais de encaminhamento, além da colaboração com famílias, comunidades, líderes escolares e sindicatos da educação para construir ambientes de aprendizagem livres de violência.

Objetivos de Aprendizagem da Unidade

1. Identificar formas físicas, psicológicas, sexuais e institucionais de violência e bullying em ambientes escolares.
2. Reconhecer sinais de alerta de violência, sofrimento, estigma, discriminação e exclusão entre os alunos.
3. Responder à violência e ao bullying por meio de denúncias seguras, apoio imediato, canais de encaminhamento e abordagens informadas sobre o trauma.
4. Aplicar disciplina positiva e estratégias restaurativas que promovam a responsabilização, aprendizagem e mudança de comportamento sem humilhação ou danos.
5. Identificar ações baseadas no currículo, em políticas e colaborativas que ajudem a prevenir a violência e a fortalecer culturas escolares seguras e inclusivas.

Estrutura da Unidade

2.3.1 Tipos de violência nas escolas

2.3.2 Como reagir à violência

2.3.3 Reflexão sobre o papel do professor na manutenção de um ambiente de aprendizagem seguro e livre de violência

2.3.4 Prevenção da violência por meio do currículo e da colaboração

2.3.1 Tipos de violência nas escolas[8]

O Módulo 1 mostrou como o estigma e a discriminação podem se manifestar nas escolas. Frequentemente, eles levam à violência. As crianças geralmente são as responsáveis por causar o dano. Mas pessoas em posições de autoridade, como professores, gestores e pessoal de apoio educacional, também podem estar envolvidas.

A violência escolar assume três formas: física, psicológica e sexual.

- **Violência física** inclui agressões físicas, brigas, castigos físicos e bullying físico.
- **Violência psicológica** inclui abuso verbal, abuso emocional, exclusão social e bullying psicológico.
- **Violência sexual** inclui atos sexuais forçados ou tentativas de atos sexuais, toques indesejados, assédio sexual e bullying sexual.

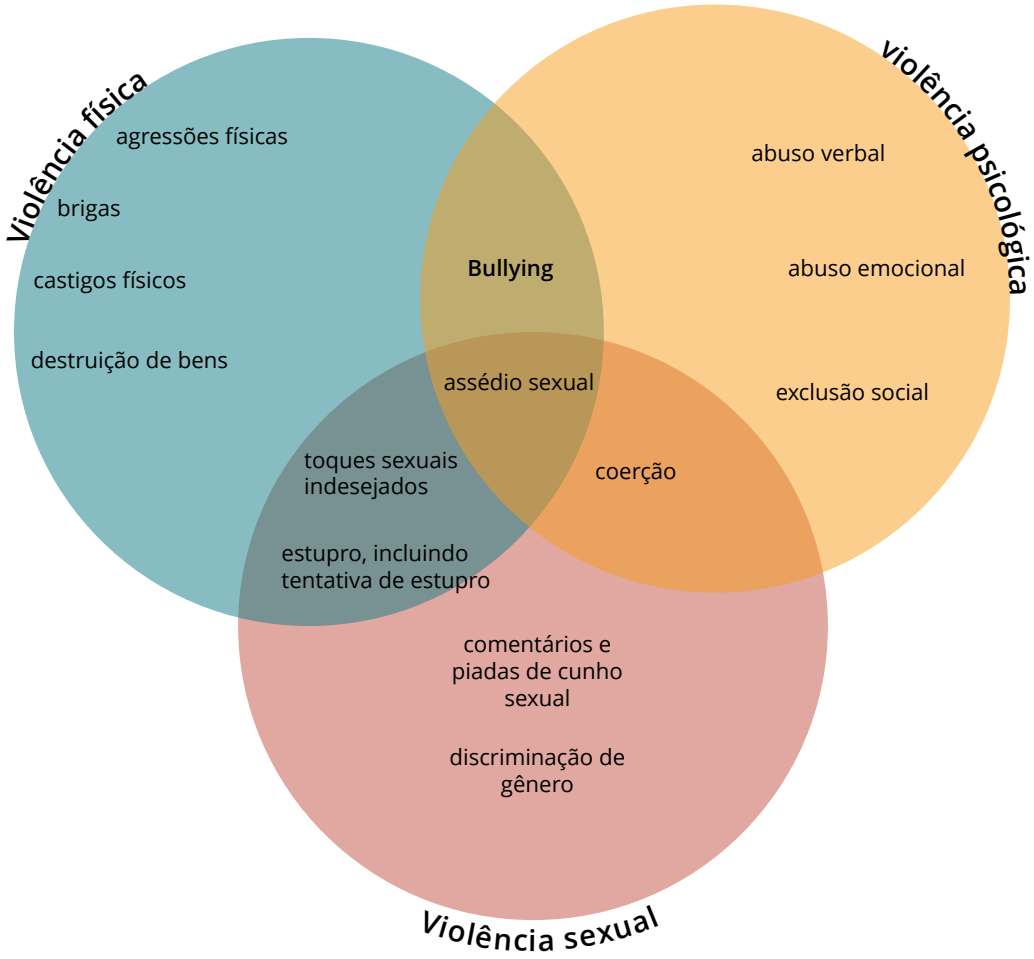


FIGURA 4. Estrutura conceitual para a violência escolar e a intimidação (Fonte: UNESCO, "Por trás dos números: Acabar com a violência escolar e a intimidação")

Essas três formas descrevem a violência entre pessoas, algo que uma pessoa faz a outra. No entanto, a violência não é apenas interpessoal. A violência nas escolas também pode vir da própria escola, por meio de suas políticas, práticas e decisões cotidianas.

Violência institucional inclui "políticas, práticas e processos educacionais que colocam em desvantagem ou excluem certos grupos de alunos.. [incluindo] conteúdo curricular tendencioso, violência normalizada nas culturas escolares, apoio insuficiente a alunos vulneráveis, códigos de vestimenta discriminatórios ou alocação desigual de recursos. "[9]

Recusar-se a matricular uma criança afetada pela lepra (doença de Hansen), colocar alunos em turmas separadas por causa de uma condição de saúde ou deficiência, ou rotineiramente deixar um aluno de fora das atividades escolares são todas formas de violência institucional. Nenhuma pessoa em particular pode ter a intenção de causar dano, mas as próprias práticas da escola são a causa disso. Esse tipo de violência costuma ser mais difícil de reconhecer do que uma briga física ou um insulto, justamente porque pode parecer "simplesmente como as coisas funcionam", em vez de um incidente.

As definições abaixo são da UNESCO[10] e da UNICEF. Leis e políticas podem definir esses termos de maneira ligeiramente diferente, dependendo do seu país. Sempre verifique a política da sua escola ou a política nacional.

1. **Bullying** - Bullying é um comportamento repetido, indesejado, e prejudicial. Há também um desequilíbrio de poder entre a pessoa que pratica o bullying e a pessoa que sofre o bullying. Para ser considerado bullying, deve ocorrer pelo menos uma ou duas vezes por mês.
    - **Bullying físico** - Golpes repetidos, chutes, empurrões, trancar alguém dentro de um ambiente fechado, roubar ou destruir pertences, ou forçar alguém a fazer coisas. Isso difere de uma briga física ou ataque pontual.
    - **Bullying psicológico** - Xingamentos, provocações desagradáveis, ser excluído de propósito, ser ignorado ou ser alvo de mentiras e boatos.
    - **Assédio sexual** - Piadas, comentários ou gestos de cunho sexual dirigidos a um aluno. Em alguns países, isso é definido legalmente como assédio sexual. Neste kit de ferramentas, chamamos isso de assédio sexual. É uma forma de violência sexual.
    - **Cyberbullying** - Bullying por meio de telefones ou da internet. Isso inclui mensagens, postagens, e-mails ou mensagens de texto ofensivas; compartilhamento de fotos embaraçosas sem permissão; e qualquer comportamento prejudicial por meio de ligações, mensagens de texto, redes sociais ou salas de bate-papo.

2. **Brigas físicas** - Uma briga entre duas pessoas com força semelhante que decidem lutar uma contra a outra. Isso pode acontecer entre alunos ou entre um aluno e qualquer outra pessoa — um estranho, um membro da família, um parceiro ou um amigo.

3. **Ataques físicos** - Quando uma ou mais pessoas batem ou agridem alguém usando uma arma, como um bastão, uma faca ou uma arma de fogo.

4. **Violência sexual** - A violência sexual inclui:

- Relação sexual forçada ou qualquer outro ato sexual indesejado
- Tentativas de atos sexuais sem consentimento
- Toques sexuais indesejados
- Outros tipos de abuso sexual sem contato físico, como ameaças de violência sexual, exposição ou assédio sexual

5. **Violência física por parte de profess** - O uso intencional de força física que possa causar morte, deficiência, lesão ou dano. Isso se aplica mesmo que seja feito com o intuito de punir.

6. **Castigo corporal por professores** - Qualquer punição que utilize força física com o objetivo de causar dor ou desconforto, mesmo que leve. Isso geralmente significa bater em uma criança com a mão ou com um objeto. Também pode incluir chutar, sacudir, arremessar ou arranhar uma criança.

7. **Assédio** - Palavras, gestos ou ações que incomodam, alarmam, ofendem, rebaixam, intimidam, menosprezam, humilham ou constrangem um aluno por causa de quem ele é.[11] Por exemplo, por causa de uma deficiência, uma condição de saúde como a lepra (doença de Hansen), sua raça, gênero ou outra característica. Ao contrário do assédio sexual, o assédio não precisa ser de natureza sexual para ser considerado como tal, e, ao contrário do bullying, não precisa ocorrer repetidamente. Um único incidente pode constituir assédio se estiver ligado à identidade ou às circunstâncias do aluno.

Quando o bullying e o assédio se sobrepõem

Provocações, xingamentos e exclusão podem ser, ao mesmo tempo, bullying e assédio. Por exemplo, um aluno repetidamente ridicularizado por causa de sinais visíveis de lepra (doença de Hansen) está sofrendo bullying psicológico e assédio. A diferença está no que cada termo exige para ser considerado como tal: o bullying requer repetição e um desequilíbrio de poder, enquanto o assédio requer apenas que a conduta esteja ligada à identidade do aluno, mesmo que seja apenas uma vez. Isso é importante na prática: um professor não deve esperar que as provocações sobre a lepra (doença de Hansen) ou deficiência de um aluno ocorram "vezes suficientes" para levá-las a sério. Se estiver ligado à identidade do aluno, já é assédio, independentemente de ter ocorrido antes ou não.

Fatores que influenciam a violência nas escolas[12]

A violência e o bullying em ambientes educacionais são impulsionados por uma combinação de fatores individuais, familiares, escolares e sociais:

- **Ambiente escolar** - Um ambiente escolar negativo, caracterizado por alta competitividade, tolerância a comportamentos antissociais, falta de regras claras e apoio insuficiente dos professores, aumenta significativamente a prevalência do bullying.
- **Ambiente familiar** - Relacionamentos familiares de baixa qualidade, experiências de violência doméstica, viver com um dos pais ou com parentes em vez de ambos os pais e níveis mais baixos de escolaridade dos pais estão associados a riscos mais elevados de vitimização.
- **Determinantes socioeconômicos** - A pobreza e o nível socioeconômico mais baixo expõem os

alunos a determinantes sociais mais amplos de violência e estresse.

- **Normas Sociais e Dinâmicas de Poder** - Normas de gênero rígidas, estereótipos e dinâmicas de poder desiguais dentro de uma sociedade frequentemente se estendem às escolas, impulsionando a violência de gênero no ambiente escolar.

Quem corre risco de sofrer violência?[13]

Embora qualquer aluno possa se tornar vítima de violência escolar, as evidências mostram que o risco não é distribuído igualmente. Os grupos de maior risco incluem:

- **Alunos percebidos como "diferentes"** - Qualquer pessoa que se destaque da maioria em seu ambiente escolar.
- **Alunos LGBTQ+** - Esses alunos têm de três a cinco vezes mais chances de sofrer bullying e violência escolar.
- **Crianças e jovens com deficiência** - Eles correm alto risco, sendo que meninas com deficiência têm até 10 vezes mais chances de sofrer violência de gênero.
- **Grupos minoritários** - Minorias étnicas, linguísticas, e culturais, bem como alunos migrantes.
- **Riscos específicos de gênero** - Meninos geralmente têm maior probabilidade de sofrer violência física e bullying físico, enquanto meninas são mais frequentemente alvo de violência psicológica, violência sexual e assédio online. Consulte também o Módulo 4, que explora mais a fundo o estigma e a discriminação contra mulheres e meninas.

Alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) enfrentam algumas das formas mais graves e menos visíveis de violência escolar. Há relatos documentados de crianças sendo expulsas da escola, separadas de outros alunos, rejeitadas pelos colegas e vítimas de bullying e abuso não apenas por parte dos colegas de classe, mas também por familiares, vizinhos e até mesmo professores.[14] Meninas afetadas pela lepra (doença de Hansen) foram identificadas como especialmente vulneráveis à discriminação e à violência. Esse risco se estende aos alunos cujos pais ou familiares sejam afetados pela lepra (doença de Hansen), mesmo quando o próprio aluno não apresenta sinais da doença.

Reconhecendo sinais de alerta de violência[15]

Embora algumas formas de violência (como o abuso físico grave) deixem marcas evidentes, outras (como o bullying psicológico) são facilmente ocultadas. Os professores devem estar atentos para reconhecer os sinais silenciosos de sofrimento, já que pouquíssimas crianças pedirão ajuda ativamente aos adultos ou denunciarão o abuso aos funcionários da escola. A reação de uma criança à violência pode ser imediata ou tardia, e a gravidade de suas respostas varia amplamente de acordo com sua origem cultural. Acima de tudo, a maneira como uma criança processa e manifesta o trauma depende fortemente de sua idade.

Crianças pequenas (até 5 anos)

Nessa fase, a reação da criança é fortemente influenciada pela forma como seus cuidadores principais reagem ao estresse. Os sinais de alerta em crianças pequenas incluem:

- **Instabilidade emocional:** Irritabilidade atípica, birras de raiva frequentes ou grande dificuldade para se acalmar.
  Hiperativação: Parecer constantemente tenso ou se assustar com facilidade.
- **Comportamentos regressivos:** Retorno a hábitos típicos de crianças mais novas, como chupar o dedo, fazer xixi na cama ou um medo repentino e intenso do escuro.
- **Problemas de apego: Apego excessivo e ansioso aos cuidadores.**
- **Brincadeiras repetitivas**: Recriar obsessivamente o evento estressante repetidas vezes durante as brincadeiras ou em conversas.

Crianças do Ensino Fundamental I e II (6 a 12 anos)

Crianças dessa faixa etária frequentemente manifestam seu sofrimento por meio de alterações em suas rotinas diárias, tanto na escola quanto em casa. Fique atento a:

- **Queda no desempenho escolar:** Incapacidade repentina de prestar atenção, se concentrar ou manter o desempenho escolar habitual.
- **Retraimento emocional:** Tornar-se atipicamente quieto, choroso, triste ou pedir com frequência para ficar sozinho.
- **Verbalização de medos:** Falar abertamente sobre sentimentos assustadores, ideias mórbidas ou preocupações persistentes.
- **Explosões de comportamento:** Arrumar briga com colegas ou adultos, agir de forma desafiadora e se meter em encrencas com mais frequência do que antes.
- **Mudanças físicas**: Alterações perceptíveis e repentinas no apetite, como comer significativamente mais ou menos do que o habitual.

Adolescentes (13 a 18 anos)

Os adolescentes costumam apresentar as mudanças comportamentais mais complexas, às vezes mascarando seu trauma com rebeldia ou isolamento extremo. Dependendo de suas circunstâncias, os adolescentes podem apresentar:

- **Obsessão ou evitação:** falar constantemente sobre o evento traumático ou negar agressivamente que ele tenha ocorrido.
- **Rebeldia e agressividade:** recusar-se a seguir regras, responder de forma insolente com frequência ou apresentar um aumento repentino na agressividade física ou verbal.
- **Isolamento severo:** Desejo de ficar completamente sozinho, afastar-se das atividades favoritas e distanciar-se abruptamente dos amigos próximos.
- **Comportamentos de alto risco:** Envolver-se em atividades perigosas, experimentar drogas ou álcool, fugir de casa ou ter problemas com a justiça.
- **Esgotamento físico:** Reclamar de fadiga constante, dormir significativamente mais ou menos do que o habitual e sofrer com pesadelos frequentes.

2.3.2 Resposta à violência[16]

Os professores devem estar preparados para responder de forma rápida e adequada quando testemunharem um incidente de violência na escola ou receberem informações de que um incidente ocorreu. Uma resposta eficaz requer políticas e procedimentos escolares claros para relatar incidentes, proteger as pessoas afetadas e encaminhar os casos aos serviços e autoridades competentes (ver quadro sobre Características de uma política eficaz de segurança escolar e prevenção da violência). Responder à violência interpessoal e institucional vai além da denúncia. As escolas devem garantir que as vítimas e suas famílias recebam o apoio necessário e tomar medidas para evitar que incidentes semelhantes se repitam. Quando as crianças são responsáveis por comportamentos prejudiciais, as respostas devem se concentrar na disciplina positiva, na responsabilização, aprendizado e mudança de comportamento, em vez de apenas punição

1. **Criar mecanismos seguros de denúncia** - Garantir que os alunos tenham formas seguras, confidenciais e acessíveis de denunciar violência ou bullying sem medo de retaliação.

   Exemplos:

   - Instalar uma "caixa de preocupações" trancada e anônima ou caixa de coleta em um local discreto (como a biblioteca da escola ou a enfermaria), onde os alunos possam deixar bilhetes.
   - Designar professores ou orientadores específicos como "Contatos Seguros" oficiais ", a quem os alunos saibam que podem recorrer com confiança.
   - Criar um número de SMS simples e confidencial ou um formulário online para que alunos mais velhos possam denunciar incidentes com segurança.

2. **Oferecer apoio imediato às vítimas** - Intervir rapidamente para interromper a violência e garantir a segurança física e emocional imediata da vítima. Oferecer apoio psicossocial e aconselhamento para ajudá-la a processar o ocorrido e se recuperar.

   Exemplos:

   - Prestar primeiros socorros psicológicos — levando o aluno para um espaço tranquilo e seguro, longe dos colegas, imediatamente após o incidente, para permitir que ele se acalme.
   - Encaminhar o aluno a um orientador escolar para uma conversa estruturada a fim de processar o ocorrido, em vez de simplesmente mandá-lo de volta para a sala de aula.
   - Criar um plano de segurança temporário, como permitir que a vítima saia das aulas 5 minutos mais cedo para evitar o agressor nos corredores.

   Veja também Anexo 2: Guia Rápido: Como lidar com Alunos que Sofreram Violência

3. **Foco na Reabilitação dos Agressores** - Em vez de recorrer exclusivamente a punições severas ou expulsões, use medidas disciplinares construtivas. O objetivo é focar na reabilitação, corrigir comportamentos inadequados e ensinar ao agressor como resolver conflitos de forma positiva.

   Exemplos:

- Utilizar círculos de 'justiça restaurativa', nos quais um mediador treinado ajuda o agressor a compreender o impacto emocional e físico direto de suas ações sobre a vítima.
- Exigir a participação em oficinas de desenvolvimento de empatia ou controle da raiva, em vez de simplesmente aplicar uma suspensão fora da escola.
- Designar um serviço comunitário supervisionado e um significativo dentro da escola para ajudar o agressor a reconstruir uma conexão positiva com seu ambiente de aprendizagem.

Para mais informações, consulte o Anexo 3: Lidando com agressores de violência

4. **Incentivar a ação segura das testemunhas** - A maioria dos incidentes de violência e bullying ocorre na presença de outros alunos, mas as testemunhas muitas vezes não intervêm. Ensine aos alunos maneiras seguras e adequadas de apoiar seus colegas, como recusar-se a incentivar o comportamento, verificar como está e apoiar o aluno afetado, ajudá-lo a se deslocar para um local seguro, procurar ajuda de um adulto de confiança, relatar o incidente e dar o exemplo de um comportamento respeitoso e inclusivo. Nunca se deve esperar que os alunos intervenham se isso colocar em risco sua própria segurança.

Veja também Anexo 4: Apoio a testemunhas e alunos que presenciam violência

5. **Entrar em contato com serviços externos** - Nem todas as questões podem ser tratadas exclusivamente pela escola. Incidentes graves, tais como violência física ou sexual grave, podem exigir o encaminhamento às autoridades legais, serviços médicos e psicossociais ou outros serviços de apoio especializados. As escolas devem seguir as leis nacionais e os procedimentos de proteção estabelecidos. Estabeleça canais de encaminhamento sólidos para conectar os alunos aos serviços de saúde, proteção à criança e assistência social nos casos que exijam intervenção profissional especializada.

   Exemplos:

   - Manter uma lista de contatos atualizada e acessível das agências locais de proteção à criança e dos assistentes sociais para casos envolvendo abuso ou negligência graves.
   - Estabelecer canais formais de encaminhamento com um posto de saúde local para que as vítimas possam receber avaliações médicas adequadas rapidamente.
   - Estabelecer parcerias com profissionais externos de saúde mental para alunos que apresentem sinais de trauma grave e de longa duração que excedam a capacidade do orientador escolar.

6. **Envolver os pais e a comunidade** - Envolver os pais ou responsáveis tanto da vítima quanto do agressor. Fortalecer as habilidades parentais e garantir uma resposta unida e solidária em casa é fundamental para evitar que o comportamento se repita.

   Exemplos:

   - · Realizar reuniões estruturadas de mediação com os pais ou responsáveis tanto da vítima quanto do agressor para garantir uma abordagem unificada.
   - · Oferecer oficinas sobre parentalidade positiva e disciplina não violenta na escola para ajudar os responsáveis a reforçar comportamentos seguros em casa.
   - · Envolver líderes comunitários ou religiosos locais para falar em assembleias escolares,

reforçando que a violência e o bullying são inaceitáveis tanto dentro quanto fora da escola.

Quando ocorre discriminação ou violência institucional, como o caso de um aluno ter sua matrícula recusada, ser pressionado a se transferir, ou for excluído por causa da lepra (doença de Hansen) ou de alguma deficiência, pode ser necessário levar o caso para instâncias além da escola. Além de recorrer aos procedimentos de reclamação da escola e das autoridades educacionais, as famílias podem se beneficiar do encaminhamento a serviços de proteção à criança, instituições de direitos humanos ou organizações de aconselhamento jurídico e assistência jurídica, quando disponíveis.

Características de uma política eficaz de segurança escolar e prevenção da violência

Uma boa política de segurança escolar deve:

- Estar alinhada às leis nacionais e normas internacionais sobre proteção infantil, segurança escolar e prevenção da violência.
- Definir claramente as formas de violência abrangidas, incluindo violência física, emocional, sexual e online, bem como a violência entre alunos e entre adultos e alunos.
- Identificar as questões que a política visa abordar e explicar por que elas são importantes.
- Estabelecer metas claras e resultados esperados para a criação de um ambiente de aprendizagem seguro e inclusivo.
- Estabelecer regras e responsabilidades claras para todos os membros da comunidade escolar.
- Promover a equidade e a não discriminação na forma como as regras são aplicadas e os incidentes são tratados.
- Descrever as consequências e as medidas corretivas em caso de violação das regras.
- Oferecer mecanismos de denúncia seguros e acessíveis e explicar os canais de encaminhamento para serviços adicionais de apoio ou proteção, quando necessário.

Divulgação e Compreensão da Política

Uma política só pode ser eficaz se as pessoas a conhecerem e compreenderem. As escolas devem garantir que a política seja amplamente divulgada e discutida regularmente.

- Exiba a política em locais visíveis e acessíveis.
- Apresente e discuta a política com os alunos no início de cada ano letivo. • Informe os pais e responsáveis por meio de reuniões, orientações e eventos escolares.
- Inclua lembretes e atividades de conscientização ao longo do ano.
- Garanta que os funcionários, alunos e famílias saibam como relatar preocupações e buscar apoio.

Observação: Utilize formatos adequados para crianças e acessíveis, para que todos os alunos, incluindo aqueles com deficiências e com condições de saúde como a lepra (doença de Hansen), possam compreender a política e conhecer seus direitos e responsabilidades.

Veja também o Anexo 5: Políticas claras e abrangentes sobre escolas seguras e livres de violência

Fonte: OMS. (2019). Prevenção da violência no ambiente escolar: um manual prático.

2.3.3 Reflexão sobre o papel do professor na manutenção de um ambiente de aprendizagem seguro e livre de violência[17]

Os professores atuam como os principais protetores dos alunos. Suas ações cotidianas definem o tom de toda a sala de aula.

- **Estabelecimento de expectativas** - Os professores são responsáveis por estabelecer padrões e regras comportamentais claras no início do ano letivo.
- **Modelagem de comportamento** - Um ambiente de aprendizagem seguro exige que os professores demonstrem ativamente uma comunicação não violenta e respeitosa. Ao demonstrar como ouvir com respeito e resolver divergências sem agressividade, eles ensinam os alunos a fazer o mesmo .
- **Intervenção precoce** - Por interagirem diariamente com os alunos, os professores estão em melhor posição para identificar problemas logo no início, impedir o bullying antes que ele se instale, e impedir a escalada da violência.

A importância de refletir sobre os valores dos professores

As práticas docentes são frequentemente moldadas por normas sociais, culturais e de gênero, bem como por suas próprias experiências e crenças. Essas influências podem afetar a maneira como os professores interagem com os alunos, gerenciam o comportamento e respondem às diferenças, levando, às vezes, a tratamento desigual, discriminação ou ao reforço de estereótipos. É importante que os professores reflitam sobre como essas normas podem influenciar sua prática e promovam a equidade e a inclusão na sala de aula.

O desenvolvimento profissional deve ajudar os professores a:

- Reconhecer como as normas sociais, culturais e de gênero influenciam o ensino, o comportamento e a participação na escola.
- Compreender como as práticas pedagógicas e os materiais didáticos podem reforçar ou desafiar os estereótipos.
- Identificar e responder à violência, ao bullying e à discriminação relacionados a gênero, deficiência, etnia ou outras formas de exclusão.
- Aplicar as políticas e procedimentos escolares para prevenir e responder à violência e à discriminação.
- Construir e fortalecer redes de colaboração com pais e responsáveis, colegas professores e pessoal de apoio educacional para compartilhar informações, coordenar o apoio e responder de forma mais eficaz às necessidades dos alunos.

Mudança para a Disciplina Positiva

Para criar um espaço livre de violência, os educadores devem ter tempo e espaço para refletir e desaprender preconceitos arraigados ou mentalidades punitivas. Mudar essas crenças fundamentais permite que os professores substituam o castigo físico e a humilhação por empatia e disciplina positiva.

Veja também Anexo 6: Como os professores podem ser apoiados. Para informações sobre comportamentos desafiadores ou perturbadores na sala de aula, consulte Anexo 7: Compreendendo e respondendo a comportamentos desafiadores

2.3.4 Prevenção da violência por meio do currículo e da colaboração[18]

Todo aluno tem o direito fundamental a uma educação livre do medo e da violência. No entanto, a violência, o bullying e o estigma profundamente enraizado em torno de condições marginalizadas — como a lepra (doença de Hansen) ou deficiências — podem rapidamente transformar as escolas de refúgios seguros em ambientes hostis. A prevenção da violência exige muito mais do que apenas medidas punitivas reativas após a ocorrência de um incidente. Exige uma "abordagem escolar integrada" proativa. Isso significa que a prevenção da violência não pode ser uma aula única e isolada; ela deve ser ativamente integrada ao currículo, à cultura escolar cotidiana e à comunidade em geral.

Atividades baseadas no currículo (A experiência do aluno)

A prevenção começa na sala de aula, capacitando os alunos com as ferramentas necessárias para reconhecer a violência, lidar com conflitos de forma pacífica, buscar ajuda e apoio e questionar normas prejudiciais. Para ser altamente eficaz, esse currículo deve crescer e evoluir junto com os alunos. Aqui estão três estratégias-chave para prevenir a violência em ambientes educacionais:

- **Educação em Habilidades Sociais e Emocionais** - Integrar aulas regulares que ensinem regulação emocional, empatia, comunicação e resolução pacífica de conflitos.
- **Treinamento para intervenção de testemunhas** - Ensine aos alunos, de forma segura, como intervir ou denunciar quando testemunharem bullying ou violência, capacitando-os a deixar de ser observadores passivos para se tornarem protetores ativos.
- **Desafiar normas prejudiciais** - Use atividades em sala de aula para discutir criticamente e desmontar estereótipos de gênero prejudiciais, estigma social e preconceitos que muitas vezes servem como causas fundamentais da agressão entre colegas.

A tabela[19] abaixo mostra alguns exemplos de tópicos-chave para um currículo que incentive a prevenção da violência por faixa etária.

Pré-escola (3 a 5 anos)	Ensino fundamental (5 a 11 anos)	Secondary school (ages 11 to 18)
Desenvolver habilidades para a vida		
■ Identificar as próprias emoções e os sentimentos dos outros ■ Ouvir os outros e prestar atenção ■ Expressar as próprias necessidades ■ Conviver bem com os outros ■ Lidar com a decepção	■ Habilidades de comunicação ■ Consciência do raciocínio moral ■ Controlar a raiva ■ Habilidades para o sucesso social e acadêmico ■ Prevenir o bullying ■ Compreender as percepções ■ Demonstrar compaixão ■ Resolução de problemas ■ Lidar com a pressão dos colegas ■ Lidar com fofocas	■ Autorregulação[a] ■ Assédio sexual ■ Lidar com conflitos graves entre colegas ■ Lidar com o uso prejudicial de álcool e drogas
Ensinar comportamentos seguros		
■ Identificar situações de abuso ■ Evitar situações de risco ■ Buscar ajuda de adultos	■ Internet safety ■ Segurança na internet ■ Ajudar colegas de classe; comportamento seguro de testemunhas ■ Prevenir o envolvimento com gangues	■ Comportamento seguro de namoro ■ Segurança na internet ■ Ajudar colegas de classe; comportamento seguro de testemunhas ■ Prevenir o envolvimento com gangues
Desafiar normas sociais e culturais e promover relações igualitárias		
■ Normas de gênero ■ Atitudes em relação à violência ■ Aceitar as diferenças	■ Normas de gênero ■ Atitudes em relação à violência ■ Aceitar as diferenças	■ Abordar comportamentos sociais e culturais relacionados a namoro e violência por parceiro íntimo ■ Normas positivas para relacionamentos

a A autorregulação emocional é a capacidade de monitorar e controlar nosso próprio estado emocional e comportamento. Trata-se de um processo de desenvolvimento, assim como aprender a andar, falar e ler (Fonte: UNESCO Ásia-Pacífico, Cuidados e Educação na Primeira Infância: Manual de Formação de Professores para a Aprendizagem Social e Emocional)

Envolvendo a comunidade escolar como um todo (O ambiente escolar)

Uma escola segura requer o compromisso de todos os adultos que interagem com os alunos, garantindo uma mensagem consistente de segurança e respeito.

- **Administradores escolares** - Liderem o desenvolvimento de políticas antiviolência claras e restaurativas (em vez de punitivas).
  Exemplo: Realize um exercício de "mapeamento de segurança" com os alunos para identificar e melhorar espaços físicos sem supervisão ou inseguros na escola (por exemplo, banheiros mal iluminados ou cantos escondidos).

- **Todos os funcionários da escola (não apenas professores)** - Assegurem que o pessoal de apoio educacional ou os funcionários não docentes (funcionários administrativos, motoristas de ônibus, funcionários do refeitório, zeladores etc.) também sejam treinados para reconhecer e relatar sinais de alerta de violência, já que o bullying frequentemente ocorre fora da sala de aula.
- **Pais e responsáveis** - Envolva os pais no processo por meio de oficinas de parentalidade positiva que ensinem disciplina não violenta em casa, garantindo que as regras da escola correspondam às regras do lar. Envolva os pais nos comitês de segurança escolar para que tenham voz na definição de políticas contra a violência.

O Papel dos Sindicatos da Educação (Defesa Sistêmica)

Os sindicatos da educação são motores essenciais das mudanças sistêmicas necessárias para tornar a prevenção da violência sustentável.

- **Defesa da Formação** - Os sindicatos podem usar a negociação coletiva e o diálogo social para exigir que todos os professores, gestores escolares e pessoal de apoio educacional recebam formação profissional abrangente e remunerada sobre disciplina positiva e atendimento informado sobre traumas.
- **Proteção aos Educadores** - Garantir que os canais de denúncia protejam professores e pessoal de apoio educacional contra retaliações quando denunciarem violência ou abuso, especialmente quando isso envolver membros influentes da comunidade ou a direção da escola.
- **Campanha por Recursos** - Defender turmas com tamanhos viáveis e a contratação de orientadores escolares e assistentes sociais dedicados. Os professores não podem lidar sozinhos com a prevenção da violência; eles precisam de apoio especializado.
- **Integração de políticas** - Negociar a inclusão de cláusulas rigorosas contra a discriminação, o estigma e a violência nos acordos coletivos de trabalho em nível nacional ou distrital, garantindo ambientes seguros tanto para os funcionários quanto para os alunos.

Criar uma escola livre de violência não é uma tarefa que um único professor possa realizar sozinho. Isso requer o esforço coletivo e dedicado de educadores, gestores, pessoal de apoio educacional, pais e a forte defesa sistêmica dos sindicatos da educação. Ao nos afastarmos de medidas puramente punitivas e, em vez disso, construirmos uma cultura enraizada na disciplina positiva, na empatia e em medidas rigorosas contra a discriminação, podemos transformar as escolas em verdadeiros refúgios de aprendizagem, onde cada aluno se sinta seguro, valorizado e pronto para se desenvolver.

Experimente!

A Ronda de Segurança: Mapeando os "pontos críticos" de segurança na escola

A violência e o bullying raramente ocorrem no meio de uma sala de aula. Eles se proliferam em espaços desestruturados e sem supervisão. Essa atividade ajuda educadores e sindicatos a identificar "pontos críticos" físicos na escola onde os alunos — especialmente aqueles frequentemente marginalizados, como os afetados pela lepra (doença de Hansen) ou com deficiências — correm maior risco de sofrer assédio.

Reúna um pequeno grupo (pode ser uma mistura de professores, representantes sindicais, pessoal de apoio educacional e, idealmente, alguns líderes estudantis). Reserve de 15 a 20 minutos para percorrer o recinto da escola durante um horário de grande movimento (como o recreio ou a transição entre aulas) e durante um horário mais tranquilo. Use a lista de verificação abaixo para avaliar o ambiente físico.

Lista de verificação para o mapeamento dos "pontos críticos"

Ao percorrer o terreno da escola, perguntem-se:

- ☐ Existem "pontos cegos"? Identifique áreas que ficam ocultas da visão dos professores ou do pessoal de apoio educacional (por exemplo, atrás de prédios, escadarias isoladas ou cantos escondidos).
- ☐ A iluminação é adequada? Verifique banheiros, corredores e porões. Há áreas escuras onde um aluno possa se sentir inseguro?
- ☐ Onde ocorrem congestionamentos? Observe corredores ou portas estreitas onde os alunos são forçados a se empurrar uns aos outros, já que a proximidade física pode rapidamente se transformar em conflito.
- ☐ Os banheiros são seguros? Os banheiros são locais notoriamente propícios ao bullying. Eles estão localizados em áreas onde os funcionários possam monitorar facilmente quem entra e sai?
- ☐ Para onde vão os alunos em situação de risco? Observe onde os alunos marginalizados (como aqueles com deficiências físicas ou que enfrentam estigma) passam seu tempo livre. Eles estão se escondendo em áreas isoladas para evitar os colegas? Essas áreas são seguras?

Ponto de ação opcional!

Para professores: Escolha um ponto crítico identificado e comprometa-se a passar por ele durante seus intervalos ou períodos de transição nesta semana. A simples presença de um adulto é a maneira mais rápida de impedir o bullying.

For Education Unions: Use seu mapa de "pontos cegos" e "pontos críticos" para defender mudanças práticas na próxima reunião de equipe ou do conselho escolar. Isso pode significar solicitar melhor iluminação, pressionar para que portas de banheiros quebradas sejam consertadas ou defender a contratação de mais supervisores para o pátio, a fim de garantir que todas as áreas sejam monitoradas com segurança.

Prática e Aplicação

A. Refletindo sobre nossas crenças e suposições

Objetivo: Explorar como crenças pessoais, atitudes e normas sociais podem influenciar nossas respostas aos alunos e contribuir para a inclusão, o estigma, a discriminação ou a violência.

Às vezes, o estigma e a violência não são causados por más intenções, mas por crenças e suposições que passaram a ser aceitas como normais. Reconhecer essas crenças é o primeiro passo para a mudança.

Considere as afirmações abaixo. Para cada uma delas, reflita se você já a ouviu, observou ou acreditou nela em algum momento da sua vida.

- Algumas crianças aprendem naturalmente melhor do que outras.
- O castigo físico é uma forma eficaz de disciplinar crianças e jovens.
- Meninos e meninas devem se comportar de maneira diferente na escola.
- Alunos com deficiência são melhor atendidos em ambientes separados.
- Algumas formas de provocação ou bullying são uma parte normal do processo de crescimento.
- Crianças devem ser vistas e não ouvidas.
- Certas condições de saúde devem ser mantidas em segredo dos outros.

Questões para reflexão

1. Quais dessas crenças são comuns em sua comunidade ou local de trabalho?
2. Como essas crenças podem afetar os alunos?
3. Alguma dessas crenças poderia contribuir para o estigma, a discriminação, a exclusão ou a violência?
4. Quais valores ou crenças apoiam a inclusão e o respeito por todos os alunos?

B. Análise dos compromissos das escolas e das políticas com a segurança

Objetivo: Examinar como as escolas, os sindicatos e os sistemas educacionais promovem ambientes de aprendizagem seguros, inclusivos e livres de violência.

Analise as políticas da sua escola, do sindicato ou as políticas nacionais de educação relevantes. Use a lista de verificação de perguntas no quadro como guia.

Perguntas para reflexão

1. Quais políticas ou procedimentos já existem?
2. Eles são bem conhecidos e aplicados de forma consistente?
3. Existem lacunas ou áreas que precisam de melhorias?
4. Que ações poderiam fortalecer a segurança e a inclusão no seu contexto?

Rapid Policy Review Checklist

Sua escola, sindicato ou sistema educacional possui:

- ☐ Uma política sobre segurança escolar ou prevenção da violência?
- ☐ Uma política de proteção à criança ou de salvaguarda?
- ☐ Uma política sobre bullying ou discriminação?
- ☐ Procedimentos para denunciar casos de violência ou abuso?
- ☐ Orientações para apoiar alunos afetados pela violência?
- ☐ Responsabilidades claras para os funcionários e dirigentes escolares?

Resumo da unidade

- Violence in schools can be physical, psychological, sexual, or online, and may include bullying, cyberbullying, corporal punishment, harassment, exclusion, and other harmful behaviours.
- A violência nas escolas pode ser física, psicológica, sexual ou online, e pode incluir bullying, cyberbullying, castigo físico, assédio, exclusão e outros comportamentos prejudiciais.
- A violência também pode ser institucional quando as políticas e práticas escolares excluem e discriminam certos grupos de alunos, como aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) ou aqueles com deficiência.
- O estigma, a discriminação, as normas sociais prejudiciais, as relações de poder desiguais, e ambientes escolares negativos podem aumentar o risco de violência, especialmente para alunos que são percebidos como diferentes ou marginalizados.
- Os professores precisam reconhecer sinais de alerta, tanto visíveis quanto ocultos, de violência e sofrimento, incluindo mudanças de comportamento, isolamento, medo, agressividade, absenteísmo, ou mudanças repentinas na participação e na aprendizagem.
- Respostas eficazes incluem interromper o dano, garantir segurança imediata, ouvir sem culpar, utilizar mecanismos seguros e confidenciais de denúncia, seguir as políticas da escola e encaminhar os alunos a serviços de apoio adequados quando necessário.
- As respostas aos alunos que causam danos devem se concentrar na responsabilização, na disciplina positiva, em abordagens restaurativas, na mudança de comportamento e no apoio informado sobre traumas, em vez de humilhação, exclusão ou punição isoladas.
- A prevenção da violência requer políticas claras, procedimentos consistentes, formação de professores, canais seguros de denúncia, liderança escolar solidária, envolvimento dos pais e responsáveis e colaboração com os serviços comunitários.
- Os sindicatos da educação podem apoiar a prevenção da violência ao defender condições seguras de trabalho e aprendizagem, desenvolvimento profissional, equipe de apoio adequada, políticas antidiscriminação e sistemas que protejam tanto os alunos quanto os educadores.

Recursos adicionais

1. **Como os professores podem reconhecer os sinais e apoiar crianças vítimas de abuso e negligência, por Aiesha Hemeda**: https://endcan.org/2022/03/30/how-teachers-can-recognize-the-signs/
2. **Cuidados informados sobre o trauma para crianças expostas à violência: Dicas para professores:** http://www.justice.gov/sites/default/files/defendingchildhood/legacy/2011/09/19/tips-teachers.pdf
3. **Como lidar com incidentes de preconceito no ensino fundamental II e médio**: recursos e melhores práticas para gestores escolares e educadores, pela Liga Antidifamação: https://www.adl.org/sites/default/files/documents/2025-03/Responding-to-Incidents-Guide-With-Sports-Addendum-2025.pdf
4. **Quando "é só brincadeira" não é brincadeira: como reagir quando as "piadas" dos alunos são preconceituosas ou ofensivas**, artigo da ADL Education: https://www.adl.org/resources/tools-and-strategies/when-just-joking-no-joke-how-respond-when-students-jokes-are-biased
5. **Melhores práticas de resolução não violenta de conflitos dentro e fora da escola:** Salguns exemplos: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000126679
6. **Saúde mental nas escolas**: um manual: https://iris.who.int/items/909521ad-332d-4291-bd2e-dd3f6de15bbd
7. **Criação de um ambiente para o bem-estar emocional e social**: uma responsabilidade importante de uma escola que promove a saúde e valoriza as crianças: https://www.who.int/publications/i/item/creating-an-environment-for-emotional-and-social-well-being-an-important-responsibility-of-a-health-promoting-and-child-friendly-school
8. **Compreendendo comportamentos desafiadores** UNESCO. (2017). Valorizando a diversidade: Kit de ferramentas para a criação de ambientes inclusivos e propícios à aprendizagem. Folheto especializado 1. Disciplina positiva na sala de aula inclusiva e propícia à aprendizagem. Um guia para professores e formadores de professores: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000149284?posInSet=2&queryId=799a1b58-3ec3-4aa4-b6d0-f88d0286349a
9. **Disciplina Positiva na Criação dos Filhos no Dia a Dia (PDEP)** (quarta edição): https://resourcecentre.savethechildren.net/collection/positive-discipline-essentials?resource_type=resource
10. **Guia resumido: Disciplina Positiva no Ensino do Dia a Dia:** https://resourcecentre.savethechildren.net/document/what-positive-discipline-positive-discipline-everyday-teaching
11. **Disciplina positiva: Criando uma boa escola sem castigos físicos:** https://resourcecentre.savethechildren.net/document/positive-discipline-creating-good-school-without-corporal-punishment

Unit 2.4 Estratégias Centradas no Aluno

Visão Geral da Unidade

A Unidade 4 oferece estratégias práticas em sala de aula para tornar o ensino, a aprendizagem, a avaliação e as relações mais inclusivas. Ela aprofunda a pedagogia centrada no aluno por meio de oportunidades significativas de aprendizagem, múltiplos caminhos de aprendizagem, aprendizagem cooperativa e espaços de aprendizagem acessíveis. Em seguida, apresenta o Design Universal para a Aprendizagem, adaptações razoáveis, avaliação inclusiva, estratégias gerais em sala de aula, regras e rotinas, além da aprendizagem social e emocional como abordagens cotidianas para reduzir barreiras, fomentar a participação e fortalecer a empatia, o respeito e a colaboração entre os alunos.

Objetivos de Aprendizagem da Unidade

1. Explicar os elementos-chave da pedagogia centrada no aluno e como eles promovem a inclusão.
2. Aplicar os princípios do Design Universal para a Aprendizagem ao planejar aulas que ofereçam múltiplas formas de acessar, interagir com e demonstrar a aprendizagem.
3. Identificar adaptações razoáveis que removam barreiras, mantendo as metas e expectativas de aprendizagem.
4. Usar práticas de avaliação inclusivas para compreender o progresso dos alunos, orientar o ensino e apoiar a reflexão dos alunos.
5. Usar estratégias de sala de aula, regras, rotinas e ajustes de baixo custo que promovam o acesso, a participação e o sentimento de pertencimento.
6. Integrar abordagens de aprendizagem social e emocional que estimulem a empatia, o respeito, a colaboração e a equidade.

Estrutura da Unidade

Unit 2.4.1 Elementos da pedagogia centrada no aluno

Unit 2.4.2 DUA e adaptações razoáveis

Unit 2.4.3 Avaliação inclusiva

Unit 2.4.4 Estratégias gerais para a sala de aula

Unit 2.4.5 Aprendizagem socioemocional para inclusão e equidade

2.4.1 Elementos da pedagogia centrada no aluno

A **pedagogia centrada** no aluno ajuda os professores a atender às diversas necessidades de aprendizagem, reconhecendo que os alunos aprendem de maneiras diferentes. O uso de métodos variados de ensino e avaliação pode reduzir a necessidade de reforço individual e melhorar a aprendizagem para todos.

Existem quatro elementos-chave da pedagogia centrada no aluno: oportunidades de aprendizagem significativas, múltiplos caminhos de aprendizagem, aprendizagem cooperativa e espaços de aprendizagem acessíveis (Figura 5). Analisaremos cada um deles a seguir.



FIGURA 5. Os quatro elementos da pedagogia centrada no aluno

1. Oportunidades de aprendizagem significativas[20]

Os alunos ficam mais motivados quando as aulas são claras, relevantes e conectadas ao que eles já sabem. Use o infográfico como um guia rápido: explique o objetivo, aproveite o conhecimento prévio, conecte a aprendizagem à vida cotidiana, dê tempo aos alunos para praticarem e ofereça diferentes maneiras de demonstrarem o que sabem.

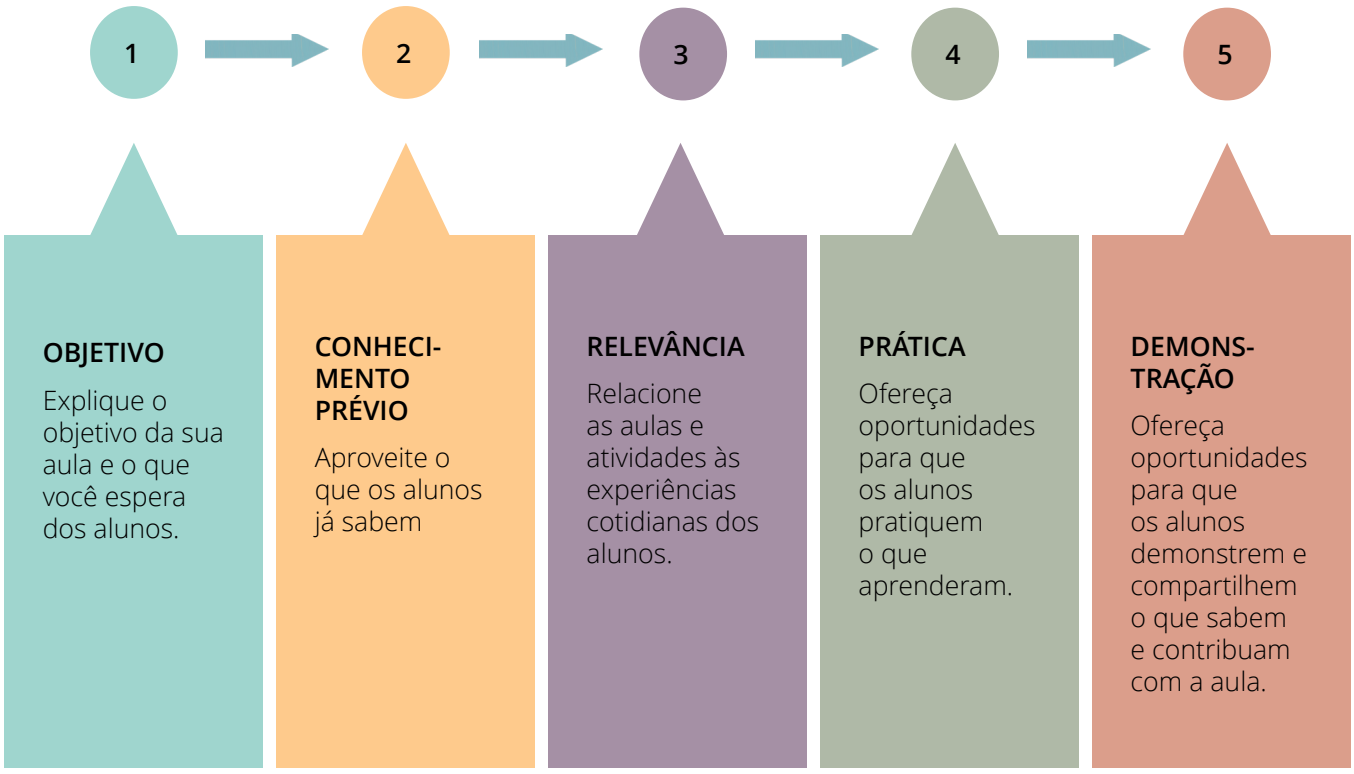


FIGURA 6. Formas de proporcionar oportunidades de aprendizagem significativas

Experimente!

Crie oportunidades de aprendizagem significativas em sua sala de aula

Exemplos de como você pode criar oportunidades significativas de aprendizagem para todos os alunos.

1. **Objetivo**

   Ajude os alunos a entender o que estão aprendendo e por que isso é importante.

   - Escreva ou exiba os objetivos de aprendizagem e os resultados esperados em um local visível para todos os alunos. Use uma linguagem simples e clara e verifique se todos os alunos compreendem o que se espera deles.
   - No início de uma aula, diga aos alunos não apenas o que eles vão aprender, mas por que isso é útil para eles.
   - Divida objetivos complexos em etapas menores e mais fáceis de seguir, para que os alunos possam acompanhar seu próprio progresso.

- No final da aula, revisem juntos os objetivos e peça aos alunos que avaliem se acham que os alcançaram.

2. **Conhecimento prévio**

Aproveite o que os alunos já sabem antes de introduzir algo novo.

- Revise aulas anteriores relacionadas antes de introduzir um novo conceito ou atividade. Peça aos alunos que façam uma troca de ideias em duplas ou grupos para resumir o que se lembram da sessão anterior.
- Use uma atividade rápida de aquecimento, como um questionário de verdadeiro ou falso, um jogo de associação de palavras ou uma breve discussão, para ativar o conhecimento prévio antes do início da aula.
- Faça perguntas abertas aos alunos, como: "Vocês já viram ou ouviram falar disso antes? Onde? O que vocês já sabem sobre isso?"
- Reconheça e aproveite as respostas dos alunos, mesmo quando o conhecimento prévio deles for incompleto ou parcialmente incorreto. Use os equívocos como uma oportunidade de ensino, em vez de descartá-los.
- Para alunos que possam ter perdido as sessões anteriores, coloque-os em duplas com um colega que possa colocá-los em dia rapidamente antes do início do novo conteúdo.

3. **Relevância**

Relacione a aprendizagem à vida real, às experiências e às comunidades dos alunos.

- Apresente exemplos que sejam relevantes para a idade, origem e vivências dos alunos.
- Mostre como as aulas se aplicam à vida cotidiana. Convide os alunos a trazerem objetos, fotos ou histórias de casa que tenham relação com o tema em discussão.
- Relacione o conteúdo ao contexto local. Use nomes de lugares, situações da comunidade e exemplos que os alunos reconheçam.
- Ao ensinar sobre saúde ou questões sociais, recorra a situações que reflitam a realidade da comunidade, mantendo a sensibilidade em relação aos alunos que possam ser pessoalmente afetados.
- Convide membros da comunidade, líderes locais ou pessoas com experiência vivida para compartilhar suas perspectivas como parte da aula.
- Pergunte aos alunos: "Onde vocês já viram isso na própria vida? Como isso se relaciona com algo que vocês já sabem ou fazem?"

4. **Prática**

Ofereça aos alunos oportunidades de aplicar e consolidar o que aprenderam.

- Elabore atividades que permitam aos alunos utilizar novos conceitos de maneira prática e interativa. Ao ensinar sobre plantas, leve os alunos para fora da sala para explorar plantas reais em seu entorno. Ao ensinar sobre estigma, use dramatizações ou estudos de caso extraídos de situações familiares.

- Ofereça diferentes tipos de prática, como tarefas individuais, trabalho em duplas, atividades em grupo e produções criativas. Isso permite que os alunos se envolvam da maneira que for mais adequada para eles.
- Permita que os alunos tentem realizar as tarefas antes que o professor explique tudo. O esforço produtivo — ou a superação de um desafio antes de receber a resposta — aprofunda a compreensão.
- Dê feedback imediato e construtivo durante a prática, para que os alunos possam se ajustar e melhorar enquanto a tarefa ainda está fresca na memória.
- Revisite conceitos-chave ao longo de várias aulas e em diferentes contextos, para que os alunos tenham oportunidades repetidas de praticar e reter o que aprenderam.

5. **Demonstração**

Crie oportunidades para que os alunos demonstrem e compartilhem sua compreensão.

- Peça aos alunos que discutam em duplas ou grupos para compartilhar o que sabem e comparar seu raciocínio com o dos outros.
- Peça aos alunos que compartilhem suas próprias histórias, experiências ou observações relacionadas ao tema da aula. Convide-os a trazer objetos, desenhos ou fotos de casa que tenham relação com o que está sendo aprendido.
- Ofereça diversas maneiras para que os alunos mostrem o que compreenderam — não apenas provas escritas. As opções podem incluir desenho, contar histórias, demonstração, ensino entre colegas, dramatização ou a criação de um cartaz ou de uma breve apresentação.
- Exiba todos os trabalhos dos alunos na sala de aula — não apenas os mais bem acabados. Ver seus trabalhos valorizados e expostos incentiva todos os alunos, inclusive aqueles que consideram as tarefas acadêmicas mais desafiadoras.
- Use o compartilhamento entre colegas como ferramenta de aprendizagem: quando um aluno explica um conceito a outro, ambos se beneficiam.
- Comemore o progresso, não apenas as respostas corretas. Reconheça o esforço e o raciocínio por trás de uma resposta, mesmo quando ela não estiver totalmente correta.

2. Múltiplos caminhos de Aprendizagem[21]

Todos os alunos podem aprender, mas nem todos aprendem da mesma maneira. Alguns aprendem melhor ouvindo, outros fazendo, discutindo, lendo ou observando. A maioria dos alunos utiliza uma combinação de abordagens, e essas preferências podem mudar dependendo do tema ou da fase de aprendizagem em que se encontram.

Como professor, reconhecer e responder às diferentes trajetórias de aprendizagem é uma das coisas mais práticas que você pode fazer para tornar sua sala de aula mais inclusiva.



FIGURA 7. Caminhos comuns de aprendizagem

Lembre-se: nenhum aluno se encaixa perfeitamente em um único caminho, e nenhuma atividade isolada atinge a todos. O objetivo é a variedade, não a perfeição. Mesmo pequenos ajustes, como adicionar um recurso visual a uma explicação verbal ou oferecer uma escolha entre duas tarefas, podem fazer uma diferença significativa para alunos que, de outra forma, teriam dificuldade em se envolver.

Experimente!

Apoie múltiplos caminhos de aprendizagem

1. **Varie suas atividades de ensino dentro de cada aula.**

   Não dependa de um único método. Uma aula que inclua uma breve explicação, um recurso visual e uma atividade em grupo já oferece aos alunos três maneiras diferentes de acessar o mesmo conteúdo. Por exemplo, ao ensinar sobre a lepra (doença de Hansen), você pode explicar os fatos verbalmente, mostrar um diagrama de como a bactéria se espalha e, em seguida, pedir que os alunos classifiquem, em duplas, cartões com mitos e fatos.

2. **Observe como seus alunos se envolvem e faça ajustes.**

   Observe quem participa com facilidade e quem fica na defensiva. Um aluno que raramente fala durante a discussão em sala de aula pode produzir um desenho detalhado ou escrever uma resposta bem elaborada. Use o que você observar para ajustar suas atividades e garantir que nenhum aluno seja constantemente deixado de lado por causa da forma como o conteúdo é apresentado.

3. **Ofereça aos alunos opções de atividades.**

   Sempre que possível, deixe que os alunos escolham como querem se envolver e demonstrar seu aprendizado. Por exemplo, após uma aula sobre estigma, um aluno pode escrever uma breve reflexão, outro pode desenhar um cartaz e outro pode apresentar suas ideias a um pequeno grupo. Todos os três estão demonstrando compreensão, apenas de maneiras diferentes.

4. **Deixe que os alunos decidam como acessam as informações.**

   Dê aos alunos algum grau de autonomia sobre como aprendem. Por exemplo, ao apresentar um novo tópico, você pode oferecer opções como: ouvir uma breve discussão conduzida pelo professor, assistir a um vídeo, ler um texto de referência, entrevistar uma pessoa com conhecimento na comunidade ou explorar suas próprias fontes. Isso desenvolve o pensamento independente e respeita as diferentes maneiras como os alunos processam informações.

3. Aprendizagem Cooperativa

O trabalho em grupo é uma das estratégias de ensino mais utilizadas, mas colocar os alunos em grupos não significa automaticamente que eles estejam aprendendo de forma cooperativa. A verdadeira aprendizagem cooperativa é planejada propositalmente. Ela atribui a cada aluno um papel, uma responsabilidade e um interesse no sucesso do grupo.

Quando bem conduzida, a aprendizagem cooperativa ajuda os alunos a compreender o conteúdo mais profundamente, a desenvolver habilidades de comunicação e sociais, a construir relacionamentos positivos entre pessoas de diferentes origens e habilidades e a permanecerem engajados em atividades produtivas. Ela também dá aos professores mais tempo para trabalhar com indivíduos ou grupos menores que precisam de apoio adicional.

Características da aprendizagem cooperativa

Para que o trabalho em grupo seja genuinamente cooperativo, ele precisa incluir o seguinte:

Interdependência positiva	O sucesso de cada aluno está ligado ao sucesso do grupo. Ninguém pode ter sucesso total a menos que todos tenham. Isso incentiva os alunos a se apoiarem mutuamente, em vez de competirem entre si..	*Example:* Assign each group member a different piece of information needed to complete a shared task. No one can finish without the others.
Responsabilidade individual	Cada membro contribui com sua parte justa. Cada aluno é responsável não ape-nas por seu próprio trabalho, mas também por apoiar os demais no grupo.	*Exemplo:* Após uma tarefa em grupo, peça a cada aluno que explique individualmente uma coisa com a qual contribuiu e uma coisa que aprendeu com um colega de grupo.
Habilidades interpessoais e sociais	A aprendizagem cooperativa requer habili-dades que devem ser explicitamente ensi-nadas , como ouvir, comunicar-se com clareza, construir confiança, tomar decisões em conjunto e lidar com divergências de maneira respeitosa. Essas habilidades não se desenvolvem automaticamente.	*Exemplo:* Antes de uma atividade em gru-po, dedique alguns minutos para discutir o que significa ouvir bem ou faça uma dra-matização sobre como discordar de ma-neira respeitosa.
Interação presencial	Os alunos ajudam-se mutuamente de for-ma ativa no aprendizado, compartilhando recursos, explicando ideias, incentivando-se e valorizando os esforços uns dos ou-tros.	*Exemplo:* Peça aos grupos que expliquem um conceito uns aos outros antes de apresentá-lo à turma, para que todos os membros tenham a chance de esclarecer sua compreensão.
Reflexão em grupo	Após concluir uma tarefa, os grupos refle-tem sobre como trabalharam juntos. Per-gunte o que deu certo, o que foi difícil e como podem melhorar na próxima vez.	*Exemplo:* Encerre as tarefas em grupo com duas perguntas rápidas: "O que nos-so grupo fez bem?" e "O que faríamos de diferente da próxima vez?"

Como a aprendizagem em conjunto beneficia os alunos?

1. **Compreensão mais profunda do conteúdo** - Explicar ideias a um colega, fazer perguntas dentro de um grupo e ouvir diferentes perspectivas ajudam os alunos a processar e reter informações de maneira mais eficaz do que apenas ouvir sozinhos.

2. **Responsabilidade compartilhada e independência** - O trabalho em grupo ensina os alunos a dividir tarefas, revezar-se, administrar seu tempo e compreender como sua contribuição individual afeta o todo. Os alunos aprendem a trabalhar tanto de forma interdependente quanto independente.
3. **Habilidades de comunicação e sociais** - Os alunos praticam a escuta ativa, oferecendo e recebendo feedback, motivando uns aos outros e resolvendo divergências. Essas habilidades são valiosas muito além da sala de aula e precisam ser exemplificadas e praticadas, não apenas presumidas.
4. **Tomada de decisão** - Em um grupo, os alunos se deparam com opiniões diferentes, avaliam opções, tomam decisões coletivas e lidam com os resultados.
5. Isso desenvolve o pensamento crítico, a flexibilidade e a capacidade de lidar com divergências de forma construtiva.

A aprendizagem cooperativa é particularmente eficaz em salas de aula diversificadas. Quando os grupos são intencionalmente formados com base na mistura de habilidades, origens, idiomas ou estilos de aprendizagem, os alunos aprendem com os pontos fortes uns dos outros e desenvolvem empatia e respeito pelas diferenças. Para alunos com deficiência ou aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen), o trabalho em grupo bem estruturado pode ser uma forma significativa de participar, contribuir e se sentir parte do grupo, em vez de serem isolados ou deixados para trás.

Experimente!

Torne o aprendizado em grupo mais eficaz

1. **Garanta a diversidade nos grupos.**

   Os grupos devem ser compostos por alunos com habilidades variadas e de diferentes gêneros. Alunos que possam aprender mais lentamente ficam mais estimulados em grupos com habilidades mistas. Alunos que possam aprender mais rapidamente fortalecem sua compreensão ao explicar e apoiando os demais.

2. **Defina funções.**

   Certifique-se de que as funções estejam bem definidas. Você pode atribuir funções aleatoriamente no início do ano letivo e, posteriormente, permitir que os alunos votem ou escolham suas próprias funções. No entanto, certifique-se de que todos os alunos experimentem funções diferentes. Exemplos de funções são: relator, secretário e facilitador de discussão.

3. **Criem regras de sala de aula juntos.**

   Crie regras da turma em conjunto com os alunos. Discuta como os alunos devem trabalhar em grupos, incluindo revezar-se para falar, alternar funções, resolver ideias conflitantes, etc. Isso ajudará a estabelecer um espaço de aprendizagem seguro e acolhedor para todos os alunos.

4. **Esteja presente para dar apoio.**

   Os professores devem estar presentes durante o trabalho em grupo para oferecer apoio onde e quando necessário. O professor deve circular pela sala, verificar se os alunos compreenderam a atividade e o conteúdo e oferecer apoio adicional quando necessário.

5. **Incentive a reflexão em grupo.**

   Dê aos alunos tempo e orientações para refletirem sobre como estão trabalhando juntos. A reflexão em grupo pode envolver pensar nas tarefas que foram solicitados a realizar e sobre o nível de cooperação como equipe. O objetivo é melhorar a forma como trabalham juntos. Por exemplo, os grupos podem refletir sobre o que funcionou, o que não funcionou e o que podem fazer melhor na próxima vez.

4. Espaços de aprendizagem acessíveis

Um espaço de aprendizagem acessível é mais do que uma sala física; é um ambiente onde cada aluno se sinta acolhido, seguro e capaz de participar plenamente. Criar tais espaços requer atenção ao ambiente físico, aos materiais didáticos, à cultura da sala de aula e às atividades fora da sala de aula.

Embora nem sempre seja possível antecipar as necessidades de todos os alunos, há medidas práticas que os professores podem adotar para reduzir barreiras e promover a inclusão desde o início.

1. **Espaço físico** – O layout e o design de uma sala de aula desempenham um papel fundamental em apoiar ou dificultar a participação de um aluno. Isso envolve organizar ativamente o ambiente físico para que todos os alunos, incluindo aqueles com necessidades sensoriais ou deficiências motoras, possam se locomover pelo espaço, utilizar os recursos da sala de aula e participar das atividades sem dificuldades.
    - Considere se os alunos que utilizam cadeiras de rodas, muletas ou dispositivos de mobilidade, incluindo aqueles com deficiências físicas relacionadas à lepra (doença de Hansen), podem circular livremente pela sala. Deixe caminhos desobstruídos entre as carteiras e certifique-se de que as áreas de trabalho em grupo tenham espaço para que todos os alunos possam participar sem serem destacados.
    - Organize os assentos de forma que todos os alunos possam ver o professor, o quadro e uns aos outros. A disposição flexível dos assentos, na qual os alunos podem mover as cadeiras ou sentar-se em diferentes configurações, atende a diversas atividades e necessidades de aprendizagem.
    - Iluminação, níveis de som e tamanho do texto nos quadros ou materiais de apresentação. Pergunte aos alunos se conseguem ver e ouvir claramente e faça os ajustes necessários.
    - Sempre que possível, envolva os alunos na reflexão sobre a disposição da sala de aula. Muitas vezes, eles sabem melhor do que ninguém o que ajuda ou dificulta sua participação.

2. **Materiais de aprendizagem** – Materiais didáticos acessíveis garantem que todos os alunos possam compreender e interagir efetivamente com o conteúdo educacional, independentemente de seu estilo de aprendizagem individual, idioma principal ou habilidades físicas e cognitivas. Essa dimensão exige que os educadores vão além de uma abordagem "única para todos" na apresentação de informações.
    - Apresente as informações em mais de um formato, sempre que possível. Por exemplo, uma explicação verbal acompanhada de um recurso visual ou um folheto escrito em junto com uma discussão em grupo.
    - Use uma linguagem clara e simples nos materiais escritos. Evite jargões e verifique se os níveis de leitura são adequados para seus alunos.
    - Para alunos com deficiências visuais ou auditivas, considere alternativas como letras grandes, formatos de áudio, materiais táteis ou apoio em língua de sinais.
    - Permita que os alunos acessem e interajam com os materiais da maneira que for mais adequada para eles. Por exemplo, ouvindo as instruções em vez de lê-las, ou respondendo a uma tarefa verbalmente em vez de por escrito.
    - Criar materiais acessíveis exige tempo e criatividade. Comece aos poucos; mesmo um único ajuste por aula pode fazer uma diferença significativa.

3. **Ambiente da sala de aula** – O ambiente da sala de aula determina se os alunos se sentem seguros o suficiente para participar, fazer perguntas e aprender ou experimentar coisas novas. Cultivar um ambiente positivo é especialmente vital para proteger os alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou por deficiências, que são altamente vulneráveis ao estigma, a estereótipos negativos e à marginalização por parte de colegas e professores.

- Dê o exemplo de linguagem e comportamento respeitosos em todos os momentos. Aborde comentários ou comportamentos estigmatizantes prontamente e com calma, sem humilhar o aluno responsável.
- Utilize uma variedade de estratégias de envolvimento para que todos os alunos possam contribuir, não apenas aqueles que se sentem confiantes para falar diante de toda a turma. As opções podem incluir discussões em pequenos grupos, reflexões escritas, conversas entre colegas, ou cartões de perguntas anônimos.
- Construa um senso de comunidade dentro da turma por meio de atividades entre colegas que incentivem a construção de relacionamentos, o apoio mútuo e a confiança. Quando os alunos se conhecem e se respeitam, é mais provável que incluam, em vez de excluir, aqueles que são diferentes deles.
- Deixe claro, tanto por meio de palavras quanto de ações, que todos os alunos têm seu lugar na sala de aula e que suas contribuições são valorizadas.

4. **Out-of-Classroom Activities** – Field visits, community placements, practical activities, and out-of-school learning experiences are valuable, but they can also create new barriers if accessibility is not considered.
   - Before any out-of-class activity, assess whether the location, activities, and costs are accessible to all learners, including those with mobility challenges, health conditions, and financial limitations.
   - Plan alternatives or adjustments for learners who may face barriers and involve them in finding solutions where possible.
   - Remind learners that inclusive behaviour outside the classroom matters just as much as inside it.

Experimente!

Verifique se seus materiais de ensino e aprendizagem promovem diversidade e equidade

Os materiais didáticos devem ser fáceis de entender e envolver os alunos, mas também devem refletir justiça, diversidade e respeito. Materiais inclusivos retratam as pessoas de maneiras variadas, positivas e realistas. Eles evitam reforçar estereótipos ou preconceitos, como sempre retratar mulheres em papéis domésticos, cientistas como homens ou comunidades indígenas apenas como pobres ou dependentes. Analisar os materiais sob a ótica da diversidade e da equidade ajuda a garantir que todos os alunos possam se ver representados com dignidade e tendo possibilidades.

Use as perguntas abaixo como um guia rápido ao analisar os materiais de aprendizagem:

1. **Observe as ilustrações**
   - As imagens reforçam estereótipos (por exemplo, homens como líderes, mulheres como cuidadoras)?

- Quem é mais visível e quem está ausente?
- Quem é ativo e quem é passivo?
- Pessoas de todos os gêneros são mostradas em papéis e atividades variados?
- Alunos com deficiências, incluindo aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) ou outras condições de saúde, são mostrados participando ativamente, em vez de apenas observar ou receber ajuda?

2. **Examine o enredo**
   - Como os problemas são apresentados e resolvidos?
   - Todos os personagens — de diferentes gêneros, habilidades ou condições de saúde — têm autonomia, ou alguns grupos são retratados como dependentes, silenciosos ou precisando ser "resgatados"?
   - Os sucessos de meninas, mulheres, pessoas com deficiência ou alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou outras condições de saúde são baseados em esforço, habilidades e ideias, em vez de aparência, força ou piedade?
   - A história ainda faria sentido se os papéis relacionados a gênero, deficiência ou posição social fossem invertidos?
3. **Considere estilos de vida e contextos**
   - As diferentes culturas e comunidades são retratadas de maneira realista e respeitosa?
   - Os materiais evitam retratar pessoas com deficiência, alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou grupos marginalizados apenas como pobres, doentes, fracos ou dependentes?
   - Diferentes modos de vida são apresentados como normais e valiosos?
4. **Observe as relações e o poder**
   - Quem toma as decisões e quem detém autoridade na história ou no exemplo?
   - Pessoas de todos os gêneros são retratadas como líderes e tomadoras de decisão?
   - Pessoas com deficiência ou condições de saúde são mostradas influenciando os resultados, e não apenas sendo apoiadas por outros?
   - Certos grupos são consistentemente retratados em papéis subordinados?
5. **Preste atenção aos modelos a serem seguidos e heróis**
   - Quem é apresentado como capaz, corajoso ou bem-sucedido?
   - Mulheres, pessoas com deficiência ou alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou outras condições de saúde são alguma vez retratados como heróis ou solucionadores de problemas?
   - Os alunos veem modelos com os quais possam se identificar?
6. **Reflita sobre a autoimagem dos alunos**
   - Alguma mensagem poderia limitar o que um aluno acredita que pode alcançar por causa de gênero, deficiência ou condição de saúde?
   - Os alunos com deficiência ou os alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) se sentiriam respeitados e incluídos por este material?
   - Os materiais transmitem a ideia de que todos os alunos fazem parte do grupo e têm potencial?

Fonte: Adaptado da UNESCO, "Aceitando a diversidade: kit de ferramentas para a criação de ambientes inclusivos e propícios à aprendizagem".

Prática e Aplicação

A. Criação de Oportunidades Significativas de Aprendizagem

1. Revise os cinco elementos — Objetivo, Conhecimento Prévio, Relevância, Prática, Demonstração — usando os exemplos de "Experimente!" como guia.
2. Escolha uma aula futura e identifique uma ação concreta para cada elemento.
3. Anote-as em seu plano de aula e experimente-as esta semana.
4. Reflexão: Qual elemento foi mais fácil de planejar? Qual exigiu mais reflexão e por quê?

B. Refletindo sobre a pedagogia centrada no aluno

1. Escolha um dos quatro elementos da pedagogia centrada no aluno abaixo, aquele que parecer mais relevante para você.
   - Oportunidades de aprendizagem significativas
   - Múltiplos caminhos de aprendizagem
   - Aprendizagem cooperativa
   - Espaços de aprendizagem acessíveis
2. Reflita sobre as perguntas abaixo e anote suas respostas em seu diário de aprendizagem ou em suas anotações.
   - De que forma esse elemento já está presente em sua escola ou sala de aula?
   - Como o fortalecimento desse elemento poderia ajudar um aluno afetado pela lepra (doença de Hansen), deficiência ou outra condição estigmatizada a se sentir mais incluído, em vez de separado ou excluído?

C. Tornando a aprendizagem em Grupos Mais Eficaz (Aprendizagem Cooperativa)

1. Reflita sobre uma atividade em grupo recente em sua sala de aula utilizando as cinco dicas "Experimente!" — diversidade nos grupos, papéis definidos, regras da turma, presença do professor e processamento em grupo.
2. Identifique uma dica que você ainda não esteja utilizando de forma consistente, e planeje como aplicá-la em sua próxima atividade em grupo.
3. Reflexão: O que mudou na forma como os alunos trabalharam juntos?

2.4.2 DUA e Adaptações Razoáveis

A CRPD define o **Design Universal** como "a concepção de produtos, ambientes, programas e serviços para que possam ser usados por todas as pessoas, na medida do possível, sem a necessidade de adaptação ou design especializado. O 'design universal' não deve excluir dispositivos auxiliares para grupos específicos de pessoas com deficiência, quando isso for necessário."[22]

O Design Universal tem origem na área da arquitetura. O conceito significa projetar espaços que possam ser utilizados por todas as pessoas, não apenas pelo "cidadão comum". Um exemplo de design universal é a inclusão de rampas com corrimãos ao lado das escadas nos edifícios. Isso permite que pessoas com dificuldades de mobilidade, como aquelas que usam cadeiras de rodas ou andadores, idosos ou pessoas com malas com rodinhas, tenham acesso fácil ao edifício. O design universal garante acesso igualitário para todos, independentemente de suas capacidades. Observe que o design universal não se destina apenas a pessoas com deficiência.



FIGURA 8. Escada com rampa e corrimãos (Fonte: https://www.acumen-studeos.com/ramps-staircases-public-buildings-design/)

Quando aplicado à educação, o **Design Universal para a Aprendizagem (DUA)** é uma estratégia para criar ambientes de aprendizagem, aulas, atividades e materiais de ensino e aprendizagem que sejam acessíveis a todos os alunos, com ou sem deficiência.

Veja também Anexo 8: Em que o DUA difere do ensino tradicional e do ensino diferenciado?

Três Princípios-Chave do DUA[23]

O DUA exige que os professores elaborem aulas e atividades com uma variedade de opções para os alunos, a fim de atender às diferentes necessidades, interesses e preferências. Isso inclui planejar os seguintes aspectos de diversas maneiras, que estão ligados aos três princípios-chave do DUA:

- como o conteúdo é apresentado
- como os alunos aprendem sobre um tema
- como os alunos demonstram o que aprenderam

1. **Múltiplos meios de REPRESENTAÇÃO** - apresentar informações de diferentes maneiras para que os alunos possam compreender, se identificar com e memorizar a aula. Isso pode incluir explicações orais, textos escritos, recursos visuais, áudio, materiais práticos, ou outros formatos.

Múltiplos meios de REPRESENTAÇÃO	
O QUE	■ Abordagens flexíveis para o planejamento e a aplicação ■ Apresentar informações e conteúdos de maneiras diferentes
COMO	■ Escolha materiais didáticos que reflitam as diferentes necessidades e preferências dos alunos. ■ Apresente ideias de maneiras diferentes, incluindo opções visuais e de áudio. ■ Use linguagem clara, símbolos, gráficos, materiais táteis ou mapas conceituais quando for útil. ■ Facilite a compreensão estabelecer conexões com conhecimentos prévios e usar exemplos, sugestões, listas de verificação ou organizadores
POR QUE	Planejar aulas com base nas necessidades dos alunos reduz barreiras e ajuda mais alunos a compreender e reter habilidades e informações.

2. **Múltiplos meios de AÇÃO E EXPRESSÃO** - oferecer aos alunos diferentes maneiras de praticar, responder e demonstrar o que sabem. Isso pode incluir falar, escrever, desenhar, demonstrar, usar ferramentas ou criar produtos que correspondam aos seus pontos fortes e preferências.

Múltiplos meios de AÇÃO E EXPRESSÃO	
O QUE	■ Abordagens flexíveis para que os alunos gerenciem e demonstrem o que aprenderam ■ Diferentes maneiras para que os alunos expressem o que sabem e o que aprenderam em um meio com o qual se sintam à vontade
COMO	■ Compartilhar objetivos, etapas e prazos de forma clara. ■ Permitir que os alunos expressem ideias por meio da fala, da escrita, do desenho, de vídeos ou de outras mídias. ■ Utilizar ferramentas práticas e estratégias variadas para a resolução de problemas.
POR QUE	Diferentes formas de demonstrar a aprendizagem tornam a avaliação mais acessível e ajudam os professores a perceber o que os alunos compreendem e são capazes de fazer.

3. **Múltiplas formas de ENVOLVIMENTO** - usar diferentes maneiras de despertar o interesse, motivação e participação. Isso ajuda os alunos a se manterem conectados à aula de maneiras que correspondam aos seus interesses, necessidades e nível de independência.

Múltiplos meios de ENVOLVIMENTO	
O QUE	■ Abordagens flexíveis para envolver os alunos na aprendizagem ■ Estimular o interesse e a motivação dos alunos para a aprendizagem
COMO	■ Know learners' interests, Conheça os interesses, as motivações e as formas preferidas de aprendizagem dos alunos. ■ Oferecer opções e dar aos alunos alguma autonomia nas tarefas de aprendizagem. ■ Utilizar tarefas ativas que permitam aos alunos explorar e experimentar coisas novas. ■ Promover a colaboração por meio de trabalhos em grupo com objetivos, funções e responsabilidades claros. ■ Dar feedback oportuno com foco no esforço, no progresso e aprimoramento.
POR QUE	Os alunos têm mais chances de sucesso quando estão interessados, motivados e ativamente envolvidos.

O DUA nos lembra que os alunos precisam de diferentes níveis de apoio, escolha e independência. Quando os professores planejam isso desde o início, eles reduzem barreiras, aumentam a participação e ajudam cada aluno a se envolver com confiança e dignidade.

Experimente!

Perguntas-guia do DUA para professores ao planejar aulas

1. **Múltiplas formas de representação - Abordagens flexíveis para a concepção e a apresentação**

   - Como posso incorporar elementos visuais, como imagens, gráficos ou diagramas, para aprimorar a compreensão e o envolvimento?
   - Existem atividades práticas ou experimentos que possam proporcionar uma experiência tangível aos alunos e reforçar o conteúdo?
   - Como posso usar ferramentas ou recursos simples, como quadros brancos, cartões didáticos ou softwares de apresentação, para apresentar o conteúdo da aula e envolver ativamente os alunos na aprendizagem?

2. **Múltiplas formas de ação e expressão - Abordagens flexíveis para que os alunos gerenciem e demonstrem seu aprendizado.**

   - Como posso oferecer atividades práticas ou materiais manipuláveis que permitam aos alunos interagir fisicamente com os conceitos e demonstrar sua compreensão?
   - Existem oportunidades para os alunos participarem de discussões, debates ou apresentações para comunicar suas ideias e percepções sobre o tema?
   - Que atividades de redação, como ensaios, histórias, ou anotações em diários, posso incorporar para incentivar os alunos a refletir sobre sua aprendizagem e demonstrar sua compreensão?
   - Que outras atividades posso preparar para garantir que ofereço todas as opções com base nos interesses, pontos fortes e preferências dos meus alunos?

3. **Múltiplas formas de engajamento - Abordagens flexíveis para envolver os alunos na aprendizagem**

   - Como posso oferecer diferentes opções para que os alunos trabalhem de forma independente e em grupos, a fim de mantê-los engajados e motivados?
   - Que exemplos ou aplicações da vida real posso incorporar para tornar a aula mais identificável e interessante para os alunos?
   - Como posso tornar a aprendizagem divertida e ativa, incorporando jogos, atividades práticas ou tecnologias interativas?
   - Existem interesses ou hobbies específicos dos meus alunos que eu possa aproveitar para aumentar o envolvimento deles com a aula?

Adaptações razoáveis

Reasonable accommodation means "necessary and appropriate modificationAs adaptações razoáveis significam "modificações e ajustes necessários e apropriados que não imponham um ônus desproporcional ou indevido, quando necessário em um caso específico, para garantir às pessoas com deficiência o gozo ou o exercício, em igualdade de condições com os demais, de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais." [24]

As adaptações razoáveis consistem em fazer pequenas mudanças direcionadas no ambiente de aprendizagem ou na abordagem de ensino, para que um aluno possa superar uma barreira específica sem alterar o currículo, os padrões ou as metas de aprendizagem. Embora a DUA antecipe as barreiras com antecedência e reduz a necessidade de ajustes individuais, nenhum planejamento, por maior que seja, pode prever todas as necessidades de cada aluno. A adaptação razoável preenche essa lacuna ao lidar com as dificuldades à medida que elas surgem, para qualquer aluno, com ou sem deficiência. Isso é particularmente importante para alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou aqueles com doenças crônicas, pois, em alguns casos, eles podem desenvolver deficiências e precisariam de apoio contínuo em sala de aula.

Pontos-chave a serem lembrados:

1. As adaptações mudam a forma como um aluno aprende ou participa, não o que se espera que ele aprenda.
2. São personalizadas. O que funciona para um aluno pode não funcionar para outro, mesmo com uma condição ou dificuldade semelhante.
3. Devem ser desenvolvidas junto com o aluno e não decididas por ele. Para alguns alunos com deficiência, isso também pode envolver pais, cuidadores ou especialistas.
4. São um direito, não um favor. Escolas e professores têm o dever de oferecer adaptações razoáveis quando um aluno precisar.

Exemplo:

Daniel, um aluno com lepra (doença de Hansen), tem sensibilidade reduzida e força de preensão diminuída nas mãos, o que dificulta que ele escreva por longos períodos. Após discutir isso com Daniel, seu professor concorda em permitir que ele realize tarefas escritas usando um laptop, concede-lhe tempo extra durante provas cronometradas e fornece cópias impressas das anotações das aulas. Daniel ainda aprende o mesmo conteúdo e é avaliado com base nas mesmas metas de aprendizagem que seus colegas de classe. A adaptação simplesmente remove a barreira que estava atrapalhando seu aprendizado.

Uma alternativa de baixa tecnologia é utilizar modificações nas ferramentas de escrita, como o uso de empunhaduras para lápis ou ferramentas de diâmetro largo, como lápis ou canetas jumbo.

Apoio à frequência escolar durante o tratamento e a recuperação

Para alguns alunos, a maior barreira não está dentro da sala de aula, mas simplesmente em conseguir ir à escola regularmente. Por exemplo, o tratamento da lepra (doença de Hansen) pode levar muitos

meses, e os alunos podem precisar de licença para consultas médicas, para lidar com uma reação à lepra (doença de Hansen) ou para se recuperar de uma deficiência relacionada à lepra (doença de Hansen). O apoio não deve parar assim que o aluno estiver curado. As necessidades físicas, sociais e emocionais podem continuar muito além desse ponto. As escolas podem apoiar esses alunos e suas famílias por meio de prazos flexíveis e trabalhos de reposição, em vez de penalizar diretamente as faltas; apoio individual à aprendizagem, como um professor designado ou um colega de apoio para ajudar o aluno a recuperar o atraso; e um simples acompanhamento quando o aluno retornar após uma ausência prolongada — não para distingui-lo, mas para garantir que ele não seja deixado sozinho para recuperar o atraso. Um aluno que retorna após tratamento para uma reação à lepra (doença de Hansen), por exemplo, pode precisar de algumas semanas com carga de trabalho ajustada e de uma conversa tranquila com um professor, em vez de receber uma pilha de tarefas perdidas logo no primeiro dia.

Vale ressaltar que, na prática, nada disso é específico para a lepra (doença de Hansen). A mesma flexibilidade ajuda qualquer aluno que fique para trás sem culpa própria — um aluno ausente por causa de um resfriado forte, outro que faltou à escola para ajudar a cuidar de um familiar doente, outro que precisou ajudar na fazenda da família durante a colheita ou qualquer outra dificuldade de curto prazo que mantenha o aluno afastado. Incorporar prazos flexíveis, apoio para recuperar o atraso e uma simples acompanhamento de retorno à rotina normal da sala de aula significa que o professor não precisa se esforçar para inventar um processo especial quando um aluno afetado pela lepra (doença de Hansen) precisar disso; já é assim que a sala de aula funciona para todos.

Nota sobre Modificação

Uma adaptação remove ou reduz uma barreira sem alterar o que se espera que o aluno aprenda. O padrão de conteúdo e as expectativas de desempenho permanecem os mesmos. Uma modificação, por outro lado, altera o próprio padrão de conteúdo ou as expectativas em si. O currículo é ajustado. Como as modificações reduzem ou alteram o que está sendo ensinado, elas acarretam um risco: os alunos podem deixar de aprender conteúdos importantes que, de outra forma, seriam capazes de aprender. Por esse motivo, a adaptação deve ser sempre a primeira opção considerada, com a modificação sendo usada apenas quando for realmente necessária.

Experimente!

Adaptações comuns para experimentar em sala de aula

Adaptações de apresentação (alteram a forma como as informações são apresentadas)

- Ouvir gravações de áudio em vez de ler o texto
- Aprender o conteúdo por meio de audiolivros, filmes, vídeos e mídias digitais em vez de ler versões impressas
- Trabalhar com menos itens por página ou linha
- Trabalhar com texto de letra grande
- Contar com um "leitor designado" ou alguém que leia as questões da prova em voz alta para os alunos
- Ouvir as instruções lidas em voz alta
- Gravar uma aula, em vez de fazer anotações
- Obter anotações de aula de outro aluno
- Ver um resumo da aula
- Usar apresentações visuais de material verbal, como mapas de palavras
- Obter uma lista escrita de instruções

Adaptações na resposta (mudam a forma como as tarefas ou provas são realizadas)

- Dar respostas de uma forma (oral ou escrita) que seja mais fácil para eles
- Ditar respostas para um escrevente que anote ou digite
- Gravar respostas em um gravador de áudio
- Usar um dicionário ortográfico ou corretor ortográfico digital
- Usar um processador de texto para digitar anotações ou dar respostas em sala de aula
- Use uma calculadora ou uma tabela de "operações matemáticas básicas"

Adaptações de tempo

- Tenha mais tempo para concluir uma tarefa ou uma prova
- Tenha tempo extra para processar informações e orientações faladas
- Faça pausas frequentes, como após concluir uma folha de exercícios

Adaptações de ambiente

- Trabalhe ou faça uma prova em um ambiente diferente, como uma sala silenciosa com poucas distrações
- Sente-se onde aprender melhor (por exemplo, perto do professor)
- Use iluminação ou acústica especiais· Fazer uma prova em um ambiente de pequeno grupo
- Usar ferramentas sensoriais, como uma faixa elástica que possa ser enrolada nas pernas de uma cadeira (para que crianças inquietas possam chutar a faixa e gastar sua energia silenciosamente)

Adaptações de programação

- Ter mais tempo para concluir um projeto
- Fazer uma prova em várias sessões cronometradas ou ao longo de vários dias
- Fazer seções de uma prova em uma ordem diferente
- Fazer a prova em um horário específico do dia

Adaptações relacionadas a habilidades de organização

- Usar um cronômetro para ajudar no gerenciamento do tempo
- Marcar textos com um marcador
- Usar uma agenda ou organizador para ajudar a coordenar as tarefas
- Receber orientação sobre técnicas de estudo

Veja também Anexo 9: Lista Completa de Adaptações para Caligrafia

Fonte: Adaptado de Amanda Morin, "Common Classroom Accommodations and Modifications," Understood, **https://www.understood.org/en/articles/common-classroom-accommodations-and-modifications.**

Prática e Aplicação

A. Aplicação do DUA em sala de aula

1. Escolha uma disciplina e um tema (Ex.: Inglês – sequência de eventos) que você ensinará na próxima semana.
2. Planeje múltiplos meios de representação, expressão e engajamento para a disciplina e o tema selecionados. Você pode usar o modelo abaixo para o planejamento.
3. Consulte as Perguntas-guia do DUA para professores ao planejar aulas nesta unidade para ajudá-lo.
4. Aplique essas ideias em sua aula.
5. Reflita sobre sua experiência:
    - Como os alunos perceberam a aula como um todo? O que você observou em relação ao envolvimento, à confiança ou ao prazer deles?
    - Quais partes do seu plano funcionaram bem e quais não saíram como esperado?
    - O que ajudou você a aplicar a UDL na sua aula? Por exemplo, determinados materiais, tempo de preparação ou apoio de colegas?
    - O que foi um obstáculo e o que tornaria mais fácil para você aplicar o DUA de forma mais consistente?
    - Com base nessa experiência, o que você ajustaria na próxima vez para reduzir barreiras e apoiar melhor todos os alunos?

Série: _____
Matéria: _____
Tema: _____

Apresentarei meu conteúdo usando: *(Múltiplas formas de representação)*	**Usarei as seguintes atividades para envolver meus alunos:** *(Múltiplas formas de engajamento)*	**Meus alunos podem expressar o que aprenderam por meio de:** *(Múltiplas formas de ação e expressão)*
1. Ex. Apresentação em PowerPoint 2. 3.	1. Ex. Atividades em grupos 2. 3.	1. Ex. Quadro de opções ou menu para as diferentes atividades que eles possam querer realizar 2. 3.

B. Adaptações comuns a serem testadas em sala de aula

1. Revise a lista de adaptações (apresentação, resposta, ambiente, tempo, programação, organização).
2. Identifique um aluno da sua turma que possa se beneficiar de uma adaptação específica e experimente-a esta semana.
3. Reflexão: A adaptação ajudou? O que você ajustaria na próxima vez?

2.4.3 Avaliação inclusiva

A avaliação inclusiva ajuda os professores a compreender o progresso, necessidades e pontos fortes dos alunos, para que possam tomar melhores decisões pedagógicas. Em salas de aula inclusivas, a avaliação é usada para melhorar a aprendizagem, não apenas para dar notas aos alunos. Ela ajuda os professores a ajustar as aulas, reconhecer diferenças individuais e ampliar o acesso a oportunidades de aprendizagem.[25]

Importância da Avaliação

A avaliação fornece aos professores, alunos e famílias informações úteis sobre o progresso na aprendizagem e as necessidades de apoio. Ela pode ser usada para:

1. **Apoiar a reflexão do professor:** Os alunos estão atingindo os resultados esperados? Quais abordagens pedagógicas estão funcionando e para quem?
2. **Orientar a reflexão do aluno:** O que eu entendo? O que ainda preciso praticar ou explorar?
3. **Fortalecer a comunicação com as famílias:** O que as famílias e os professores podem compartilhar para apoiar a aprendizagem na escola e em casa?
4. **Acompanhar o progresso:** Em que ponto o aluno se encontra agora e quais apoios ou ajustes são necessários a seguir?

Elementos-chave da Avaliação Inclusiva

- A avaliação está alinhada com os objetivos de aprendizagem e é utilizada para orientar o ensino.
- Os alunos participam da avaliação e da reflexão sobre sua própria aprendizagem.
- Os professores utilizam tanto a avaliação formativa quanto a somativa.
- Os métodos de avaliação são flexíveis, acessíveis e adaptados às diferenças dos alunos.
- As escolas apoiam os professores na utilização de práticas de avaliação inclusiva.

Tipos de avaliação

1. **Avaliação somativa, ou avaliação DA aprendizagem,** é geralmente realizada ao final de um projeto, unidade, curso, semestre, programa ou ano letivo. Ela mede até que ponto os alunos alcançaram os conteúdos e competências esperados. Ela fornece evidências de aprendizagem para professores, alunos, famílias, dirigentes escolares e outras partes interessadas.[26]

   A avaliação DA aprendizagem pode ser usada para:

   - planejar metas e caminhos futuros de aprendizagem
   - fornecer evidências de desempenho aos alunos, famílias, educadores e grupos externos
   - apoiar relatórios claros e transparentes
   - orientar decisões sobre evidências, métodos de avaliação e feedback

AVALIAÇÃO SOMATIVA	
Avaliação DA Aprendizagem	
Lembrar	Analisa o passado: O que foi aprendido?
Objetivo	Medir o desempenho, relatar o progresso e apoiar decisões.
Foco	Notas, padrões, certificação, progressão e prestação de contas.
Quando	Ao final de uma sequência de aulas, unidade, período letivo, curso ou programa.
Papel do professor	Avaliar as evidências em relação às metas e padrões; atribuir notas ou níveis.
Exemplos	Prova final, projeto, trabalho escrito, apresentação, portfólio ou recital.

2. **Avaliação formativa, ou avaliação PARA e COMO parte da aprendizagem**, é utilizada durante o ensino para verificar a compreensão, as necessidades e o progresso dos alunos. Ela ajuda os professores a ajustar o ensino e ajuda os alunos a se aperfeiçoarem enquanto a aprendizagem ainda está em curso.[27]

A avaliação PARA a aprendizagem utiliza evidências do conhecimento, das habilidades e da compreensão dos alunos para orientar o ensino. Ela esclarece o que os alunos estão fazendo bem, onde precisam de apoio e quais os próximos passos que melhorarão a aprendizagem.[28]

A avaliação para a aprendizagem deve:

- ajudar os alunos a melhorar, não apenas a obter notas;
- utilizar evidências formais e informais para planejar os próximos passos;
- deixar claras as metas de aprendizagem;
- fornecer feedback que motive a melhoria;
- refletir a crença de que todos os alunos podem progredir;
- incluir a autoavaliação e a avaliação entre pares em rotinas regulares;
- envolver professores, alunos e famílias na reflexão sobre as evidências; e
- ser acessível e inclusiva para todos os alunos.

AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Avaliação PARA a Aprendizagem	
Lembrar	Olha para o futuro: Que apoio é necessário a seguir?
Objetivo	Melhorar a aprendizagem enquanto o ensino ainda está ocorrendo.
Foco	Feedback, próximos passos, motivação e apoio à aprendizagem.
Quando	Durante aulas, atividades e tarefas práticas.
Papel do professor	Verificar a compreensão, identificar necessidades, ajustar o ensino e dar feedback útil.
Exemplos	Observação, perguntas abertas, verificações rápidas, fichas de saída, feedback sobre rascunhos, portfólios.

3. **Avaliação COMO aprendizagem** ocorre quando os alunos monitoram e avaliam sua própria aprendizagem. Eles fazem perguntas, refletem sobre o que sabem e são capazes de fazer e utilizam o feedback para definir metas e melhorar.[29]

A avaliação como aprendizagem deve:

- ajudar os alunos a assumirem a responsabilidade por sua aprendizagem
- incentivar os alunos a fazerem perguntas sobre seu progresso
- envolver alunos e professores no estabelecimento de metas de aprendizagem
- ajudar os alunos a utilizarem o feedback e a autoavaliação para identificar os próximos passos
- desenvolver hábitos regulares de reflexão, feedback entre pares e autoavaliação

AVALIAÇÃO FORMATIVA	
Avaliação COMO Aprendizagem	
Lembrar	Olha para dentro: Como estou aprendendo?
Objetivo	Ajudar os alunos a monitorar, refletir e assumir a responsabilidade pela aprendizagem.
Foco	Autoavaliação, feedback entre pares, reflexão, definição de metas e hábitos de aprendizagem.
Quando	Durante e após as atividades de aprendizagem.
Papel do professor	Servir de modelo de reflexão, ensinar a autoavaliação e orientar os alunos a definir os próximos passos.
Exemplos	Diários de aprendizagem, perguntas de reflexão, revisão entre pares, listas de verificação pessoal, fichas de avaliação final.

Experimente!

Incorpore a avaliação formativa ao ensino diário

Observe: Perceba quem participa, quem hesita e quem precisa de apoio.

Pergunte: Use perguntas abertas para descobrir o que os alunos compreendem e em que pontos têm dúvidas.

Ouça: Dê tempo aos alunos para explicarem seu raciocínio com suas próprias palavras.

Feedback: Ofereça orientação específica e construtiva enquanto os alunos ainda podem melhorar.

Verificação entre colegas: Deixe que os alunos revisem o trabalho uns dos outros usando critérios simples.

Autoverificação: Permita que os alunos demonstrem compreensão falando, desenhando, fazendo demonstrações ou escrevendo.

Escolha: Allow learners to show understanding through speaking, drawing, demonstrating, or writing.

Ajuste: Use o que você aprendeu para adaptar o ensino, a formação de grupos, os materiais ou o apoio.

Lembre-se: A avaliação formativa não se resume apenas a identificar erros. Ela ajuda professores e alunos a decidir o que fazer a seguir.

Prática e Aplicação

A. Faça uma rápida avaliação formativa

Escolha uma aula nesta semana e use uma verificação simples para descobrir o que os alunos compreenderam e de que apoio precisam a seguir.

1. **Estabeleça uma meta clara:** Diga aos alunos o que eles devem compreender ou ser capazes de fazer ao final da aula.
2. **Verifique durante o aprendizado:** Use um método rápido, como o sinal de positivo/negativo, um cartão de saída, uma pergunta aberta, ou uma explicação entre colegas de dois minutos.
3. **Procure padrões:** Observe quem está confiante, quem está inseguro e quais ideias precisam de mais prática.
4. **Ajuste o ensino:** Re-ensine, dê exemplos, forme grupos de apoio ou ofereça outra maneira para os alunos praticarem.
5. **Deixe os alunos refletirem:** Peça aos alunos que completem uma frase: "Eu entendo...", "Preciso de ajuda com...", ou "Meu próximo passo é...".

Reflexão: O que você aprendeu sobre seus alunos? O que você mudará na sua próxima aula?

_____

_____

B. Incorporando a Avaliação Formativa ao Ensino Diário

1. **Usando as oito etapas da caixa "Experimente!"** (Observe, Pergunte, Ouça, Feedback, Verificação entre colegas, Autoverificação, Escolhe, Ajuste), escolha duas etapas que você não usa regularmente no momento.
2. **Aplique-as** em sua próxima aula.

Reflexão: O que você aprendeu sobre seus alunos que não sabia antes?

_____

_____

2.4.4 Estratégias Gerais para a Sala de Aula

Use as estratégias desta seção como um kit de ferramentas rápido para a sala de aula. São ajustes práticos e de baixo custo e são ajustes práticos que podem apoiar muitos alunos, incluindo aqueles com deficiências, condições de saúde ou experiências de estigma. Comece com pequenas mudanças, observe o que ajuda e ajuste com base nas necessidades dos seus alunos.

Lista de Verificação Rápida para o Ensino Inclusivo

- **Planeje com clareza:** Compartilhe os objetivos da aula, as etapas e os resultados esperados em linguagem simples.
- **Use mais de um formato:** Combine conversa, recursos visuais, exemplos, objetos, movimento ou atividades práticas.
- **Verifique a compreensão com frequência:** Peça aos alunos que expliquem, mostrem, apontem, desenhem ou demonstrem o que entenderam.
- **Ofereça opções:** Deixe que os alunos demonstrem o que aprenderam falando, escrevendo, desenhando, fazendo demonstrações ou explicando para os colegas.
- **Incentive a participação:** Use duplas, grupos mistos, sistemas de duplas e papéis para que nenhum aluno fique isolado.
- **Permita flexibilidade:** Ofereça tempo extra, etapas mais curtas, repetição de instruções ou formatos alternativos de resposta quando necessário.
- **Mantenha expectativas elevadas:** Ajuste o acesso e o apoio, mas continue a esperar esforço, aprendizagem e progresso de cada aluno.

Experimente!

Verificação de inclusão em três minutos

Antes da aula

- Identifique uma possível barreira, como instruções pouco claras, texto excessivo, espaço de movimento limitado ou uma tarefa que dependa apenas da escrita.
- Prepare pelo menos duas maneiras de apresentar informações-chave, como uma breve explicação acompanhada de um recurso visual, objeto, demonstração ou exemplo da vida cotidiana.
- Divida a tarefa principal em pequenas etapas e decida quais instruções devem ser escritas, faladas, modeladas, ou repetidas.
- Planeje como os alunos podem participar de diferentes maneiras, como falar, apontar, desenhar, mostrar, dramatizar ou trabalhar com um colega.

Durante a aula

- Verifique se todos os alunos conseguem ver, ouvir, se movimentar e acessar os materiais; ajuste os assentos, a iluminação, o ruído ou a formação de grupos, se necessário.
- Faça uma pausa após as instruções e peça aos alunos que demonstrem a compreensão repetindo as etapas, dando um exemplo ou demonstrando a primeira ação.
- Observe quem não está participando e ofereça uma maneira sem pressão de se envolver, como uma discussão em dupla, uma resposta não verbal ou um primeiro passo mais simples.
- Dê feedback que destaque o esforço ou a estratégia utilizada, e não apenas se a resposta está certa ou errada.

Após a aula

- Faça aos alunos uma pergunta rápida de reflexão, como "O que ajudou você a aprender hoje?" ou "O que tornou a tarefa difícil?"
- Anote qual ajuste ajudou mais de um aluno e mantenha-o como uma rotina regular da sala de aula.
- Identifique um aluno que possa precisar de acompanhamento, incentivo, apoio dos colegas, ou uma maneira diferente de demonstrar a aprendizagem na próxima vez.

Observação: Uma estratégia pode ajudar muitos alunos. Por exemplo, instruções por escrito podem ajudar alunos com dificuldades auditivas, alunos que precisam de mais tempo de processamento e alunos que perderam parte da explicação.

Estratégias por área de dificuldade

A tabela abaixo mostra alguns apoios simples para lidar com barreiras comuns em sala de aula. Lembre-se de que esses são pontos de partida. Sempre observe o aluno e pergunte o que o ajuda.

Área de dificuldade	Estratégias de baixo custo para experimentar
Fala e comunicação	Use gestos, imagens, objetos ou sinais; dê instruções em pequenas partes; conceda tempo extra para resposta; verifique a compreensão pedindo aos alunos que mostrem ou repitam a tarefa
Visão	Posicione os alunos onde possam enxergar claramente; use texto grande e de alto contras-te; leia em voz alta o que está escrito; reduza a poluição visual; permita formas auditivas, orais ou táteis de acessar e demonstrar a aprendizagem.
Audição	Olhe para os alunos ao falar; reduza o ruído de fundo; use instruções escritas e recursos visuais; certifique-se de que os vídeos tenham legendas; verifique se os alunos conseguem ver o quadro e quem está falando.
Mobilidade ou coordenação	Mantenha os caminhos desobstruídos; conceda tempo extra para transições; forneça assen-tos e materiais acessíveis; ofereça alternativas à escrita à mão, como digitação, respostas orais, anotações feitas por colegas ou gravação.

Área de dificuldade	Estratégias de baixo custo para experimentar
Aprendizagem e atenção	Use instruções curtas e claras; divida as tarefas em etapas; relacione as aulas a exemplos da vida real; repita os pontos-chave; use recursos visuais e materiais práticos; crie um sistema de duplas.
Rotina, amizade ou comportamento	Use rotinas previsíveis, horários visuais e sinais de transição; ofereça opções limitadas; ensi-ne regras sociais de forma explícita; proteja os alunos contra provocações e bullying; vincule as atividades aos interesses dos alunos.

Estabelecimento de Regras e Rotinas[30]

Salas de aula inclusivas funcionam melhor quando os alunos sabem o que esperar. Regras e rotinas claras ajudam os alunos a se sentirem seguros, reduzem a confusão e deixam mais tempo para uma aprendizagem significativa. Mantenha as regras em número reduzido, positivas, fáceis de entender e aplicadas de forma consistente.

1. **Crie regras em conjunto com os alunos:** Pergunte o que ajuda todos a se sentirem seguros, respeitados e prontos para aprender.
2. **Formule as regras de forma positiva:** Use "Use palavras gentis " em vez de "Não provoque."
3. **Mantenha as rotinas visíveis:** Exiba a programação diária, as etapas da aula e os sinais de transição.
4. **Ensine as rotinas explicitamente:** Dê o exemplo, pratique e revise as rotinas regularmente.
5. **Revise e ajuste:** Se uma regra ou rotina não estiver funcionando, discuta-a com os alunos e aprimore-a em conjunto.

Rotinas da sala de aula para planejar com os alunos

1. **Movimento:** Combine como os alunos entram, saem, se movimentam, formam filas, trocam de lugar e fazem a transição entre as atividades.

   Exemplo: "Quando nos dividirmos em grupos, andem em silêncio, peguem seus materiais e sentem-se onde todos possam participar."

2. **Tarefas de gestão:** Criem rotinas simples para a chamada, tarefas na sala de aula, formulários, comunicados e para manter a sala organizada.

   Exemplo: atribuam funções rotativas, como ajudante de chamada, responsável por limpar o quadro, monitor de materiais ou mensageiro da turma.

3. **Materiais:** Planejem como os materiais serão preparados, distribuídos, usados, recolhidos e guardados.

   Exemplo: coloque os materiais em cestas identificadas, designe um aluno por grupo para ser o responsável pelos materiais e use uma lista de verificação antes do início das atividades.

4. **Trabalho em grupo significativo:** Atribua a cada aluno uma função clara para que todos possam contribuir.

   Exemplo: facilitador, cronometrista, anotador, relator, incentivador, verificador ou responsável pelos materiais. Alterne as funções para que os alunos pratiquem diferentes responsabilidades.

Prática e aplicação

A. Estabeleça regras e rotinas para a sala de aula

1. Assista: Criando Regras com os Alunos – Melhores Práticas de Ensino: https://www.youtube.com/watch?v=5OdxVchUiXQ
2. Após assistir, identifique uma regra ou rotina da sala de aula que você queira melhorar.
3. Reescreva-a em linguagem positiva e acessível aos alunos.
4. Planeje como você vai dar o exemplo e praticá-la com os alunos.
5. Experimente por uma semana e, em seguida, pergunte aos alunos o que está funcionando e o que precisa ser ajustado.

B. Verificação de Inclusão de Três Minutos

1. Aplique a Verificação de Inclusão de Três Minutos — antes, durante e após uma aula nesta semana.
2. Use as sugestões como uma lista de verificação rápida, em vez de um longo exercício de planejamento.
3. Reflexão: Qual foi um ajuste que ajudou mais de um aluno ao mesmo tempo?

2.4.5 Aprendizagem Socioemocional para Inclusão e Equidade[31]

A Aprendizagem Socioemocional (SEL do inglês Social and Emotional Learning) é um processo que ajuda alunos e adultos a desenvolver as habilidades e atitudes necessárias para compreender emoções, demonstrar empatia, estabelecer relações respeitosas, tomar decisões solidárias e contribuir para uma sala de aula inclusiva.[32]

A aprendizagem socioemocional não é uma aula separada acrescentada à aprendizagem acadêmica. Ela faz parte do dia a dia escolar: como as pessoas se comunicam, como os conflitos são resolvidos, como as decisões são tomadas e como cada aluno recebe apoio para se sentir seguro, respeitado e capaz de participar.

Por que a aprendizagem socioemocional é importante para a Educação Inclusiva?[33]

Os alunos precisam mais do que acesso ao conhecimento; eles também precisam se sentir seguros, respeitados e conectados aos outros. Quando os professores desenvolvem intencionalmente a empatia, a consciência emocional e relações respeitosas, os alunos ficam mais propensos a participar, apoiar uns aos outros e combater o estigma ou a exclusão quando isso ocorre. Abaixo estão algumas razões pelas quais a aprendizagem socioemocional é uma parte essencial na criação de ambientes de aprendizagem inclusivos.

1. **Melhoria do bem-estar mental e redução da ansiedade e da depressão** — Alunos que se sentem emocionalmente apoiados são mais capazes de lidar com o estresse e os desafios.
2. **Redução da evasão escolar** - Quando os alunos se sentem seguros e conectados na escola, é mais provável que permaneçam engajados e continuem seus estudos.
3. **Melhoria no comportamento social e redução do bullying e do assédio** - A aprendizagem socioemocional desenvolve empatia e habilidades de resolução de conflitos, reduzindo diretamente o tipo de exclusão impulsionada pelos colegas que afeta alunos com lepra (doença de Hansen) ou deficiência.
4. **Maior conexão com a aprendizagem e a escola** - os alunos que sentem que pertencem ao ambiente escolar ficam mais motivados e participam mais ativamente das aulas.
5. **Melhores relações interpessoais** - a aprendizagem socioemocional ajuda os alunos a construir confiança e respeito apesar das diferenças, em vez de se distanciarem dos colegas considerados diferentes.
6. **Melhor desempenho acadêmico** - o bem-estar emocional, a autorregulação, a persistência e a determinação estão ligados à aprendizagem acadêmica; alunos que se sentem seguros conseguem se concentrar e aprender melhor.
7. **Redução da desigualdade e da desvantagem social, incluindo a redução da discriminação e da exclusão social** — a aprendizagem socioemocional não apoia apenas alunos individualmente; ela pode transformar a cultura de uma sala de aula ou escola inteira, afastando-a do estigma e da exclusão.

A aprendizagem socioemocional não se refere apenas ao bem-estar individual; é uma ferramenta para construir culturas escolares nas quais a discriminação e a exclusão são ativamente reduzidas.

Competências da aprendizagem socioemocional[34]

A seguir estão as cinco competências interligadas da aprendizagem socioemocional e alguns exemplos de habilidades. Elas podem ser desenvolvidas e cultivadas ao longo das fases de desenvolvimento e na escola, desde a primeira infância até o ensino superior.

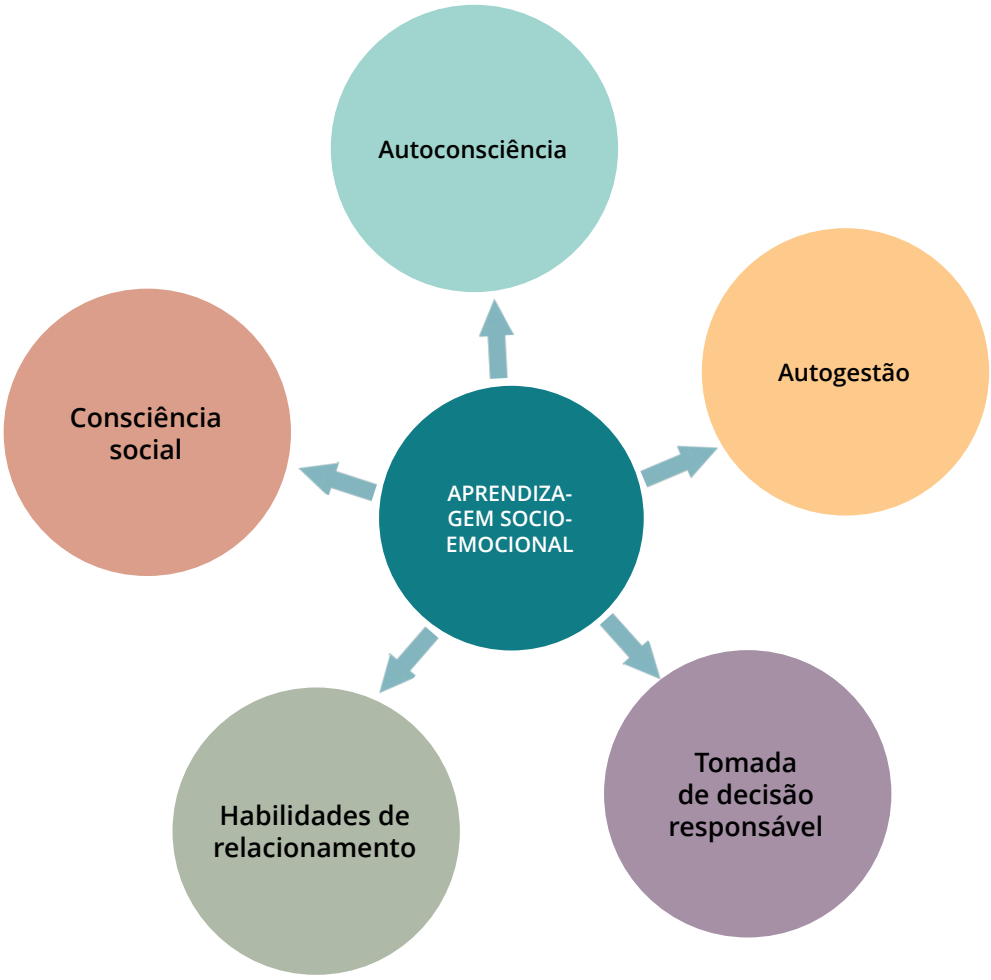


FIGURA 9. Quadro SEL

1. **Autoconsciência** - Compreender as próprias emoções, pensamentos, e valores, e como eles moldam o próprio comportamento. Inclui conhecer os próprios pontos fortes e limites com confiança e um senso claro de propósito.

   Habilidades-chave: *Identificar emoções, reconhecer preconceitos próprios, relacionar sentimentos a ações, desenvolver uma mentalidade de crescimento, conhecer a identidade e o que é importante para si mesmo.*

Fase	Exemplo em sala de aula
Primeira infância	Identificar um sentimento ("Sinto-me feliz/triste/irritado") usando imagens ou um quadro de sentimentos
Ensino Fundamental	Refletir em um diário sobre o que fizeram bem e o que acharam difícil em uma tarefa
Ensino Médio	Discutir como sua formação cultural ou experiências pessoais moldam suas opiniões sobre um tema
Ensino Superior	Identificar preconceitos pessoais ao analisar um estudo de caso ou avaliar um argumento

2. **Autogestão** – Gerenciar as próprias emoções, pensamentos e comportamentos para alcançar seus objetivos. Inclui lidar com o estresse, manter-se motivado e adiar a gratificação.

   Habilidades-chave: *Acalmar-se, estabelecer metas, manter-se organizado, demonstrar autodisciplina, tomar a iniciativa.*

Fase	Exemplo em sala de aula
Primeira infância	Respirar fundo ou usar um "cantinho de acalmar-se" quando estiver chateado
Ensino Fundamental	Estabelecer uma meta pessoal simples para a semana e acompanhar o progresso
Ensino Médio	Gerenciar o tempo e o estresse ao se preparar para provas ou equilibrar os trabalhos escola-res com outras tarefas
Ensino Superior	Planejar e gerenciar de forma independente os prazos de projetos de longo prazo

3. **Tomada de decisão responsável** - Fazer escolhas ponderadas e éticas sobre seu comportamento e suas interações. Inclui avaliar as consequências e levar em conta o bem-estar próprio e alheio.

   Habilidades-chave: *Manter a curiosidade e a mente aberta, resolver problemas, pensar criticamente, considerar como as escolhas afetam os outros.*

Fase	Exemplo em sala de aula
Primeira infância	Escolher compartilhar um brinquedo e conversar sobre por que compartilhar é um ato de gentileza
Ensino Fundamental	Discutir em sala de aula o que fazer se alguém estiver sendo excluído de uma brincadeira
Ensino Médio	Debater as consequências de um dilema ético real ou hipotético, como, por exemplo, como reagir ao bullying
Ensino Superior	Avaliar o impacto social de uma política ou decisão profissional em um estudo de caso

4. **Habilidades de relacionamento** - Construir e manter relacionamentos saudáveis, e trabalhar bem com pessoas diferentes. Inclui comunicar-se com clareza, cooperar, resolver conflitos e oferecer ou pedir ajuda.

   Habilidades-chave: *Escuta ativa, trabalho em equipe, resolução de desentendimentos, defender os*

outros, liderar com respeito.

Fase	Exemplo em sala de aula
Primeira infância	Esperar a sua vez e usar palavras gentis durante brincadeiras em grupo
Ensino Fundamental	Trabalhar em duplas ou pequenos grupos em uma tarefa compartilhada em sala de aula
Ensino Médio	Liderar um projeto em pequeno grupo e resolver desacordos entre os membros
Ensino Superior	Colaborar em equipes diversificadas em um trabalho em grupo ou estágio de campo

5. **Consciência social** - Compreender e demonstrar empatia pelos outros, incluindo pessoas de diferentes origens. Inclui reconhecer e perceber quando essas normas são injustas.

   Habilidades-chave: *Enxergar as perspectivas dos outros, demonstrar empatia e compaixão, reconhecer normas injustas, valorizar a diversidade.*

Fase	Exemplo em sala de aula
Primeira infância	Perceber quando um colega está triste e oferecer conforto
Ensino Fundamental	Ouvir a história de um colega sobre sua cultura, família ou experiência
Ensino Médio	Discutir por que um colega afetado por uma condição de saúde como a lepra (doença de Hansen) pode enfrentar tratamento injusto e o que poderia ser feito de maneira diferente
Ensino Superior	Analisar como os sistemas institucionais ou sociais contribuem para o estigma e a discrimina-ção e propor maneiras de lidar com eles

Mantenha a aprendizagem socioemocional adequada à idade e inclusiva. Alunos mais jovens podem se concentrar em nomear sentimentos e esperar a sua vez. À medida que os alunos ficam mais velhos, a aprendizagem socioemocional precisa evoluir com eles. Alunos mais velhos podem discutir justiça, identidade, conflitos e escolhas éticas. Adapte as atividades para que alunos com deficiências, condições de saúde ou necessidades de aprendizagem diferentes possam participar de forma significativa.

Abordagens para aplicar a aprendizagem socioemocional (SEL) em sala de aula

A aprendizagem socioemocional pode ser integrada ao ensino cotidiano. Abordagens centradas no aluno ajudam os alunos a praticar empatia, comunicação, colaboração, resolução de problemas e respeito enquanto aprendem o conteúdo acadêmico.[35]

1. **Aprendizagem baseada em projetos** - Os alunos trabalham juntos para investigar uma questão real e propor uma solução, como melhorar a limpeza, a segurança ou a inclusão na escola.
2. **Aprendizagem cooperativa** - Os alunos assumem funções claras em duplas ou grupos para que pratiquem a escuta, a ajuda, a explicação e a tomada de decisões em conjunto.
3. **Práticas restaurativas** - Os professores utilizam estratégias que ajudam a resolver conflitos de maneira positiva. Por exemplo, os professores podem usar "círculos restaurativos" ou conversas guiadas para reparar danos, reconstruir a confiança e ajudar os alunos a compreender como

suas ações afetam os outros.

4. **Aprendizagem em serviço:** Os alunos conectam o aprendizado em sala de aula com ações comunitárias, como atividades de conscientização, apoio entre colegas ou pequenos projetos que atendam às necessidades locais.

Consulte o Anexo 10: Abordagem "Boas-vindas, Engajamento e Encerramento" para obter mais informações sobre como integrar a aprendizagem socioemocional ao ensino cotidiano.

Experimente!

Comece o dia com uma verificação de emoções

Ajude os alunos a desenvolver a consciência emocional começando o dia ou a aula com uma simples verificação de emoções. Convide os alunos a identificarem como estão se sentindo usando cores, palavras que descrevem emoções, imagens, símbolos ou um gráfico de emoções, como o "Medidor de Humor" ou a "Roda das Emoções". Isso ajuda os alunos a reconhecer, nomear e expressar suas emoções, ao mesmo tempo em que dá aos professores uma ideia de como os alunos podem estar se sentindo e de que tipo de apoio podem precisar.

Para crianças mais novas, os alunos podem apontar para cores, imagens ou emojis que melhor correspondam aos seus sentimentos.

Para alunos mais velhos, incentive-os a usar um leque mais amplo de palavras relacionadas a emoções e, se se sentirem à vontade, a refletir brevemente sobre o que pode estar influenciando seus sentimentos.

Adaptação para alunos mais velhos:Em vez de usar apenas cores ou imagens, peça aos alunos que escolham uma palavra relacionada a emoções e respondam a uma breve pergunta, como:

- Hoje estou me sentindo _____ porque _____.
- Uma coisa que me ajudaria a aprender bem hoje é _____.

Verificações regulares de emoções ajudam a criar uma cultura de sala de aula onde os sentimentos são reconhecidos, respeitados e discutidos de maneira saudável.

Integração da aprendizagem socioemocional nos planos de aula

A aprendizagem socioemocional é mais eficaz quando praticada ao longo do dia, e não quando tratada como uma aula separada. Os professores podem planejar a aprendizagem socioemocional vinculando habilidades sociais e emocionais às atividades acadêmicas, para que os alunos pratiquem empatia, autogestão, tomada de decisão e relacionamentos respeitosos enquanto aprendem o conteúdo. Use estas etapas para integrar a aprendizagem socioemocional ao planejamento de aulas:

Etapa 1: Identifique a habilidade de aprendizagem socioemocional de que os alunos precisam - - Reflita sobre qual habilidade social ou emocional ajudará os alunos a terem sucesso nesta aula, como ouvir, esperar a sua vez, expressar sentimentos, controlar as emoções, tomar decisões ou assumir a perspectiva do outro.

Exemplo: Em uma aula sobre a criação de regras de sala de aula, os alunos precisam praticar a escuta respeitosa e a compreensão da perspectiva alheia para que possam considerar o que ajuda todos a se sentirem seguros, respeitados e incluídos.

Etapa 2: Vincule aprendizagem socioemocional aos objetivos da aula - Defina objetivos que combinem o aprendizado acadêmico com a habilidade de aprendizagem socioemocional que os alunos irão praticar.

Exemplo: O objetivo da aula passa a ser: "Os alunos sugerirão regras de sala de aula e explicarão como essas regras ajudam todos a se sentirem seguros, respeitados e incluídos."

Etapa 3: Elabore atividades envolventes - Utilize atividades como dramatização, arte, discussão, reflexão, escolha e jogos para que os alunos possam praticar as habilidades de aprendizagem socioemocional de maneira significativa. Mantenha as atividades flexíveis e inclusivas. Ofereça opções, prepare alternativas e convide os alunos a compartilhar pensamentos ou sentimentos quando se sentirem à vontade.

Exemplo: Primeiro, os alunos pensam em silêncio sobre uma regra, a compartilham com um colega, ouvem uma ideia diferente e, em seguida, trabalham em grupos para chegar a um acordo sobre duas regras. Cada grupo explica como suas regras apoiam a todos, incluindo colegas que possam ser tímidos, novos, com alguma deficiência ou afetados pelo estigma.

Experimente!

Dicas para sindicatos da educação: apoiando a aprendizagem socioemocional nas escolas

A aprendizagem socioemocional funciona melhor quando as escolas a conduzem em conjunto. Ela não deve ser deixada apenas a cargo de professores individualmente. A liderança compartilhada deve envolver dirigentes escolares, professores, alunos, famílias e sindicatos da educação.

1. **Defenda a aprendizagem socioemocional na formação inicial e no desenvolvimento profissional de professores** - A aprendizagem socioemocional deve fazer parte da formação inicial de professores e do desenvolvimento profissional contínuo. Os sindicatos podem defender isso nos padrões nacionais de formação de professores e nos planos de treinamento. A aprendizagem socioemocional deve ser tratada como parte essencial da preparação dos professores, não como um complemento opcional.
2. **Promova condições que apoiem o bem-estar dos professores** - O bem-estar dos professores é essencial para uma aprendizagem socioemocional eficaz. Os professores precisam de locais de trabalho seguros, cargas de trabalho gerenciáveis, equipe de apoio adequada e acesso a recursos de saúde mental. Os sindicatos podem defender essas condições, para que os professores recebam apoio para colocar a aprendizagem socioemocional em prática.
3. **Participar da mesa de liderança coletiva** - A aprendizagem socioemocional precisa de liderança compartilhada. Alunos, famílias, professores, dirigentes escolares e outros parceiros têm papéis a desempenhar. Representantes sindicais podem solicitar um lugar no planejamento da aprendizagem socioemocional em nível escolar. Isso ajuda a garantir que a voz dos professores e suas condições de trabalho sejam incluídas nas decisões.
4. **Defenda a equidade na implementação da aprendizagem socioemocional** - A aprendizagem socioemocional deve se basear na equidade e nas realidades locais. Os sindicatos podem defender programas que abordem as barreiras reais enfrentadas pelos alunos, incluindo o estigma associado a condições de saúde relacionadas à deficiência, como a lepra (doença de Hansen). A aprendizagem socioemocional não deve ser padronizada de forma a ignorar o contexto.
5. **Apoie redes de contato e a aprendizagem entre pares entre educadores** - Professional networks help teachers share SEL practices and support one another. Unions can convene peer-learning sessions, share resources across schools, and highlight successful approaches that others can adapt.
6. **Usar as plataformas sindicais para aumentar a visibilidade da aprendizagem socioemocional e da inclusão** - Os sindicatos podem manter a aprendizagem socioemocional e a inclusão em destaque por meio de boletins informativos, reuniões, cartazes, campanhas e eventos comunitários. Essas plataformas podem reforçar mensagens contra o bullying, a redução do estigma e conversas diárias sobre inclusão.

Fonte: Adapto UNESCO, "Integração da Aprendizagem Social e Emocional nos Sistemas Educacionais: Guia de Políticas."

Practice and Application

A. Fortalecendo a aprendizagem socioemocional em sua escola

Para professores e sindicatos de educação, pensem em sua escola como um todo e não apenas em sua própria sala de aula.

1. **Identifique uma prática que já esteja ocorrendo em sua escola e que reflita os princípios** da aprendizagem socioemocional, como empatia, justiça, relações respeitosas ou inclusão. Pode ser algo pequeno, como a forma como os conflitos são resolvidos ou como os novos alunos são recebidos.
2. **Identifique uma lacuna** como um evento, uma política ou uma rotina em que os princípios da aprendizagem socioemocional estejam ausentes ou possam ser reforçados. Isso pode ser a forma como se fala sobre um aluno com dificuldades na sala dos professores ou se o bem-estar dos professores é realmente apoiado.
3. **Reflita e discuta:**
   - *Para professores:* Qual é uma pequena mudança que você poderia fazer em sua própria sala de aula esta semana para fortalecer a segurança emocional ou a inclusão?
   - *Para representantes sindicais:* Qual conversa você poderia iniciar com a direção da escola, outros membros do sindicato ou em uma reunião para defender um apoio mais forte à aprendizagem socioemocional, treinamento ou melhores condições de trabalho?
4. **Compartilhe sua reflexão com um colega.** Mesmo uma única ideia compartilhada pode dar início a um esforço coletivo em que a aprendizagem socioemocional se torne algo que todos na escola levem adiante juntos.

B. Comece o dia com uma verificação de emoções

1. Experimente fazer uma verificação simples de emoções com sua turma esta semana — usando cores, palavras ou um gráfico de emoções.
2. Observe quaisquer padrões que surgirem ao longo de alguns dias.
3. Reflexão: Surgiu alguma coisa que você não teria percebido de outra forma?

Resumo da Unidade

- **A pedagogia centrada no aluno reconhece que os alunos aprendem de maneiras diferentes.**
- **Os professores apoiam a inclusão oferecendo oportunidades significativas de aprendizagem, múltiplos caminhos de aprendizagem, aprendizagem cooperativa e espaços de aprendizagem acessíveis.**
  - A aprendizagem significativa conecta as aulas a um propósito, ao conhecimento prévio, à vida cotidiana, prática e formas variadas de demonstrar compreensão.
  - Múltiplos caminhos de aprendizagem ajudam os alunos a acessar o conteúdo por meio da escuta, da visão, da prática, da discussão, da leitura e da criação.
  - A aprendizagem cooperativa funciona melhor quando os grupos têm papéis claros, responsabilidade compartilhada, interdependência positiva, habilidades sociais e tempo para refletir.
  - Espaços de aprendizagem acessíveis levam em conta o layout físico, os materiais, o ambiente da sala de aula e as atividades fora da sala de aula, para que todos os alunos possam participar.
- **O Design Universal para a Aprendizagem (DUA) planeja desde o início para a diversidade dos alunos.**
  - O DUA oferece múltiplos meios de representação, ação, expressão e engajamento.
  - O DUA reduz o estigma ao oferecer opções e apoio a todos os alunos, não apenas a indivíduos selecionados, como alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou alunos com deficiência.
  - A adaptação razoável oferece apoio direcionado para lidar com uma barreira à medida que ela surge, mantendo inalteradas as metas e os padrões de aprendizagem.
- **Qualquer aluno pode precisar de adaptações razoáveis a qualquer momento, não apenas os afetados pela lepra (doença de Hansen) ou aqueles com deficiência.**
  - É personalizado de tal forma que uma adaptação para um aluno pode não funcionar para outro, mesmo com uma condição ou dificuldade semelhante.
  - A adaptação razoável é um direito. Escolas e professores têm o dever de oferecer adaptações razoáveis quando um aluno precisar.
- **A avaliação inclusiva ajuda os professores a compreender o progresso, os pontos fortes e as necessidades dos alunos. Ela é usada para melhorar a aprendizagem, não apenas para avaliar o desempenho.**
  - A avaliação somativa analisa retrospectivamente o que os alunos alcançaram.
  - A avaliação para a aprendizagem orienta o ensino enquanto a aprendizagem ainda está ocorrendo.

- A avaliação como aprendizagem ajuda alunos e professores a refletir, acompanhar o progresso e definir os próximos passos.
- Métodos flexíveis de avaliação permitem que os alunos demonstrem compreensão da melhor maneira possível, por meio de diversos recursos, como fala, escrita, desenho, demonstração ou outros formatos acessíveis.

* **O ensino inclusivo pode começar com pequenos ajustes práticos na sala de aula. Os professores podem reduzir as barreiras planejando com clareza, utilizando formatos variados, verificando a compreensão, oferecendo opções, incentivando a participação e mantendo expectativas elevadas.**
  - Verificações rápidas de inclusão antes, durante e após as aulas ajudam os professores a identificar barreiras e ajustar o apoio.
  - Existem estratégias simples e de baixo custo para ajudar a lidar com dificuldades em diversos domínios, como comunicação, visão, audição, mobilidade, atenção, aprendizagem, rotinas, amizade ou comportamento.
  - Regras e rotinas claras ajudam os alunos se sentirem seguros, reduzem a confusão e promovem uma participação significativa.
* **A aprendizagem socioemocional desenvolve as habilidades emocionais, sociais e relacionais de que os alunos precisam para participar, se sentir parte da comunidade e combater o estigma ou a exclusão.**
  - A aprendizagem socioemocional promove o bem-estar, o vínculo com a escola, relacionamentos respeitosos, a redução do bullying e uma participação mais ativa.
  - As cinco competências da aprendizagem socioemocional são autoconsciência, autogestão, tomada de decisão responsável, habilidades de relacionamento e consciência social.
  - A aprendizagem socioemocional pode ser integrada por meio da aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem cooperativa, práticas restaurativas, aprendizagem em serviço e rotinas diárias.
  - Os sindicatos da educação podem apoiar a aprendizagem socioemocional defendendo a formação de professores, o bem-estar, a liderança compartilhada, a equidade, a aprendizagem entre pares e campanhas visíveis de inclusão.

Recursos adicionais

1. **Vídeo: "Papéis na aprendizagem cooperativa".** O vídeo apresenta papéis comuns em um pequeno grupo para incentivar a participação de todos os membros: https://youtu.be/zR6rTKPkjgQ
2. **Vídeo: "O que é trabalho em grupo?".** O vídeo mostra como expectativas claras e papéis bem definidos envolvem os alunos na aprendizagem: https://youtu.be/TgcNHL4vpp4
3. **Vídeo: "Aproveitando a aprendizagem prévia":** https://youtu.be/rD0L6UiEXrc?si=kvUWTXFsRc4Vrr4a

4. **Meaningful Learning Opportunities:** Wenk, Laura. "The importance of engaging prior knowledge": https://sites.hampshire.edu/ctl/2017/09/14/the-importance-of-engaging-prior-knowledge/
5. **Oportunidades significativas de aprendizagem:** Wenk, Laura. "A importância de acionar o conhecimento prévio": https://poorvucenter.yale.edu/Beginning-End-Class
6. **Ambientes de aprendizagem acessíveis e adequados às crianças:** Webinar 10 da UNICEF: Acesso à Escola e ao Ambiente de Aprendizagem I – Acessibilidade Física, à Informação e à Comunicação: https://www.unicef.org/northmacedonia/reports/access-school-and-learning-environment-i-physical-information-and-communication
7. **Design Universal para a Aprendizagem em Ação:** 100 Maneiras de Ensinar Todos os Alunos
8. Rapp, Whitney H. (2014). **Design Universal para a Aprendizagem em Ação: 100 Maneiras de Ensinar Todos os Alunos.** Baltimore, Maryland: Paul H. Brookes Publishing Co., Inc.
9. **O DUA hoje em dia: Um Guia para Professores sobre como Aplicar o Design Universal para a Aprendizagem nos Dias de Hoje:** https://publishing.cast.org/https://publishing.cast.org/catalog/books-products/udl-now-third-edition-novak
10. **Guia do Clube do Livro "o DUA hoje em dia"** (contém links para recursos adicionais): https://www.novakeducation.com/hubfs/Books/UDLNow_Book_Club_Guide-1.pdf
11. **O que realmente funciona com o Design Universal para a Aprendizagem:** https://lccn.loc.gov/2018053220
12. **O Design Universal para a Aprendizagem e seu Papel na Garantia do Acesso à Educação Inclusiva para Todos:** https://www.internationaldisabilityalliance.org/sites/default/files/universal_design_for_learning_final_8.09.2021.pdf
13. **Vídeo: O que é o DUA?,** por cast.org, uma organização sem fins lucrativos de pesquisa e desenvolvimento educacional focada na aplicação do DUA em ambientes criativos de aprendizagem inclusiva: https://www.youtube.com/watch?v=bDvKnY0g6e4
14. **Vídeo: O que é o DUA?** O Design Universal para a Aprendizagem explicado: https://youtu.be/eYN-qrKIIYI?si=MrJjNsWRBXsmQMlm
15. **Vídeo: DUA – Princípios e Prática**, pelo Centro Nacional de Design Universal para a Aprendizagem: https://m.youtube.com/watch?v=pGLTJw0GSxk
16. **Vídeo: DUA em ação** - Redação na 5ª série: Cecilia Solis, professora da 5ª série em Walla Walla, mostra como aplicou os princípios do DUA em sua sala de aula durante as aulas de redação e o impacto que isso teve sobre ela e seus alunos: https://youtu.be/4CJVfkh0TyE?si=ztO1ZKzTgEGlSgNN
17. **Mais informações sobre a estrutura de aprendizagem socioemocional para a aplicação da aprendizagem socioemocional na comunidade escolar:** https://casel.org/fundamentals-of-sel/what-is-the-casel-framework/#social-emotional-learning
18. **Vídeos: Link para diversos vídeos sobre competências de aprendizagem socioemocional para professores:** https://www.pbslearningmedia.org/collection/social-emotional-learning/t/core-competencies-SEL/
19. **Exemplos de atividades das três práticas emblemáticas da aprendizagem socioemocional – Boas-vindas, Envolvimento e Encerramento:** https://signaturepractices.casel.org/
20. **"Práticas de Ensino da Aprendizagem Socioemocional que Aprimoram a Aprendizagem Acadêmica e o Engajamento":** o guia lista exemplos de maneiras pelas quais os professores podem criar oportunidades para que os alunos pratiquem e reflitam sobre habilidades sociais e emocionais: https://casel.s3.us-east-2.amazonaws.com/2024/10/SEL-Teaching-Practices-10.2024.pdf

Unidade 2.5. Papéis colaborativos na promoção da inclusão e no combate ao estigma

Visão geral da unidade

A Unidade 5 tem como foco a colaboração como uma responsabilidade compartilhada para sustentar a inclusão e combater o estigma. Ela explica como uma abordagem que envolve toda a escola reúne líderes escolares, professores, pessoal de apoio educacional, alunos, famílias, cuidadores, comunidades, serviços de saúde e assistência social e sindicatos da educação. A unidade destaca como cada grupo pode ajudar a moldar atitudes inclusivas, fortalecer políticas e rotinas escolares, remover barreiras, apoiar alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), deficiência, condições de saúde ou estigma, e construir culturas escolares nas quais todos os alunos se sintam seguros, respeitados e capazes de participar.

Objetivos de Aprendizagem da Unidade

1. Explicar o objetivo e os principais elementos de uma abordagem escolar integrada para a inclusão e a redução do estigma.
2. Descrever como os alunos podem participar de forma significativa na criação de ambientes escolares seguros, inclusivos e respeitosos.
3. Identificar maneiras de colaborar com famílias e cuidadores para apoiar os alunos e reduzir o estigma em casa e na escola.
4. Identificar oportunidades de colaboração com a comunidade em geral, incluindo sistemas de apoio à saúde, assistência social e locais.
5. Explicar como os sindicatos da educação podem defender políticas inclusivas, apoio aos professores, condições de trabalho seguras e culturas escolares livres de estigma.

Estrutura da Unidade

2.5.1 A abordagem escolar integrada

2.5.2 Participação dos alunos

2.5.3 Família e responsáveis

2.5.4 Colaboração com a comunidade em geral

2.5.5 Sindicatos da educação

2.5.1 A abordagem escolar integrada

A educação inclusiva não ocorre de forma isolada. Ela envolve famílias, comunidades, líderes escolares e sindicatos da educação trabalhando juntos. Cada grupo tem um papel na formação de atitudes, na remoção de barreiras e no apoio a todos os alunos. Isso é especialmente importante para alunos afetados por estigma, deficiência ou condições de saúde como a lepra (doença de Hansen). Quando todos trabalham juntos, os alunos se sentem apoiados tanto na escola quanto em casa. Isso também ajuda a reduzir o medo, mal-entendidos e a discriminação na comunidade em geral. A inclusão não é uma atividade pontual. É uma responsabilidade compartilhada que exige esforço contínuo, cooperação e comprometimento.

Uma abordagem escolar integrada significa que todos na comunidade escolar trabalham juntos para tornar a escola segura, acolhedora e inclusiva para todos os alunos. Ela "implica uma ação coletiva e colaborativa na e pela comunidade escolar para melhorar a aprendizagem, o comportamento e o bem-estar dos alunos, bem como as condições que os apoiam".[36] A comunidade escolar[37] é composta por professores, líderes escolares, pessoal de apoio educacional, alunos, famílias e responsáveis, além da comunidade em geral.

Em uma abordagem que envolve toda a escola:[38]

- A inclusão faz parte do dia a dia da escola
- Todos os alunos são tratados com respeito e justiça
- O estigma e a discriminação são combatidos ativamente
- Políticas, ensino e rotinas escolares apoiam a inclusão

Cada escola é diferente, portanto, essa abordagem deve ser adaptada ao contexto local. No entanto, o objetivo é sempre o mesmo: garantir que cada aluno se sinta seguro, respeitado e capaz de participar.

Elementos-chave de uma abordagem escolar integrada para acabar com o estigma

Os elementos a seguir delineiam uma abordagem escolar integrada. Eles podem ser adaptados e ampliados como padrões mínimos para estabelecer ambientes inclusivos e livres de estigma em sua escola ou sindicato.[39]

1. **Liderança colaborativa e engajamento da comunidade**
   - Diretores escolares, professores, equipe de apoio educacional, conselhos estudantis e pais trabalham em colaboração para co-criar e liderar estratégias que construam ambientes de aprendizagem seguros e inclusivos.
   - Líderes comunitários, organizações locais de saúde e sindicatos da educação estabelecem parcerias ativas com a escola para defender a equidade e desmantelar o estigma em nível comunitário.

2. **Código de conduta claro e inclusivo**
   - O código define explicitamente os valores inclusivos fundamentais, identifica diferentes

formas de estigma e discriminação e descreve os comportamentos positivos esperados.
- Ele estabelece uma política inequívoca de tolerância zero para discriminação, bullying e assédio.
- O código promove ativamente e recompensa condutas que fomentem um ambiente escolar positivo, acolhedor e seguro para todos.

3. **Formação contínua para líderes escolares, professores e pessoal de apoio educacional**
   - Os gestores escolares, professores e pessoal de apoio educacional estão dotados do conhecimento e das habilidades necessárias para identificar, responder e prevenir proativamente a discriminação e a violência.
   - Os gestores escolares e professores recebem treinamento contínuo em estratégias pedagógicas inclusivas, como o DUA (Design Universal para Aprendizagem), a instrução centrada no aluno e a oferta de adaptações razoáveis.

4. **Empoderamento dos alunos e direitos da criança**
   - Os currículos integram ativamente abordagens baseadas nos direitos da criança, no respeito à diversidade e na aprendizagem social e emocional.
   - A liderança dos alunos é intencionalmente estimulada, garantindo que alunos marginalizados — incluindo meninas, meninos, pessoas não binárias, alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) e alunos com e sem deficiência — sejam igualmente representados e tenham voz.
   - As escolas promovem intencionalmente relações saudáveis entre colegas para melhorar a conscientização e as atitudes gerais dos alunos em relação à inclusão, equidade e diversidade.

5. **Relatórios transparentes, monitoramento e prestação de contas**
   - As escolas oferecem canais seguros, acessíveis e estritamente confidenciais para que alunos e funcionários relatem experiências de discriminação, estigma ou violência.
   - Os mecanismos de denúncia estão diretamente vinculados a sistemas eficazes de apoio médico, psicossocial, jurídico e acadêmico, garantindo que as vítimas e suas famílias recebam o apoio adequado.
   - São estabelecidos comitês dedicados à proteção infantil ou mecanismos institucionais de revisão para monitorar incidentes e garantir a prestação de contas.

6. **Gestão de incidentes responsiva e restaurativa**
   - São estabelecidos protocolos inclusivos e centrados no aluno para responder de forma eficaz às necessidades específicas e interseccionais dos alunos que sofrem discriminação, particularmente aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen).
   - São mantidas vias de encaminhamento claras e ativas com os sistemas locais de proteção à criança, saúde e assistência social para garantir um apoio abrangente e multissetorial.

7. **Ambientes físicos seguros e acessíveis**

- A arquitetura da escola, as salas de aula e os espaços de aprendizagem seguem os princípios do Design Universal, garantindo que sejam fisicamente acessíveis e sensíveis às questões de gênero.
- As instalações de Água, Saneamento e Higiene (WASH) estão presentes, são totalmente acessíveis, privadas e seguras para todos os alunos.
- São consideradas medidas de proteção para garantir que os alunos possam se deslocar com segurança de e para as instalações da escola, sem medo de assédio.

8. **Envolvimento significativo das famílias e responsáveis**
   - As famílias e os responsáveis são reconhecidos e envolvidos ativamente como parceiros essenciais na manutenção da inclusão em toda a escola.
   - As escolas estabelecem canais de comunicação regulares e bidirecionais com as famílias para planejar, de forma colaborativa, a melhor maneira de apoiar o bem-estar integral e o sucesso acadêmico de seus filhos.

2.5.2 Participação dos alunos

Por que a participação dos alunos é importante?

Uma das razões mais fortes para desenvolver estruturas de participação dos alunos nas escolas é que as crianças têm o direito de expressar suas opiniões sobre assuntos que as afetam. Esse princípio reconhece que todas as crianças têm ideias, perspectivas e experiências que merecem ser ouvidas e levadas a sério.[40] Ele é respaldado pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança (CRC)[41] e pela Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CRPD).[42] Isso inclui alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), que podem enfrentar silêncio, estigma, discriminação ou exclusão na escola e, portanto, precisam de oportunidades seguras e respeitosas para serem ouvidos.

Na sala de aula, isso significa que todas as crianças, incluindo aquelas com deficiência e alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), têm o direito de contribuir ativamente para sua aprendizagem. Eles não são simplesmente receptores de instrução ou conhecimento. Todo aluno tem a capacidade de moldar sua própria aprendizagem e apoiar a aprendizagem dos outros.[43] Quando os alunos estão envolvidos de forma significativa, eles se tornam parceiros ativos na criação de uma sala de aula inclusiva. Para alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), a participação significativa também pode ajudar a combater o estigma, fortalecer o sentimento de pertencimento e garantir que as decisões sobre apoio sejam baseadas em suas experiências de vida, e não no medo ou em suposições.

Barreiras à participação dos alunos

Os alunos são um recurso valioso para que a inclusão funcione na prática. Por que, então, suas vozes estão tão frequentemente ausentes das decisões sobre o ensino e a aprendizagem? Algumas das barreiras atitudinais, ambientais e institucionais que limitam a participação dos alunos incluem:[44]

- O equívoco de que crianças pequenas não compreendem como o mundo funciona
- A crença de que as crianças não conseguem comunicar seus sentimentos e ideias
- A suposição de que os adultos sempre sabem o que é melhor e que as crianças devem apenas ouvir
- Adultos que não sabem como ajudar as crianças a processar e comunicar seus pensamentos e sentimentos
- Métodos para coletar as opiniões das crianças que não são adequados à sua idade, interesses ou formas preferidas de comunicação
- Crianças que se sentem com medo ou desconfortáveis ao compartilhar suas opiniões e experiências com adultos
- Muitas crianças com deficiência não têm acesso a ferramentas de comunicação, como a linguagem de sinais ou outros apoios acessíveis
- Crianças que não recebem informações de formas acessíveis e adequadas à idade que as ajudem a formar suas próprias opiniões e a participar de maneira significativa
- Medo, estigma ou discriminação que fazem com que os alunos afetados pela lepra (doença de

Hansen) hesitem em falar, pedir apoio ou participar da vida escolar
- Ambientes escolares que não protegem a confidencialidade nem respondam adequadamente a provocações, bullying ou exclusão
- Abordagens de participação que são muito rígidas, formais ou centradas nos adultos

Algumas crianças e jovens podem precisar de apoio para expressar suas opiniões

As crianças se comunicam e dão sentido aos seus sentimentos, experiências e ideias de maneiras que refletem sua idade e fase de desenvolvimento. Algumas crianças, como as mais novas, as tímidas ou aquelas com deficiências, podem precisar de apoio adicional. No entanto, isso não diminui o valor de suas opiniões. O mesmo se aplica aos alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), incluindo aqueles que podem estar enfrentando estigma, deficiências, ausências relacionadas ao tratamento ou medo de serem julgados.

Com as ferramentas certas, apoio, um ambiente seguro e tempo, todas as crianças podem oferecer ideias importantes sobre como aprendem e o que as ajuda a participar. A inclusão significativa exige ouvir todos os alunos, incluindo crianças com deficiência e alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), quando são tomadas decisões sobre o apoio de que precisam dentro e fora da sala de aula.

Para lidar com as barreiras à aprendizagem, precisamos primeiro compreendê-las. Uma das melhores maneiras de fazer isso é ouvir os próprios alunos e envolvê-los na identificação do que precisa mudar. Isso é especialmente importante quando o estigma ou a discriminação afetam a participação, pois os alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) podem ajudar as escolas a entender o que os faz se sentir seguros, respeitados, incluídos e capazes de aprender.

A participação significativa é um processo

A participação pode ser entendida como um processo contínuo no qual os alunos expressam suas opiniões e se envolvem ativamente nas decisões que os afetam. Isso requer o compartilhamento de informações e um diálogo entre crianças, adolescentes e adultos, com base na confiança e no respeito mútuo. Significa também que as opiniões das crianças recebam a devida consideração, de forma que reflitam sua idade e maturidade.[45]

Podemos pensar na participação dos alunos em três níveis amplos. Esses níveis não são rígidos nem mutuamente exclusivos. Uma única atividade pode incluir mais de um nível, e um processo pode começar com consulta e, gradualmente, tornar-se mais colaborativo ou conduzido pelos alunos.

Níveis de participação[46]

1. **Participação consultiva** - Os adultos ouvem as ideias, opiniões e experiências das crianças. As opiniões das crianças e dos jovens influenciam a tomada de decisão dos adultos, mas não participam diretamente na tomada das decisões finais.

   Na sala de aula, isso pode incluir professores perguntando aos alunos o que os ajuda a aprender e o que dificulta a participação. Para alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), a participação consultiva pode incluir oportunidades privadas e respeitosas para compartilhar

preocupações sobre estigma, bullying, frequência escolar, necessidades relacionadas ao tratamento ou apoio na escola.

- Iniciada e conduzida por adultos
- A voz do aluno é reconhecida
- Os alunos não têm controle sobre os resultados
- Os alunos não têm poder de decisão

2. **Participação colaborativa** - Adultos e alunos trabalham juntos como parceiros. A tomada de decisão é compartilhada, e os alunos têm influência tanto sobre o processo quanto sobre o resultado.

   Na sala de aula, isso pode significar que professores e alunos decidam em conjunto quais questões explorar, quais temas abordar ou como melhorar a participação em sala de aula. Para alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), isso pode incluir trabalhar com os professores para chegar a um acordo sobre apoios práticos, respostas contra o bullying, arranjos flexíveis de participação durante o tratamento ou maneiras de promover o respeito e informações precisas entre os colegas.

   - Iniciada por adultos
   - Adultos e alunos são parceiros
   - Crianças e jovens têm influência tanto no processo quanto nos resultados

   Há oportunidades para níveis crescentes de ação autodirigida por parte dos alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) ou com deficiências ao longo de um período de tempo.

3. **Participação liderada pelos alunos** - Os adultos criam um ambiente propício no qual crianças e jovens são incentivados a assumir a liderança. Os alunos identificam prioridades, levantam preocupações e defendem seus próprios interesses. O papel do adulto passa de dirigir para apoiar e orientar.

   Isso pode se traduzir em uma sala de aula onde os alunos se sintam seguros e confiantes o suficiente para levantar questões que lhes são importantes e propor soluções. Para alguns alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), isso pode incluir liderar esforços de conscientização entre os colegas, falar abertamente sobre discriminação ou ajudar a moldar respostas da escola que protejam a dignidade e a inclusão.

   - Iniciada pelos alunos
   - Os alunos identificam questões que lhes são importantes
   - Os adultos facilitam e apoiam
   - Os alunos têm maior controle tanto sobre o processo quanto sobre os resultados

   Ferramentas e estratégias que apoiam a participação de todos os alunos, incluindo aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) e com deficiência foram discutidas na Unidade 4, “Estratégias centradas no aluno”.

Participação ética

Deve-se enfatizar que a participação de crianças e jovens deve ser sempre adequada à idade, voluntária e conduzida em um ambiente seguro que proteja sua segurança, seus direitos e sua privacidade. A participação também deve refletir as capacidades em evolução, em conformidade com a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança. O que uma criança mais nova pode fazer de forma significativa será diferente do que um adolescente mais velho pode fazer, e os adultos devem se adaptar a essa realidade, em vez de aplicar um padrão único para todas as idades.

Isso é especialmente importante no contexto da lepra (doença de Hansen). Convidar um aluno afetado pela lepra (doença de Hansen) a compartilhar sua experiência — por exemplo, como educador de pares ou porta-voz em uma atividade de conscientização — pode ser verdadeiramente empoderador, mas não é automaticamente assim. Muitas crianças afetadas pela lepra (doença de Hansen) carregam um estigma significativo e, em alguns casos, trauma, e podem ainda não se sentir prontas para falar publicamente sobre sua experiência, mesmo que sejam convidadas de forma calorosa e com boas intenções. A responsabilidade aqui é dos adultos, não da criança: a participação deve ser sempre oferecida, nunca esperada, com uma maneira sincera e sem pressão de recusar, apoio contínuo antes e depois, e um ambiente seguro onde a criança decide o quanto deseja compartilhar. A disposição de uma criança em falar publicamente nunca deve ser tratada como um sinal de participação bem-sucedida — o silêncio, ou a escolha de um papel mais discreto é um resultado igualmente válido.

Experimente!

A Avaliação de 5 Minutos sobre a Prontidão para a Voz do Aluno

Antes de podermos efetivamente fortalecer a voz do aluno, especialmente para alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), deficiências ou estigma, devemos garantir que o ambiente da sala de aula esteja pronto para recebê-la. Com base na Estrutura da Voz do Aluno do Search Institute, use esta rápida autoavaliação para avaliar se sua sala de aula possui as condições fundamentais necessárias para que os alunos se expressarem com segurança.

Reserve 5 minutos para responder "Sim" ou "Não" às seguintes perguntas:

Parte 1: Confiança e Atitude (A Base)
Os alunos precisam avaliar profundamente se um professor é confiável antes de se arriscarem a compartilhar seus verdadeiros pensamentos.

- ☐ **Respeito conquistado:** Eu me esforço ativamente para conquistar a confiança e o respeito dos meus alunos por meio da empatia, em vez de esperar que isso aconteça simplesmente por causa da minha autoridade como professor?
- ☐ **Segurança emocional:** Meus alunos se sentem seguros para procurar minha ajuda quando estão frustrados, chateados ou enfrentando um desafio?
- ☐ **Conexões duradouras:** Eu tenho conversas individuais regulares com os alunos que vão além do conteúdo acadêmico, das notas ou da disciplina?

Parte 2: Estruturas da sala de aula (as oportunidades)

A voz precisa de espaços claros, intencionais e estruturados para ser ouvida.

- ☐ **Intenção clara:** Quando peço a opinião dos alunos, sou totalmente transparente sobre o motivo da minha solicitação e quais decisões serão influenciadas pelo feedback deles?
- ☐ **Formatos variados:** Ofereço diversas formas acessíveis para que os alunos compartilhem suas opiniões (por exemplo, caixas de perguntas anônimas, discussões em pequenos grupos, votação visual) para que alunos tímidos ou ansiosos possam participar?
- ☐ **Tempo dedicado:** Reservo um tempo específico e sem pressa durante a semana exclusivamente para o feedback dos alunos, em vez de encaixá-lo no último minuto da aula?

Parte 3: Dinâmicas de poder e inclusão (O Alcance)

A verdadeira voz dos alunos significa compartilhar o poder e garantir que as vozes mais marginalizadas sejam amplificadas.

- ☐ **Acesso igualitário:** Eu conduzo as discussões de forma intencional para que todos tenham a chance de contribuir, em vez de apenas ouvir os alunos mais barulhentos e confiantes?
- ☐ **Representatividade:** Estou buscando ativamente e validando as perspectivas dos alunos marginalizados, como aqueles que possam estar passando por isolamento ou estigma?
- ☐ **Capacidade de resposta (Fechando o ciclo):** Quando os alunos compartilham suas opiniões, eu dou continuidade ao assunto e mostro explicitamente a eles como suas contribuições geraram uma mudança real na sala de aula?

Seu próximo passo:

Se você respondeu “Não” ou “Ainda não” a qualquer uma das perguntas acima, não se preocupe, esse é simplesmente o seu ponto de partida. Escolha UMA opção não marcada para se concentrar nesta semana. Por exemplo, se você precisa trabalhar a capacidade de resposta, estabeleça como meta dizer explicitamente à sua turma na sexta-feira como um feedback específico deles mudou a maneira como você ministrou uma aula.

2.5.3 Família e responsáveis

As famílias e os responsáveis desempenham um papel fundamental na educação inclusiva. Muitas vezes, são eles que melhor conhecem o aluno e podem ajudar as escolas a compreender seus pontos fortes, necessidades, interesses e experiências diárias. Isso é especialmente importante para alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), deficiência, estigma, discriminação ou outras condições de saúde. Quando as famílias e as escolas trabalham juntas, é mais provável que os alunos se sintam apoiados, frequentem a escola regularmente e participem plenamente da vida escolar.

Por que o envolvimento da família e dos responsáveis é importante

Os pais e responsáveis têm o direito de se envolver nas decisões que afetam a educação de seus filhos educação. Além disso, eles têm a principal responsabilidade pela educação de seus filhos.[47]Seu envolvimento pode melhorar tanto a aprendizagem quanto o bem-estar. Eles podem compartilhar informações úteis sobre o que apoia o aluno em casa, o que causa estresse ou dificuldade e o que ajuda o aluno a se sentir seguro e incluído.

Isso é especialmente importante para alunos afetados por estigma ou discriminação. As famílias podem perceber sinais precoces de bullying, exclusão, vergonha ou medo. Elas também podem ajudar as escolas a compreender como o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen), deficiência ou outras condições de saúde está afetando a frequência, a participação, a autoconfiança ou os relacionamentos.

Os professores também têm um papel importante em manter as famílias informadas. Quando as escolas compartilham informações claras e respeitosas sobre aprendizagem, participação e apoio, as famílias ficam mais bem preparadas para reforçar a aprendizagem em casa e levantar questões com antecedência. A comunicação deve ser prática, regular e sensível às circunstâncias familiares.

Na prática, isso pode significar que os professores criem oportunidades regulares, formais ou informais para se reunir com famílias e responsáveis a fim de:

- Obter informações sobre a criança
- Compartilhar o que é feito em sala de aula
- Dar dicas sobre como os pais podem apoiar ainda mais seus filhos em casa

Famílias e responsáveis podem ajudar a combater o estigma

Famílias e responsáveis de alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) e de alunos com deficiência podem ajudar a construir atitudes mais inclusivas na comunidade escolar como um todo. Quando as famílias compreendem o que é inclusão e por que ela é importante, ficam mais bem preparadas para combater o medo, os mitos e a discriminação.

Isso é muito importante para alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) e outras condições estigmatizadas. O mal-entendido e o medo entre adultos e crianças podem reforçar a exclusão e o bullying na escola. Famílias e responsáveis podem ajudar a reduzir isso usando uma linguagem respeitosa, compartilhando informações precisas, apoiando os alunos afetados e se manifestando

quando ocorrer discriminação.

Na prática, isso pode significar que os professores:

- Forneçam aos pais informações claras sobre educação inclusiva, o que esperar e como ela beneficia todos os alunos, incluindo seus próprios filhos
- Realizem reuniões comunitárias para abordar atitudes negativas, prevenir o bullying e criar apoio para crianças com deficiência e outros alunos afetados pelo estigma

Níveis de parceria com famílias e cuidadores

O envolvimento das famílias e dos responsáveis pode assumir diferentes formas, dependendo das oportunidades que as escolas disponibilizam. O importante é que a comunicação seja bidirecional, respeitosa e focada na inclusão, no bem-estar e na participação do aluno.[48] Alguns exemplos incluem:

1. **Famílias como defensoras** – As famílias e as redes de cuidadores podem ajudar a promover políticas e práticas mais inclusivas, incluindo um melhor apoio aos alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), deficiência ou estigma.
2. **Famílias como colaboradoras da educação inclusiva** – As famílias podem apoiar a aprendizagem e o desenvolvimento em casa, compartilhar informações úteis com os professores e ajudar a identificar o que facilita ou dificulta a participação do aluno.
3. **Escolas e famílias como parceiras** – As escolas podem envolver as famílias no planejamento, na tomada de decisões e nas atividades escolares, para que a inclusão se torne um objetivo compartilhado.
4. **Famílias apoiando famílias** – Redes de pais e responsáveis podem criar espaços para compartilhar informações, incentivo, experiências e apoio prático.
5. **Famílias na governança escolar** – As famílias podem participar de comitês, consultas e processos de tomada de decisão escolar que moldam a inclusão, o apoio aos alunos e os espaços seguros.

As parcerias funcionam melhor quando famílias, responsáveis e escolas se sentem respeitados e informados. Os papéis devem ser claros, a comunicação deve ser aberta e deve haver oportunidades regulares para discutir o que está funcionando, o que não está e o que precisa mudar. Isso é especialmente importante quando os alunos são afetados pelo estigma ou pela discriminação, pois a confiança e a confidencialidade são essenciais para um apoio significativo.

2.5.4 Colaboração com a comunidade em geral

Por que precisamos envolver a comunidade?

Ao analisarmos a comunidade em geral ao redor da escola, é provável que encontremos várias organizações e instituições que podem ajudar a apoiar a inclusão e combater a discriminação. Órgãos do governo local, Organizações da Sociedade Civil (OSCs), ONGs internacionais, grupos de pais, sindicatos da educação, organizações de pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen), Organizações de Pessoas com Deficiência (OPDs), organizações religiosas, organizações de mulheres, líderes comunitários, centros locais de saúde e atendimento médico, grupos de apoio jurídico, faculdades e universidades e grupos de jovens são apenas alguns desses valiosos parceiros em potencial.[49]

As comunidades possuem recursos valiosos que as escolas podem aproveitar para apoiar adequadamente os alunos, particularmente aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) ou com deficiência. Os membros da comunidade podem apoiar ativamente a educação inclusiva de várias maneiras:

- **Oferecendo apoio direto:** governos locais, grupos da sociedade civil, organizações de pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen), OPDs, centros locais de saúde e atendimento médico e outras organizações e instituições semelhantes podem ajudar as crianças a obter os dispositivos auxiliares necessários ou conectar as famílias a serviços essenciais de saúde, atendimento médico, assistência jurídica e proteção social.
- **Sensibilização:** Grupos comunitários podem atuar como poderosos defensores da educação inclusiva, sensibilizando o público sobre os direitos dos alunos afetados pela lepra (doença de Hansen) e dissipando ativamente os mitos e medos em torno da lepra (doença de Hansen).
- **Promovendo a inclusão social:** Grupos de jovens podem incluir intencionalmente crianças com deficiência ou aquelas afetadas pela lepra (doença de Hansen) em suas atividades extracurriculares, ajudando a normalizar a inclusão e a desafiar diretamente as atitudes negativas dos colegas.

Como funciona, na prática, a colaboração com a comunidade em geral

Aqui estão alguns exemplos de como professores e escolas constroem parcerias sólidas com a comunidade:

1. **Descobrir quem está faltando** - Trabalhar em conjunto com líderes comunitários para identificar quais crianças estão atualmente fora da escola, muitas vezes devido ao medo do estigma ou a condições de saúde como a lepra (doença de Hansen), e traçar estratégias em conjunto sobre como trazê-las de volta à sala de aula com segurança.
2. **Levar a aprendizagem para a comunidade** - Sempre que possível, sair da sala de aula. Organizar excursões que permitam aos alunos explorar e colocar em prática o que aprendem em contextos do mundo real. Por exemplo, visitar um mercado local conecta a matemática da sala de aula à vida cotidiana, ao mesmo tempo em que mostra à comunidade que todas as crianças têm lugar nos espaços públicos.
3. **Trazer a comunidade para a escola -** Convidar figuras locais e pais para serem palestrantes

convidados (por exemplo, profissionais de saúde locais discutindo fatos sobre doenças e deficiências) ou para atuarem como voluntários em atividades escolares, como contar histórias ou concertar o pátio. O uso de uma ferramenta de mapeamento comunitário (veja um exemplo de ferramenta em "Prática e Aplicação") pode ajudar a identificar essas oportunidades.

4. **Compartilhar a responsabilidade pela melhoria da escola** - Envolver membros da comunidade, juntamente com as famílias, em discussões sobre os valores fundamentais da escola e incluí-los no planejamento de melhorias. Quando a comunidade se sente parte integrante do processo, as práticas inclusivas tornam-se mais sustentáveis.
5. **Conduzir campanhas de conscientização** - Professores com formação em educação inclusiva conduzem sessões de conscientização para autoridades locais, associações de pais e grupos comunitários, a fim de discutir abertamente a deficiência e a lepra (doença de Hansen). Usar essas sessões para coletar as próprias ideias da comunidade sobre como remover barreiras à participação.
6. **Manter a conexão** - Criar oportunidades regulares de colaboração. Manter uma cultura de trabalho em equipe por meio da realização de reuniões consistentes, diálogos abertos ou eventos sociais inclusivos que unam a escola e a comunidade.

O estigma se alimenta do silêncio e do isolamento, tornando a comunidade em geral uma aliada essencial na luta pela educação inclusiva. Quando as escolas estabelecem parcerias ativas com organizações locais, serviços de saúde e líderes comunitários, elas criam uma frente unificada que desafia os equívocos sobre a lepra (doença de Hansen) e a deficiência, tanto dentro quanto fora da sala de aula. Essas colaborações não apenas conectam as famílias a sistemas de apoio vitais, mas também transformam a própria comunidade em uma rede de proteção que defende os direitos, a dignidade e a educação de todas as crianças.

2.5.5 Sindicatos da Educação

Os sindicatos da educação não são apenas representantes dos trabalhadores; são poderosos defensores da equidade em nossas escolas e comunidades. Como "o movimento sindical é guiado pelos princípios dos direitos humanos, da democracia e da justiça social",[50]os sindicatos estão em uma posição única para defender os direitos dos alunos mais marginalizados, garantindo que eles "alcancem seu potencial máximo ". Para alcançar isso, os sindicatos se envolvem em uma ampla variedade de atividades além do ensino, como defesa, mobilização, empoderamento, campanhas, formação e negociação coletiva, entre outras.[51]

O poder do diálogo social

Uma das ferramentas mais eficazes que os sindicatos possuem é o diálogo social, trabalhando em conjunto com empregadores, governos, organizações da sociedade civil, e organizações de pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen). Conforme destacado pelo Comitê Sindical Europeu para a Educação (ETUCE), "o diálogo social, por si só, desempenha um papel importante para tornar a educação mais inclusiva."[52]

Os sindicatos da educação são incentivados a se envolver ativamente em discussões e negociações sobre todos os aspectos da educação para ajudar a construir sistemas verdadeiramente inclusivos. Abaixo estão alguns exemplos de oportunidades de envolvimento:[53]

1. **Condições de trabalho** - garantir que os professores tenham tempo remunerado e de espaços devidamente equipados dentro de seu horário de trabalho para oferecer apoio extra aos alunos que mais precisam.
2. **Desenvolvimento profissional** – criar programas contínuos de desenvolvimento profissional, tanto em serviço quanto antes do início da carreira, para professores, gestores escolares e pessoal de apoio educacional, para que estejam plenamente preparados para lidar com questões complexas, como o estigma relacionado à saúde.
3. **Financiamento inclusivo** - garantir que recursos públicos suficientes e flexíveis sejam destinados à educação para apoiar a educação inclusiva e ambientes de aprendizagem acessíveis.
4. **Recrutamento e retenção de professores** – influenciar políticas e diretrizes de recrutamento e retenção para que reflitam a diversidade na força de trabalho educacional, incentivando a contratação de professores e funcionários da área de educação provenientes de grupos sub-representados, como pessoas com deficiências e condições de saúde como a lepra (doença de Hansen).

Impulsionando uma reforma sistêmica

Quando os sindicatos estabelecem parcerias com a direção escolar, o impacto é transformador. Pesquisas recentes destacam que, quando os sindicatos da educação colaboram com as escolas, "eles têm o potencial de impulsionar reformas escolares significativas, aumentar a motivação dos professores e combater as disparidades na alocação de recursos"[54] Reconceituar os sindicatos como parceiros colaborativos fortalece os sistemas educacionais e leva a melhores resultados de aprendizagem.

Para crianças e famílias afetadas pela lepra (doença de Hansen), a defesa dos sindicatos da educação pode mudar vidas. Os sindicatos podem aplicar seu poder coletivo para acabar com o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen) de várias maneiras práticas:

1. **Defesa de políticas seguras** - Os sindicatos podem usar a negociação coletiva para exigir políticas antidiscriminação de tolerância zero, garantindo que nenhuma criança tenha sua matrícula negada e nenhum professor tenha seu emprego negado devido ao diagnóstico de lepra (doença de Hansen).
2. **Fortalecimento dos educadores** - Os professores podem temer reações negativas da comunidade se acolherem um aluno com lepra (doença de Hansen) em sua sala de aula. Os sindicatos podem oferecer apoio essencial.
3. **Mobilização da comunidade** - Como os sindicatos têm raízes profundas nas comunidades locais, eles podem lançar campanhas de conscientização para dissipar mitos sobre a lepra (doença de Hansen), substituindo o medo por fatos e solidariedade.

Ao integrar a luta contra o estigma em sua defesa central, os sindicatos da educação garantem que a inclusão não seja apenas uma política no papel, mas uma realidade cotidiana em todas as escolas. Outras estratégias sobre como os sindicatos da educação podem promover a defesa da inclusão e o fim do estigma e da discriminação serão discutidas no Módulo 3: Ferramentas de Defesa para Sindicatos da Educação.

Experimente!

Uma Conversa, Uma conexão

Esta unidade trata da colaboração, mas você não precisa esperar por um grande programa ou mudança de política para começar. Você pode começar com uma ação pequena e simples ainda esta semana.

Escolha UMA das opções abaixo para experimentar antes da sua próxima aula ou reunião:

Opção 1: Crie uma maneira simples para que os alunos deem feedback
Experimente uma rotina de feedback pequena e que exija pouco esforço, como:

- Perguntar "Há algo que facilitaria sua participação na aula?" durante o momento do círculo no final do dia
- Criar um quadro simples de sentimentos onde os alunos possam apontar ou colocar uma marca ao lado de como se sentiram naquele dia
- Colocar uma caixa de sugestões onde os alunos possam deixar um bilhete , a qualquer momento, sobre o que os ajudaria

Observe o que surgir. Você não precisa agir em relação a tudo imediatamente, basta começar a ouvir.

Opção 2: Entre em contato com uma família
Tente dar um pequeno passo para se conectar com um pai, mãe ou responsável, como:

- Uma conversa rápida e informal na saída da aula — mesmo que sejam apenas dois minutos, já é o suficiente para perguntar como estão as coisas em casa
- Um bilhete ou mensagem curta compartilhando uma observação positiva sobre o filho deles
- Uma reunião de pais e professores, caso ainda não tenha uma agendada
- Pergunte se há algo que eles gostariam que você soubesse, e ouça sem julgar a resposta.

Opção 3: Identifique um contato na comunidade
Pense em uma pessoa ou grupo da sua comunidade (um profissional de saúde, um líder local, uma associação de pais, uma organização de pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen)) que possa apoiar a inclusão na sua escola. Anote o nome dessa pessoa e uma maneira pela qual ela poderia ajudar.

Opção 4: Converse com seu sindicato
Mencione uma preocupação relacionada à inclusão (como a necessidade de treinamento, materiais ou apoio para um aluno específico) a um colega ou representante sindical. Veja o que eles sugerem.

Reflita:

- O que você aprendeu com isso que não sabia antes?
- Qual seria o próximo passo que você poderia dar, com base no que aprendeu?

Essa é uma maneira rápida de começar a praticar como funciona a colaboração em toda a escola, um relacionamento de cada vez. Você vai aprofundar isso na atividade de Mapeamento Comunitário, no final desta unidade.

Prática e Aplicação

Mapeamento Comunitário

Objetivo: Identificar pessoas, grupos e serviços que possam ajudar a escola a promover a inclusão, reduzir o estigma e atender às necessidades dos alunos.

Preencha a tabela por conta própria. Pense na sua escola ou comunidade e anote apenas os exemplos mais importantes.

1. Liste pessoas, grupos ou serviços que possam apoiar os alunos e suas famílias.
2. Anote quais apoios já existem.
3. Anote uma lacuna ou um desafio.
4. Escolha uma ação simples que você possa realizar a seguir.

Use esta tabela:

Parceiro ou grupo comunitário	Apoio atual	Lacuna ou desafio	A Uma ação simples
Exemplo: famílias e cuidadores	Participam de reuniões ou compartilham as necessi-dades dos alunos	Algumas famílias são difí-ceis de contatar	Use uma mensagem sim-ples ou um horário de reunião que seja conve-niente para elas

Resumo da unidade

- A educação inclusiva é fortalecida quando toda a comunidade escolar compartilha a responsabilidade pela segurança, participação e o sentimento de pertencimento.
- Uma abordagem que envolva toda a escola alinha liderança, políticas, práticas em sala de aula, rotinas escolares, voz dos alunos, envolvimento familiar, parcerias comunitárias e defesa sindical em torno da inclusão e da redução do estigma.
- Os alunos devem ser participantes ativos na formação de culturas escolares inclusivas por meio do apoio entre pares, da liderança estudantil, de mecanismos de feedback e de atividades que promovam o respeito e o pertencimento.
- As famílias e os responsáveis são parceiros essenciais para compreender as necessidades dos alunos, reduzir o medo e a desinformação, apoiar a participação e reforçar valores inclusivos em casa e na escola.
- A colaboração com atores da comunidade, incluindo saúde, proteção infantil, serviços sociais, líderes locais, organizações da sociedade civil e organizações de pessoas afetadas pela lepra (doença de Hansen), pode fortalecer os canais de encaminhamento, a conscientização e o apoio prático aos alunos.
- Os sindicatos da educação podem ajudar a sustentar a inclusão, defendendo a formação de professores, condições de trabalho seguras, recursos adequados, políticas antidiscriminação e escolas livres de estigma.

Recursos adicionais

1. UNESCO**. Pacote de Recursos para a Educação para a Cidadania** (GCED): Module 6 - Whole School Approach: https://openlearning.unesco.org/assets/courseware/v1/1554885be57ff8c7ed500abe187e6eca/asset-v1:UNESCO+UNESCO-04+2021_01+type@asset+block/Whole_school_approach.pdf
2. UNICEF. (2013). **Levem-nos a sério! Envolvendo crianças com deficiência nas decisões que afetam suas vidas:** https://www.unicef.org/media/126316/file/Take-Us-Seriously.pdf
3. UNICEF. (2014a). **Webinar 7, Parcerias, Defesa de Causas e Comunicação para a Mudança Social.** Folheto Técnico Complementar: https://www.unicef.org/lac/media/7711/file
4. UNICEF. (2014b). Webinar 13. **. Participação dos pais, da família e da comunidade na educação inclusiva**. Folheto Técnico Complementar https://www.unicef.org/lac/media/7741/file
5. Kit de Ferramentas **"Voz do Aluno"** do Search Institute: https://searchinstitute.org/resources-hub/student-voice-toolkit

Anexos

Anexo 1: Definição de Educação Inclusiva da CRPD e da UNESCO

As definições a seguir mostram que a educação inclusiva não se resume simplesmente a colocar todos os alunos na mesma sala de aula.

Trata-se de transformar os sistemas educacionais para que a diversidade seja acolhida, as barreiras sejam removidas e cada aluno possa participar plenamente, sentir um sentimento de pertencimento e alcançar resultados em igualdade de condições com os demais. Dessa forma, acesso, participação, pertencimento e equidade não são objetivos separados, mas características essenciais de uma educação verdadeiramente inclusiva.

CRPD

Toda criança tem direito a uma educação inclusiva de qualidade. A CRPD e o subsequente Comentário Geral nº 4 (CG4) afirmam que a educação inclusiva requer uma "transformação na cultura, nas políticas e nas práticas em todos os ambientes educacionais formais e informais para acomodar as diferentes necessidades e identidades de cada aluno, juntamente com o compromisso de remover as barreiras que impedem essa possibilidade. Envolve o fortalecimento da capacidade do sistema educacional de alcançar todos os alunos. Concentra-se na participação plena e efetiva, na acessibilidade, na frequência e no desempenho de todos os alunos, especialmente aqueles que, por diferentes razões, são excluídos ou correm o risco de serem marginalizados. A inclusão envolve o acesso e o progresso em educação formal e informal de alta qualidade, sem discriminação. A inclusão busca capacitar comunidades, sistemas e estruturas a combater a discriminação, incluindo estereótipos prejudiciais, reconhecer a diversidade, promover a participação e superar as barreiras à aprendizagem e à participação para todos, com foco no bem-estar e no sucesso dos alunos com deficiência. Ela requer uma transformação profunda dos sistemas educacionais na legislação, nas políticas e nos mecanismos de financiamento, administração, concepção, oferta e monitoramento da educação."[55]

UNESCO

Educação inclusiva significa que todas as crianças aprendem juntas na mesma escola. Ela define educação inclusiva como "um processo de abordar e responder à diversidade de necessidades de todos os alunos por meio do aumento da participação na aprendizagem, nas culturas e nas comunidades, e da redução da exclusão dentro e fora da educação. Envolve mudanças e modificações no conteúdo, nas abordagens, nas estruturas e nas estratégias, com uma visão comum que abrange todas as crianças da faixa etária apropriada e a convicção de que é responsabilidade do Estado educar todas as crianças."[56]

Anexo 2: Guia Rápido: Como lidar com alunos que sofreram violência

Quando um aluno conta que sofreu violência, discriminação, bullying ou abuso, sua primeira reação é importante. Uma resposta calma e solidária pode ajudar o aluno a se sentir seguro e incentivá-lo a buscar mais ajuda.

1. **Garanta a segurança imediata do aluno** - Se o aluno estiver em perigo imediato, tome medidas para mantê-lo seguro e siga os procedimentos de proteção infantil e de emergência da sua escola.
2. **Mantenha a calma e ouça** - Dê toda a sua atenção ao aluno. Permita que ele fale no seu próprio ritmo. Não interrompa, não o pressione a falar nem faça perguntas desnecessárias.
3. **Acredite no aluno e tranquilize-o** - Agradeça ao aluno por ter contado a você. Deixe claro que ele fez a coisa certa ao se manifestar. Evite culpar, julgar ou questionar suas ações.

   Exemplos:
   - *"Obrigado por me contar."*
   - *"Fico feliz que você tenha vindo falar comigo."*
   - *"Isso não é culpa sua."*
   - *"Você merece estar seguro."*
4. **Respeite a privacidade e a confidencialidade** - Converse com o aluno em um local privado, sempre que possível. Explique que você só compartilhará informações com pessoas que precisam saber para garantir a segurança dele. Nunca prometa manter em segredo um abuso ou dano grave.
5. **Registre apenas os fatos essenciais** - Anote o que o aluno disser usando as próprias palavras, sempre que possível. Registre a data, a hora e quaisquer lesões ou comportamentos observados. Evite fazer suposições ou conduzir sua própria investigação.
6. **Denuncie e encaminhe imediatamente** - Siga os procedimentos de denúncia da sua escola e encaminhe o aluno aos serviços apropriados de proteção à criança, saúde, apoio psicossocial ou assistência social. Quando exigido por lei, denuncie as suspeitas às autoridades competentes.
7. **Continue apoiando o aluno** - Mantenha contato com o aluno, preserve um ambiente de sala de aula seguro e inclusivo e ofereça adaptações razoáveis, se necessário, respeitando sempre sua privacidade e dignidade.

Lembre-se: Seu papel é ouvir, apoiar, comunicar e encaminhar. Não é investigar ou determinar se o aluno está dizendo a verdade.

O que fazer

- Ouça sem interromper.
- Mantenha a calma e seja solidário.
- Leve as preocupações a sério.
- Respeite a dignidade do aluno.
- Siga os procedimentos de proteção da escola.
- Busque orientação se não tiver certeza do que fazer a seguir.

O que evitar

- Fazer perguntas tendenciosas ou investigativas detalhadas.
- Prometer total confidencialidade.
- Culpar ou criticar o aluno.
- Pressionar o aluno a compartilhar mais do que ele deseja.
- Entrar em contato com o suposto agressor por conta própria.
- Tentar resolver casos graves sozinho.

Anexo 3: Lidando com agressores de violência[57]

Quando um aluno apresenta comportamento violento, é importante responder de forma rápida, justa e consistente. As políticas e os procedimentos da escola devem orientar como os incidentes são relatados, investigados e tratados.

Princípios Fundamentais

- Reúna-se separadamente com a vítima e com o aluno responsável pelo comportamento para garantir que ambos possam se expressar com segurança e abertamente.
- Utilize disciplina positiva e abordagens restaurativas sempre que for apropriado.
- Concentre-se em reparar o dano, assumir responsabilidade e prevenir incidentes futuros.
- Aborde o comportamento sem humilhar ou envergonhar o aluno.
- Garanta que as respostas sejam oportunas e proporcionais ao incidente.
- Adote uma abordagem informada sobre traumas

Crianças que praticam violência podem ter sofrido violência, negligência ou outras formas de trauma. Compreender as razões por trás do comportamento de uma criança pode ajudar a identificar o apoio de que ela precisa.

Considere:

- Quais fatores podem ter contribuído para o comportamento?
- O aluno precisa de apoio adicional ou encaminhamento?
- Como a escola pode ajudar o aluno a aprender com o incidente e a fazer mudanças positivas?

Violência por parte dos funcionários da escola

A violência também pode ser cometida por professores ou outros funcionários da escola. As escolas devem ter procedimentos claros para denunciar, investigar e responder a denúncias envolvendo funcionários. Regras e consequências devem ser aplicadas de forma justa e consistente a todos, a fim de ajudar a criar um ambiente escolar seguro e responsável.

Lembre-se: o objetivo não é apenas impedir comportamentos prejudiciais, mas também promover a responsabilidade, apoiar a aprendizagem e prevenir a violência no futuro.

Anexo 4: Apoio a testemunhas e alunos que presenciam violência

Os alunos que testemunham violência também podem sentir medo, angústia, culpa ou ansiedade. Eles podem se preocupar com a possibilidade de serem o próximo alvo ou se arrepender de não terem conseguido ajudar. Os professores devem reconhecer que testemunhar violência pode afetar o bem-estar dos alunos e criar oportunidades para que eles processem o que viram de maneira segura e acolhedora.

Os professores podem:

- Conversar em particular com os alunos que testemunharam o incidente e perguntar como estão se sentindo, sem pressioná-los a discutir detalhes.
- Tranquilizar os alunos de que a violência não foi culpa deles e que os adultos da escola estão tomando medidas para manter todos em segurança.
- Incentivar ações seguras por parte das testemunhas, como apoiar o aluno afetado após o incidente, recusar-se a incentivar comportamentos prejudiciais, ajudar o aluno a buscar segurança, informar um adulto de confiança e relatar suas preocupações. Alunos nunca devem ser obrigados a intervir se isso os colocar em risco.
- Reforce normas positivas na sala de aula discutindo empatia, respeito, inclusão e a responsabilidade compartilhada de todos em ajudar a criar um ambiente de aprendizagem seguro.
- Fique atento a sinais de sofrimento contínuo, como isolamento, medo, mudanças no comportamento ou na frequência escolar, e encaminhe os alunos a serviços psicossociais ou de aconselhamento adequados, se necessário.

Lembre-se: as testemunhas podem precisar de apoio tanto quanto o aluno diretamente afetado pela violência. Atender a ambos ajuda a restaurar uma sensação de segurança e fortalece e promove uma cultura escolar positiva e inclusiva.

Anexo 5: Políticas claras e abrangentes sobre escolas seguras e livres de violência[58]

Confiar apenas nas boas intenções de professores individualmente não é suficiente para garantir a segurança dos alunos. Para lidar efetivamente com a violência, o bullying e o estigma, as escolas devem estabelecer políticas abrangentes e por escrito. Quando um aluno sofre violência, bullying ou discriminação grave, os momentos imediatamente após o incidente são críticos. Sem diretrizes claras, professores e funcionários da escola são forçados a tomar decisões de alto risco na hora, o que pode levar a respostas inconsistentes, tendenciosas ou ineficazes.

De acordo com as diretrizes da OMS, políticas escolares abrangentes são a espinha dorsal de um ambiente de aprendizagem seguro por várias razões fundamentais:

- **Elas eliminam as suposições** - Políticas claras fornecem um roteiro passo a passo para os educadores. Quando ocorre um incidente, um professor não precisa se perguntar: "Isso é grave o suficiente para ser relatado?" ou "A quem devo contar?". A política define explicitamente o que constitui violência e o protocolo exato para denunciá-la com segurança.

- **Elas garantem consistência e justiça** - As políticas garantem que cada incidente seja tratado com o mesmo nível de cuidado, independentemente de qual professor o testemunhar. Essa consistência é vital para construir confiança entre os alunos; eles precisam saber que as regras se aplicam igualmente a todos e que suas denúncias serão levadas a sério em todas as ocasiões.

- **Elas definem funções e limites** - Uma boa política esclarece que não se espera que os professores atuem como terapeutas ou agentes da lei. Ela delineia caminhos claros de encaminhamento, especificando exatamente quando um professor deve repassar uma questão a um orientador escolar, ao diretor ou a serviços externos de proteção à criança. Isso evita que os educadores tenham de arcar sozinhos com todo o peso de uma crise.

- **Elas mudam o foco para o apoio e a reabilitação** - Políticas eficazes afastam as escolas de medidas puramente punitivas (como a expulsão imediata, que muitas vezes apenas transfere o problema para outro lugar). Em vez disso, as diretrizes orientam os funcionários sobre como aplicar a disciplina construtiva, reabilitar o agressor e exigir apoio psicossocial imediato para a vítima.

- **O papel do sindicato da educação** - Os sindicatos da educação desempenham um papel fundamental nessa área. Os sindicatos podem usar a negociação coletiva e o diálogo social para garantir que essas políticas não sejam apenas colocadas no papel, mas efetivamente implementadas, financiadas e apoiadas com desenvolvimento profissional adequado, para que todos os membros da equipe saibam como utilizá-las.

Anexo 6: Como os professores podem ser apoiados

Não se pode esperar que os professores carreguem sozinhos todo o fardo emocional e prático da prevenção da violência. A seguir, apresentamos exemplos de como os professores podem ser apoiados de forma eficaz:

1. **Formação direcionada** - Os professores devem receber formação abrangente, tanto antes quanto durante o exercício da profissão. Eles precisam de ferramentas práticas e baseadas em evidências para a disciplina positiva e a gestão da sala de aula, em vez de simplesmente ouvirem que devem "acabar com a violência".
2. **Transformação de crenças e normas prejudiciais** - As escolas devem oferecer espaços seguros e apoio profissional estruturado para que os professores reflitam criticamente sobre, abordem e transformem suas próprias crenças prejudiciais, bem como normas sociais, culturais e de gênero mais amplas. Desaprender esses preconceitos arraigados é essencial para garantir que os educadores não perpetuem, sem querer, a discriminação nem normalizem comportamentos agressivos.
3. **Políticas claras e canais de encaminhamento** - Os professores não devem ser forçados a atuar como terapeutas ou agentes da lei. As escolas devem fornecer procedimentos claros e por escrito para denúncias de violência, além de canais de encaminhamento estabelecidos para serviços sociais ou de proteção à criança, para que os professores saibam exatamente a quem recorrer quando ocorrer uma crise.
4. **Uma rede colaborativa** - Os professores são mais eficazes quando contam com o apoio de uma direção escolar engajada, de pais envolvidos e da comunidade em geral, garantindo que as regras aplicadas na sala de aula sejam respeitadas também fora dela.

Anexo 7: Compreendendo e respondendo a comportamentos desafiadores[59]

Compreendendo comportamentos desafiadores

O que é considerado comportamento desafiador pode variar entre culturas, escolas e salas de aula. Em geral, comportamento desafiador refere-se a ações que podem afetar o próprio bem-estar do aluno, o bem-estar de outras pessoas ou o ambiente de aprendizagem. Exemplos incluem:

- **Comportamento perturbador** - recusa em seguir instruções, barulho excessivo, birras, levantar-se da cadeira sem permissão.
- **Comportamento inseguro ou agressivo** -bullying, agressão verbal, bater, chutar, danificar bens.
- **Comportamento socialmente** - roubo, mentira ou comportamento que viole as normas sociais.
- **Comportamento retraído** - timidez extrema, ansiedade ou isolamento social.

O comportamento desafiador costuma ser uma forma de comunicação. Ele pode indicar que um aluno está tendo dificuldade com uma tarefa, não compreende as expectativas, sente-se frustrado, está buscando atenção ou enfrentando dificuldades fora da sala de aula.

Compreendendo as razões por trás do comportamento desafiador

O comportamento das crianças é influenciado por suas experiências, necessidades e ambiente. Motivos comuns para o comportamento desafiador incluem:

1. **Busca de atenção** - Alguns alunos podem recorrer a comportamentos negativos para chamar atenção quando não conhecem outras maneiras de buscar apoio ou conexão.

   O que pode ajudar?

   - Dê atenção positiva quando os alunos se comportarem adequadamente.
   - Elogie o esforço e o comportamento positivo.
   - Ensine aos alunos maneiras adequadas de pedir ajuda ou atenção.
   - Atribua aos alunos responsabilidades significativas e funções na sala de aula.
   - Evite dar atenção desnecessária a comportamentos que buscam atenção.

2. **Busca de controle ou independência** - Alguns alunos testam limites ou buscam maior controle sobre seu ambiente.

   O que pode ajudar?

   - Mantenha a calma e evite disputas de poder.
   - Ofereça opções quando for apropriado.

- Dê aos alunos oportunidades de assumir responsabilidades.
- Concentre-se em resolver o problema, em vez de vencer uma discussão.

3. **Reagindo à mágoa ou à frustração** - Alguns alunos se comportam mal porque se sentem irritados, excluídos, tratados injustamente ou sem sucesso.

   O que pode ajudar?

   - Construa relacionamentos positivos e de confiança.
   - Reconheça os sentimentos e as preocupações.
   - Ajude os alunos a expressarem suas emoções de maneira adequada.
   - Ensine habilidades de resolução de conflitos e de problemas.

4. **Evitando o fracasso** - Alguns alunos podem se isolar, recusar tarefas ou se tornar perturbadores porque temem cometer erros ou fracassar.

   O que pode ajudar?

   - Estabeleça expectativas realistas.
   - Divida as tarefas em etapas gerenciáveis.
   - Incentive tanto o esforço quanto a conquista.
   - Crie oportunidades para que os alunos experimentem o sucesso.
   - Use os erros como oportunidades de aprendizagem e tranquilize os alunos, explicando que o progresso leva tempo.

5. **Desinformação, conhecimento limitado ou incerteza sobre diferenças** - Alguns alunos podem agir de maneira ofensiva, evasiva ou perturbadora porque ouviram informações imprecisas sobre deficiência, lepra (doença de Hansen) ou outras diferenças, tiveram pouca oportunidade de aprender sobre elas ou não se sintam confiantes sobre como tratar ou interagir respeitosamente com colegas de classe que sejam diferentes deles.

   O que pode ajudar?

   - Forneça informações precisas e adequadas à idade sobre deficiência, lepra (doença de Hansen) e diferenças humanas.
   - Desafie mitos e estereótipos com calma, utilizando fatos e linguagem inclusiva.
   - Dê o exemplo de interação respeitosa e ofereça aos alunos exemplos simples do que dizer e fazer.
   - Crie oportunidades estruturadas para que os alunos cooperem, façam perguntas respeitosas e construam confiança uns com os outros.
   - Reforce que todos merecem dignidade, participação e senso de pertencimento.

Anexo 8: Em que o DUA difere da instrução tradicional e da instrução diferenciada?

A diferenciação pode, às vezes, estigmatizar os alunos quando "medidas especiais" são tomadas apenas para alguns. Na prática, ela também pode se resumir à simplificação do conteúdo ou à redução das tarefas, o que pode diminuir as expectativas e afetar o potencial e a autoestima dos alunos. Isso pode limitar seu acesso ao mesmo currículo de alta qualidade que os demais, um direito protegido pela CRPD e pelo Comentário Geral 4 sobre o Artigo 24.

A principal diferença entre o Ensino Diferenciado (ED) e o DUA é que o DI ajusta a aprendizagem para alunos individuais ou pequenos grupos, enquanto o DUA oferece opções de aprendizagem a todos os alunos desde o início. O ED pode ser útil quando os alunos precisam de adaptações razoáveis, como rampas, banheiros acessíveis, ou recursos de comunicação. No entanto, o DUA reduz a necessidade de ajustes separados ao reconhecer que todos os alunos aprendem de maneira diferente e podem precisar de apoio em algum momento. O DUA é projetada para todos os alunos e oferece opções sem estigma.

A tabela abaixo destaca as principais diferenças entre instrução tradicional, instrução diferenciada e DUA[60]

Instrução Tradicional	Instrução Diferenciada	DUA
Estática	Reativa	Proativa
Avalia o currículo	Avalia a o aluno	Avalia o ambiente e a cultura da sala de aula
Segue o roteiro da aula	Adapta o roteiro quando ele não é eficaz	Considera intencionalmente TODOS os alunos desde o início do pro-cesso de ensino (fase de concep-ção ou planejamento)
Não considera os alunos que po-dem estar marginalizados	Planeja diferentes experiências de aprendizagem para os alunos mar-ginalizados	Concebido para TODOS os alunos
Concebido para os alunos regula-res	Concebido para os alunos regula-res, com modificações para alguns	Concebido para todos os alunos
Ignora as barreiras	Contorna as barreiras	Elimina as barreiras

Anexo 9: Lista Completa de Adaptações para a Caligrafia

Categoria 1: Ajustes no papel e na superfície de escrita

Adaptação	Breve descrição de como usar	Quando usar / A quem be-neficia
Papel adaptado	Use linhas em negrito, linhas em relevo ou margens destacadas.	Alunos com dificuldade em manter-se dentro das linhas ou com o ta-manho das letras.
Papel quadriculado	Forneça quadros do mesmo tama-nho para orientar o espaçamento entre letras e números	Alunos com dificuldade no espa-çamento ou no alinhamento mate-mático.
Superfície de escrita inclinada	Use uma prancheta inclinada ou uma pasta com ângulo	Melhora a extensão do pulso e o acompanhamento visual.
Papel de alto contraste	Escolha fundos creme ou em tons pastéis	Alunos com sensibilidade visual ou fadiga.
Redução da sobrecarga visual	Forneça folhas de exercícios com menos itens.	Alunos que se sentem sobrecarre-gados por páginas cheias de deta-lhes.
Posicionamento inclinado do papel	Ensine a inclinação correta do papel de acordo com a lateralidade.	Alunos com posições inadequadas do pulso ou do braço.
Papel colorido para contraste	Use cores claras para melhorar a visibilidade	Alunos com diferenças no proces-samento visual.
Papel com linhas extra largas	Ofereça mais espaço entre as li-nhas.	Alunos com caligrafia grande ou controle motor fino reduzido.
Tarefas em meia folha	Ofereça seções de trabalho meno-res e menos opressivas.	Alunos que se cansam rapidamente.
Guias de papel dobrado	Dobre em seções para criar zonas visuais.	Alunos que perdem o foco na pá-gina.

Category 2: Pencil and Writing Tool Modifications

Adaptação	Breve descrição de como usar	Quando usar / A quem be-neficia
Apoiadores para lápis	Use apoiadores comerciais para posicionar os dedos	Alunos com pegada ineficiente.
Ferramentas de escrita encurtadas	Use lápis de golfe ou giz de cera curtos.	Incentiva a pegada em tripé.
Canetas/lápis com peso	Adicione peso às ferramentas de escrita.	Alunos com tremores ou bai-xa percepção muscular.
Lápis mecânicos	Mantêm a ponta afiada e reduzem a pressão.	Alunos que pressionam com muita força ou quebram as pontas.
Canetas/marcadores adaptados	Escolha canetas com fluxo de tinta suave.	Alunos que se cansam rapidamente ao escrever.

Ferramentas adaptativas para trei-namento de preensão	Use empunhaduras especializadas, como a "Grotto Grip".	Alunos que estão aprendendo no-vos padrões de preensão.
Corpos de lápis texturizados	Envolva o lápis em espuma, borra-cha ou fita adesiva antiderrapante.	Alunos que precisam de feedback táctil
Técnica do giz de cera quebrado	Forneça gizes de cera bem curtos.	Alunos com pouca força ou controle limitado.
Ferramentas de grande diâmetro	Use marcadores ou lápis jumbo.	Alunos que se cansam rapidamente.
Superfícies de escrita verticais:	use cavaletes ou quadros brancos.	Desenvolve a estabilidade dos om-bros e melhora o controle.

Categoria 3: Apoios para assento e posicionamento

Adaptação	Breve descrição de como usar	Quando usar / A quem be-neficia
Altura adequada da cadeira e da mesa	Ajuste de forma que os pés fi-quem apoiados no chão e os coto-velos na altura da mesa.	Todos os alunos; base para a pos-tura.
Apoios para os pés ou almofadas oscilantes	Adicione um apoio estável ou que permita movimento	Alunos com baixa estabilidade do tronco ou que se mexem muito.
Tapetes antiderrapantes para escrita	Evitam que o papel deslize.	Alunos que precisam das duas mãos livres para escre-ver.
Apoio para mãos e punhos	forneça apoios ou talas ma-cias.	Alunos com instabilidade articular ou que se cansam facilmente.
Atividades de estabilidade proximal antes da escrita	flexões na parede ou exercícios com massa de modelar antes da escrita.	Alunos que se curvam ou se can-sam facilmente.
Opções flexíveis de assentos	Mesas para trabalhar em pé, almo-fadas, bolas terapêuticas.	Alunos com necessidades sensori-ais ou motoras.

Categoria 4: Modificações instrucionais e de tarefas

Adaptação	Breve descrição de como usar	Quando usar / A quem beneficia
Caixas para caligrafia[b]	Use caixas para ajudar os alunos a compreen-der o tamanho das le-tras e o espaçamento.	Alunos com dificuldade em habilidades visuais-espaciais.
Pontos de partida pré-escritos/traçado	Destaque os pontos de partida ou forneça le-tras pontilhadas.	Alunos que estão apren-dendo a formar as letras.
Tarefas divididas em blocos	Divida as tarefas em partes curtas.	Alunos que se cansam ou perdem o foco.
Respostas orais/escribas	Permita respostas ver-bais ou ditado	Alunos cuja caligrafia é lenta ou dolorosa.
Digitação ou conversão de voz em texto	Ofereça alternativas tecnológi-cas.	Alunos que precisam de redução na carga de cali-grafia.
Tempo extra	Conceda prazos prolongados.	Alunos que escrevem de-vagar.
Cronogramas visuais para etapas de escrita	Exiba cada etapa da escrita.	Alunos que precisam de apoio na sequência de etapas.

b https://www.teacherspayteachers.com/product/letter-size-handwriting-practice-occupational-therapy-year-long-bundle-7664485

Folhas de exercícios pré-cortadas	Recorte para se adequar à tarefa em questão.	Alunos sobrecarregados por layouts de página intei-ra.
Esquemas de escrita	Use caixas ou contornos para escrever.	Alunos que precisam de orientação sobre espaça-mento.
Destaque a margem de escrita	Use marcas brilhantes para linhas de início/ fim.	Alunos que saem das mar-gens.

Categoria 5: Abordagens alternativas de escrita

Adaptação	Breve descrição de co-mo usar	Quando usar / A quem beneficia
Formatos alternativos de resposta	Use a opção de circular ou múltipla escolha em vez de escrever.	Alunos com graves dificul-dades motoras.
Rotular tarefas em vez de frases	Substitua respostas lon-gas por rótulos.	Alunos que estão pratican-do o conteúdo em vez da caligrafia.
Carimbos ou adesivos para itens repetitivos	Use carimbos em vez de escrever palavras repetidas.	Alunos com fadiga nas mãos
Escrita colaborativa	O parceiro escreve en-quanto o aluno dita.	Alunos que precisam de ajuda dos colegas.
Ditado com revisão pelo aluno	O adulto escreve, o aluno revisa	Alunos que conseguem revisar, mas não produzir textos longos.

Categoria 6: Apoios para envolvimento, motivação e regulação

Adaptação	Breve descrição de co-mo usar	Quando usar / A quem beneficia
Linhas de escrita destacadas	Pinte a linha inferior ou os espaços.	Alunos que precisam de pistas visuais de posiciona-mento.
Separadores de dedos	Use ferramentas para manter o espaçamento entre as palavras con-sistente.	Alunos que escrevem as palavras muito próximas umas das outras.
Modelo de formação de letras	O professor demonstra lenta-mente com dicas.	Alunos com aprendi-zagem visual.
Cartões visuais com etapas	Mostre cada traço da letra na ordem.	Alunos que precisam de recursos visuais passo a passo.
Reduzir copiar do quadro	Forneça uma referência im-pressa em vez disso.	Alunos com dificuldades de acompanhamento visual.
Ferramentas de escrita preferidas	Permita a escolha do tipo de caneta/lápis	Alunos que resistem à es-crita.
Incorporar interesses na escrita	Use temas favoritos nas tare-fas de escrita.	Aumenta a motivação.
Pausas programadas para movimentação	Planeje pausas breves para se alongar ou se movimentar.	Alunos que se cansam facilmente ou ficam inquie-tos.
Reforço positivo pelo esforço	Elogie a persistência e o pro-gresso.	Aumenta a confiança.
Rotinas de aquecimento das mãos	Use exercícios de aqueci-mento da motricidade fina antes de escrever.	Prepara os músculos para um melhor controle.

Transforme a prática da caligrafia em um jogo	Transforme as tarefas em desafios divertidos.	Alunos que evitam a prática.
Escrita baseada em movimentos	Escreva nas paredes, no chão ou com o corpo inteiro.	Alunos que buscam estí-mulos sensoriais ou que aprendem de forma cines-tésica.
Dias de escrita temáticos	Mude as ferramentas/temas semanalmente.	Mantém o interesse eleva-do.
Jogue os dados para criar frases engraçadas.	Motiva os escritores.	Alunos com dificuldade de ortografia, legibilidade ou motivação.
Quadros de escolha de temas.	Deixe o aluno escolher o tema.	Aumenta o envolvimento.
Superfícies não tradicionais	Quadros-negros, bandejas de areia, papel texturizado.	Alunos que precisam de variedade sensorial.
Ferramentas de feedback de pressão	Papel de cópia ou canetas sensíveis à pressão.	Alunos com pressão incon-sistente.
Folhas de aquecimento para caligrafia	Use laços, linhas e padrões.	Alunos que precisam de aquecimento para o plane-jamento motor.
Folhas de automonitoramento	O aluno avalia a organização e o esforço.	Incentiva a autorreflexão.
Atividades manuais de motricidade fina antes da escrita	Primeiro, amarrar, fazer ori-gami ou recortar.	Aquece os músculos para a caligrafia.

Fonte: Elizabeth Kosek, "Big List of Handwriting Accommodations for IEPs (60+ Occupational Therapy Accommodations!)," Empowering OT Resources, August 19, 2025, https://empoweringotresources.com/big-list-of-handwriting-accommodations/.

Anexo 10: Abordagem "Boas-vindas, Envolvimento e Encerramento[61]

Com base nas três práticas características de aprendizagem socioemocional (SEL) da CASEL, "Boas-vindas, Envolvimento e Encerramento" ajuda a integrar a aprendizagem socioemocional ao ensino cotidiano. Essas práticas ajudam os professores a criar um sentimento de pertencimento, apoiar a participação ativa e encerrar as aulas com reflexão e próximos passos claros.

Boas-vindas	Comece com uma rotina de boas-vindas, atividade ou saudação inclusiva que ajude os alunos a se sentirem valorizados, respeitados e prontos para aprender	Exemplos: Círculo matinal, uma saudação calorosa na porta ou uma breve atividade de interação relacionada ao objetivo da aula
Envolvimento	Use estratégias variadas durante a aula para que os alunos possam interagir com o conteúdo, relacioná-lo com suas vidas e participar de diferentes maneiras.	Exemplos: Equilibre atividades interativas e reflexivas, trabalho em duplas ou em grupo, tempo para reflexão individual e breves pausas para descansar a mente, a fim de promover o foco, a participação e a disposição para aprender
Encerramento	Encerre de forma intencional, ajudando os alunos a refletir sobre o que aprenderam, a valorizar uns aos outros e a identificar o próximo passo.	Exemplos: Uma pergunta para reflexão, resumo em grupo, ritual de valorização ou rotina de transição que conecte a aula a ações futuras

Anexo 11: Prática e Aplicação – Atividades Facilitadas

Estas são atividades sugeridas para processar a aprendizagem e verificar a compreensão, destinadas a serem conduzidas por um facilitador.

Unidade 1. Educação Inclusiva: Princípios

A. Correspondência e Comparação de Definições

Objetivo: Comparar as principais definições de educação inclusiva e identificar o que elas implicam para as políticas, as práticas e o ensino cotidiano.

Trabalhem em pequenos grupos. Leiam três definições curtas de educação inclusiva: uma de uma política ou lei nacional, uma da CRPD e uma da UNESCO *(Veja: Anexo 1 – Definições da UNCRPD e da UNESCO).* Em seguida, discutam o que cada uma delas destaca

1. Sublinhem ou listem palavras-chave em cada definição, como acesso, participação, pertencimento, apoio, igualdade ou mudança.
2. Identifiquem um ou dois pontos em comum.
3. Identifiquem uma diferença importante em cada definição.
4. Compartilhem suas conclusões:
    - Qual definição parece mais forte ou mais completa, e por quê?
    - O que essa comparação revela sobre como o seu sistema educacional entende a inclusão?
    - O que ainda precisa mudar na prática?

B. Identificando Barreiras

Objetivo: Reconhecer diferentes tipos de barreiras à inclusão e identificar medidas práticas que os educadores podem adotar para reduzi-las.

Trabalhem em duplas ou trios. Para cada estudo de caso, identifiquem o tipo de barreira e sugiram uma ou duas ações práticas que vocês poderiam adotar para ajudar a superá-la.

Estudo de caso 1: Um professor presume que um aluno afetado pela lepra (doença de Hansen) não deve participar de trabalhos em grupo porque as outras crianças podem se sentir incomodadas. O aluno costuma ficar sentado sozinho e raramente é convidado a participar das discussões em sala de aula.

- Que tipo de barreira é essa?
- Quais são duas coisas que você poderia fazer para ajudar a mudar a situação?

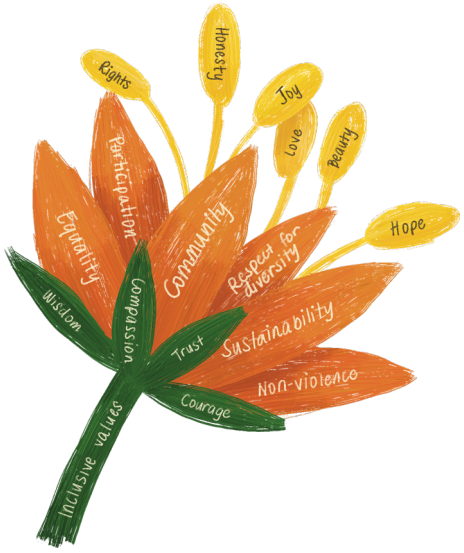
Estudo de caso 2: Um aluno com dificuldade de locomoção quer assistir à aula, mas a sala fica no segundo andar e a escola não possui rampa nem corrimão. Por causa disso, o aluno frequentemente

chega atrasado ou perde as aulas.

- Que tipo de barreira é essa?
- Quais são duas coisas que você poderia fazer para ajudar a resolver o problema

Estudo de caso 3: Uma escola exige uma certidão de nascimento para que uma criança possa se matricular. Um aluno da comunidade não possui os documentos necessários e, por isso, não foi admitido, embora esteja pronto para frequentar a escola.

- Que tipo de barreira é essa?
- O que você mesmo poderia fazer para ajudar a criança ou a família a dar o próximo passo?



C. Flor dos Valores

Objetivo: Explorar como os valores inclusivos moldam a cultura escolar, as práticas em sala de aula e a ação sindical.

- Trabalhem em pequenos grupos, de preferência agrupando professores da mesma escola ou do mesmo sindicato.
- Observem novamente a "Flor dos Valores" e selecionem um valor que considerem essencial para combater o estigma em sua escola ou sindicato.
- Reflitam sobre como o valor escolhido pode impactar sua escola. Preencham a tabela abaixo.

[Escreva aqui o valor inclusivo escolhido]	
Se estiver profundamente enraizado na escola	**Se NÃO estiver presente na escola**
■ Que influência positiva isso poderia ter nas relações entre alunos, professores e a direção da escola? _____ ■ Como ele afetaria a forma como as aulas são organizadas, as políticas são elaboradas e as reuniões sindicais são conduzidas? _____ ■ Como ele influenciaria as escolhas pedagógicas diárias? _____	■ O que aconteceria com alunos em situação de risco, como aqueles afetados pela lepra (doença de Hansen) ou por alguma deficiência, em termos de relacionamentos e segurança? _____ ■ Como a ausência desse valor afetaria o ânimo dos professores, as políticas escolares e a solidariedade sindical? _____ ■ Como essa ausência se manifestaria nos métodos de ensino e na gestão da sala de aula? _____

- Revise sua matriz preenchida. Anote uma ação concreta que você possa aplicar nesta semana, seja em sua sala de aula ou no sindicato local, para promover ativamente o valor que você analisou.

Unidade 2. Ambientes de Aprendizagem Inclusivos e Acolhedores

A. Compartilhamento de retratos da sala de aula

Objetivo:Comparar experiências e gerar ideias práticas para a transição para práticas centradas no aluno.

1. Em duplas ou pequenos grupos, cada participante descreve brevemente uma "aula típica" que ministra (2–3 minutos cada).
2. Em grupo, discutam:
   - Quais elementos dessa aula são centrados no professor? Quais são centrados no aluno?
   - O que precisaria mudar para tornar a aula mais centrada no aluno?
   - Qual seria uma medida realista que poderia ser experimentada na próxima semana?
   - Cada participante se compromete com uma pequena mudança e a compartilha com o grupo antes do fim da sessão.

B. Carrossel de funções

Objetivo: Explorar as diferentes funções que os professores desempenham em uma sala de aula centrada no aluno — gestor, facilitador, observador e aluno.

1. Prepare quatro estações ou folhas de flipchart, uma para cada papel (Gestor, Facilitador, Observador, Aluno).
2. Em pequenos grupos, alternem entre as estações e anotem:
   - Um exemplo desse papel no ensino cotidiano
   - Um desafio que os professores enfrentam ao desempenhar esse papel
3. Reúna o grupo novamente para compartilhar os destaques de cada estação. Discuta:
   - Qual papel a maioria dos participantes considera mais fácil? Qual é o mais difícil e por quê?
   - Como os professores podem apoiar uns aos outros no fortalecimento das funções que consideram mais difíceis?

5. **Use esta tabela:**

Parceiro ou grupo da comunidade	Apoio atual	Lacuna ou desafio	Uma ação simples
Exemplo: famílias e responsáveis	Participam de reuni-ões ou compartilham as necessidades dos alunos	Algumas famílias são difíceis de contatar	Use uma mensagem simples ou um horário de reunião que seja conveniente para elas

Convide os grupos a compartilhar um ponto forte e uma ação prioritária. Discuta:

1. Quais ações podem ser realizadas imediatamente?
2. Quais exigem apoio da direção escolar, de sindicatos ou do governo?

Unidade 3. Reconhecendo, respondendo e prevenindo a violência nas escolas

A. Espectro de valores

Objetivo: Analisar como as crenças pessoais, as atitudes e as normas sociais podem influenciar nossas respostas aos alunos e contribuir para a inclusão, o estigma, a discriminação ou a violência.

Peça aos participantes que se posicionem ao longo de um espectro que vai de "Concordo totalmente" a "Discordo totalmente" em resposta a afirmações selecionadas.

Exemplos de afirmações:

- O castigo físico às vezes é necessário.
- Meninos e meninas devem ser disciplinados de maneira diferente.
- Alunos com deficiência aprendem melhor em salas de aula separadas.
- As escolas devem abordar ativamente os estereótipos e a discriminação.

Facilite a discussão:

1. Por que os participantes escolheram essa posição?
2. Como essas crenças influenciam o ensino e a cultura escolar?
3. Que valores promovem escolas seguras e inclusivas?

Conclua identificando valores compartilhados que promovam a inclusão, a dignidade e a não violência.

B. Mapeamento da Segurança Escolar

A criação de escolas seguras e inclusivas requer tanto o compromisso individual quanto políticas de apoio. Sistemas sólidos ajudam a garantir que todos os alunos sejam protegidos, respeitados e capazes de participar plenamente da educação.

Objetivo: Identificar pessoas, grupos e serviços que possam ajudar a escola a apoiar a inclusão, reduzir o estigma e atender às necessidades dos alunos.

Preencha a tabela com um colega ou em um pequeno grupo, de preferência com colegas da mesma escola ou comunidade. Pense na sua escola ou comunidade e escreva apenas os exemplos mais importantes.

1. Liste pessoas, grupos ou serviços que possam apoiar os alunos e suas famílias.
2. Escreva quais formas de apoio já existem.
3. Escreva uma lacuna ou um desafio.
4. Escolha uma ação simples que você possa realizar em seguida.

Unidade 4. Estratégias Centradas no Aluno

A.Criação de Oportunidades de Aprendizagem Significativas

Objetivo: Gerar maneiras práticas de tornar a aprendizagem significativa, relevante e acessível para alunos diversos.

1. Em pequenos grupos, atribua a cada grupo um elemento (Objetivo, Conhecimento Prévio, Relevância, Prática ou Apresentação).
2. Cada grupo faz uma troca de ideias de 2 a 3 exemplos práticos para esse elemento, com base em suas próprias áreas de estudo.
3. Os grupos apresentam suas ideias para o restante da sala, construindo um banco compartilhado de estratégias que todos possam usar.

B.Reflexão sobre a pedagogia centrada no aluno

Objetivo: Refletir sobre a pedagogia centrada no aluno e identificar melhorias que fortaleçam a inclusão de alunos que enfrentam estigma ou barreiras.

1. Divida os participantes em quatro grupos e atribua a cada um deles um elemento: oportunidades de aprendizagem significativas, múltiplos caminhos de aprendizagem, aprendizagem cooperativa ou espaços de aprendizagem acessíveis.
2. Cada grupo discute como o elemento atribuído já está presente em sua escola ou sala de aula e identifica uma maneira de fortalecê-lo para apoiar alunos afetados pela lepra (doença de Hansen), deficiência ou outra condição estigmatizada.
3. Os grupos compartilham um exemplo da sala de aula e uma melhoria prática com todo o grupo.
4. Conclua identificando uma ação comum que os participantes possam tentar na próxima semana para tornar a pedagogia centrada no aluno mais inclusiva.

C. Tornando a aprendizagem em grupo mais eficaz (aprendizagem cooperativa)

Objetivo: Praticar estratégias que tornem a aprendizagem em grupo mais estruturada, inclusiva e acolhedora para todos os alunos.

1. Divida os participantes em pequenos grupos e atribua a cada grupo uma das cinco dicas de aprendizagem cooperativa.
2. Peça a cada grupo que faça uma dramatização ou descreva como apresentariam essa dica aos alunos pela primeira vez.
3. Os grupos apresentam suas abordagens, e o grupo maior discute quais ideias deseja experimentar.

D. Aplicando o DUA na sala de aula

ObjetivoAplicar os princípios do Design Universal para a Aprendizagem (DUA) ao planejamento de aulas, para que os alunos tenham diversas maneiras de acessar, interagir com e demonstrar o que aprenderam.

1. Peça aos participantes que trabalhem em pequenos grupos por série, disciplina ou contexto de ensino.
2. Cada grupo seleciona um tema comum para a aula, usa o modelo de planejamento do DUA para identificar opções de representação, engajamento e ação/expressão e, em seguida, apresenta seu plano ao grupo completo para receber feedback.
3. Consulte as Perguntas-guia do DUA para Professores ao Planejar Aulas nesta unidade para obter orientações.
4. O facilitador deve incentivar os participantes a se concentrarem em ajustes realistas e de baixo custo que reduzam as barreiras para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiências, condições de saúde ou experiências de estigma.
5. Aplique essas ideias em sua aula.
6. Reflita sobre sua experiência:
    - Como os alunos perceberam a aula como um todo? O que você observou em relação ao envolvimento, à confiança ou ao prazer deles?
    - Quais partes do seu plano funcionaram bem, e quais não saíram como esperado?
    - O que ajudou você a aplicar o DUA em sua aula? Por exemplo, determinados materiais, tempo de preparação ou apoio de colegas?
    - O que foi um obstáculo, e o que tornaria mais fácil para você aplicar o DUA de forma mais consistente?
    - Com base nessa experiência, o que você ajustaria na próxima vez para reduzir barreiras e apoiar melhor todos os alunos?

Série: _____

Disciplina: _____

Tema: _____

Apresentarei meu conteúdo usando: *(Vários meios de representação)*	**Usarei as seguintes atividades para envolver meus alunos:** *(Vários meios de envolvimento)*	**Meus alunos podem expressar o que aprenderam** *(Vários meios de ação e expressão)*
1. Ex. Apresentação em PowerPoint 2. 3. 4.	1. Ex. Atividades em grupos 2. 3. 4.	1. Ex. Quadro de opções ou menu para as diferentes atividades que eles possam querer realizar 2. 3. 4.

E. Adaptações comuns a serem testadas em sala de aula

Objetivo: Selecionar adaptações adequadas para a sala de aula que reduzam as barreiras e apoiem a participação dos alunos.

1. Apresente aos participantes uma breve descrição anônima do caso de um aluno que enfrenta uma barreira específica (por exemplo, dificuldade em escrever por longos períodos ou em processar instruções faladas lentamente).
2. Em pequenos grupos, peça aos participantes que selecionem duas ou três adaptações da lista que possam ajudar e expliquem o motivo.
3. Os grupos compartilham suas recomendações e discutem quaisquer diferenças de abordagem.

F. Incorporando a avaliação formativa ao ensino cotidiano

Objetivo: Fortalecer as práticas cotidianas de avaliação formativa que ajudam os professores a verificar a compreensão e atender às necessidades dos alunos.

1. Em duplas, revezem-se para descrever como vocês atualmente verificam a compreensão durante uma aula.
2. Identifiquem juntos quais das oito etapas da avaliação formativa estão faltando.
3. Cheguem a um acordo sobre uma etapa que cada parceiro tentará colocar em prática esta semana e planejem trocar impressões depois.

G. Verificação de inclusão de três minutos

Objetivo: Praticar uma verificação rápida de inclusão que ajude os professores a antecipar, responder e refletir sobre barreiras antes, durante e após uma aula.

1. Em pequenos grupos, realizem juntos a verificação de inclusão de três minutos usando um cenário de aula compartilhado fornecido pelo facilitador.
2. Em cada etapa (antes, durante, depois), discutam em grupo o que vocês fariam e por quê.
3. No final, comparem as abordagens entre os grupos.

H. Comece o dia com uma verificação de emoções

Objetivo: Experimentar uma verificação emocional simples e refletir sobre como ela pode promover o sentimento de pertencimento, segurança e bem-estar dos alunos.

1. Como grupo, experimentem primeiro a verificação de emoções entre vocês — cada participante compartilha como está se sentindo usando uma cor, palavra ou símbolo.
2. Discutam em grupo:
   - Como foi a sensação de fazer esse exercício?
   - Como isso poderia ser diferente para um aluno, especialmente para alguém que enfrenta estigma ou exclusão?

Unidade 5. Papéis Colaborativos na Promoção da inclusão e no combate ao estigma

A. Mapeamento da comunidade

Objetivo: Identificar pessoas, grupos e serviços que possam ajudar a escola a promover a inclusão, reduzir o estigma e atender às necessidades dos alunos.

1. Peça aos participantes que trabalhem em duplas ou pequenos grupos. Cada grupo preencha uma tabela em conjunto, usando exemplos de sua própria escola ou comunidade.
2. Liste pessoas, grupos ou serviços que possam apoiar os alunos e suas famílias.
3. Anote que tipo de apoio já existe.
4. Escreva três lacunas ou desafios.
5. Escolha três ações simples que possam ser tomadas a seguir.

Reflexão

- Quais ações podem ser tomadas imediatamente?
- Quais exigem apoio da direção escolar, de sindicatos ou do governo?

Use esta tabela:

Parceiro ou grupo da comunidade	Apoio atual	Lacuna ou desafio	Uma ação simples
Exemplo: famílias e responsáveis	Participam de reuni-ões ou compartilham as necessidades dos alunos	Algumas famílias são difíceis de contatar	Use uma mensagem simples ou um horá-rio de reunião que seja conveniente pa-ra elas

Notas de rodapé

1 Adapted from UNESCO, Embracing Diversity: Toolkit for Creating Inclusive, Learning-Friendly Environments, Specialized Booklet 3, Teaching Children with Disabilities in Inclusive Settings (UNESCO, 2009).

2 Tony Booth and Mel Ainscow, The Index for Inclusion: A Guide to School Development Led by Inclusive Values, 4th ed. (Index for Inclusion Network, 2016).

3 Ibid.

4 UNESCO, Embracing Diversity: Toolkit for Creating Inclusive Learning-Friendly Environments (UNESCO & UNESCO Bangkok, 2015), **https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000137522.**

5 Ibid.

6 UNICEF, Webinar 12, Teachers, Inclusive, Child-Centred Teaching and Pedagogy, Companion Technical Booklet (UNICEF, 2014).

7 Ibid.

8 UNESCO, Behind the Numbers: Ending School Violence and Bullying (UNESCO, 2019).

9 UNESCO, Safe Learning Environments: Preventing and Addressing Violence in and around School (UNESCO, n.d.), **https://www.unesco.org/en/health-education/safe-learning-environments.**

10 UNESCO, Behind the Numbers.

11 Adapted from UNICEF, Policy on the Prohibition of Discrimination, Harassment, Sexual Harassment and Abuse of Authority, POLICY/DHR/2020/002 (2020), which defines harassment separately from discrimination and from sexual harassment, **https://shknowledgehub.unwomen.org/en/resources/prohibition-discrimination-harassment-sexual-harassment-and-abuse-authority.**

12 UNESCO, Behind the Numbers.

13 Ibid.

14 OHCHR, "Children Affected by Leprosy Remain Invisible, Forgotten, and Dehumanised: UN Expert," January 26, 2023, **https://www.ohchr.org/en/press-releases/2023/01/children-affected-leprosy-remain-invisible-forgotten-and-dehumanised-un.**

15 Safe Start Center and Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention, Trauma-Informed Care for Children Exposed to Violence: Tips for Teachers (Safe Start Center & Office of Juvenile Justice and Delinquency Prevention, 2011), **http://www.justice.gov/sites/default/files/defendingchildhood/legacy/2011/09/19/tips-teachers.pdf.**

16 WHO, School-Based Violence Prevention: A Practical Handbook (World Health Organization, 2019).

17 Ibid.

18 Ibid.

19 Ibid.

20 UNICEF, Webinar 12, Teachers, Inclusive, Child-Centred Teaching and Pedagogy.

21 Ibid.

22 United Nations, "Convention on the Rights of Persons with Disabilities, Article 2: Definitions," 2006, **https://www.un.org/development/desa/disabilities/convention-on-the-rights-of-persons-with-disabilities/article-2-definitions.html.**

23 UNICEF, Webinar 11, Access to School and the Learning Environment II: Universal Design for Learning, Companion Technical Booklet (UNICEF, 2014).

24 United Nations, "Convention on the Rights of Persons with Disabilities, Article 2: Definitions."

25 UNICEF, Webinar 12, Teachers, Inclusive, Child-Centred Teaching and Pedagogy.

26 E. Lorna, Rethinking Classroom Assessment with Purpose in Mind (2006).

27 NSW, Assessment For, As, and Of Learning (NSW, n.d.).

28 Ibid.

29 Ibid.

30 UNESCO, Embracing Diversity: Toolkit for Creating Inclusive, Learning-Friendly Environments, Specialized Booklet 1, Positive Discipline in the Inclusive, Learning-Friendly Classroom: A Guideline for Teachers and Teacher Educators (UNESCO, 2017).

31 UNESCO, Mainstreaming Social and Emotional Learning in Education Systems: Policy Guide (UNESCO, 2024).

32 Ibid.

33 Ibid.

34 Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning, "What Is SEL?," CASEL, n.d., **https://casel.org/fundamentals-of-sel/what-is-the-casel-framework/#social-emotional-learning.**

[35] UNESCO, Mainstreaming Social and Emotional Learning in Education Systems.

[36] UNESCO, A Resource Pack for Global Citizenship Education (GCED): Module 6, Whole School Approach (UNESCO, n.d.), **https://openlearning.unesco.org/assets/courseware/v1/1554885be57ff8c7ed500abe187e6eca/asset-v1:UNESCO+UNESCO-04+2021_01+type@asset+block/Whole_school_approach.pdf.**

[37] UNESCO, Embracing Diversity: Toolkit for Creating Inclusive Learning-Friendly Environments.

[38] UNGEI, A Whole School Approach to Prevent School-Related Gender-Based Violence (SRGBV): Minimum Standards and Monitoring Framework (UN Girls' Education Initiative, 2019), **https://www.ungei.org/publication/whole-school-approach-prevent-school-related-gender-based-violence.**

[39] Adapted from ibid.

[40] UNICEF, Take Us Seriously! Engaging Children with Disabilities in Decisions Affecting Their Lives (UNICEF, 2013).

[41] United Nations, Convention on the Rights of the Child (1989), **http://www.ohchr.org/en/professionalinterest/pages/crc.aspx.**

[42] United Nations, Convention on the Rights of Persons with Disabilities and Optional Protocol (2006).

[43] Tony Booth and Mel Ainscow, Index for Inclusion: Developing Learning and Participation in Schools (2002).

[44] Ingrid Lewis and Deborah Little, Young Voices in Inclusive Education: A Guide to Help Young Researchers Conduct Action Research with Peers and Younger Children (EENET, 2018), **https://www.eenet.org.uk/resources/docs/Young_voices_in_action_research_Final2.pdf.**

[45] R. Poudyal, Children and Young People as Citizens: Partners for Social Change (Save the Children Sweden, 2006), **https://resourcecentre.savethechildren.net/document/children-and-young-people-citizens-partners-social-change-overview.**

[46] UNICEF, Take Us Seriously!

[47] United Nations, Convention on the Rights of the Child.

[48] Adapted from UNICEF, Webinar 13, Parents, Family and Community Participation in Inclusive Education, Companion Technical Booklet (UNICEF, 2014).

[49] UNICEF, Webinar 7, Partnerships, Advocacy and Communication for Social Change, Companion Technical Booklet (UNICEF, 2014).

[50] Education International, Promoting Integration of Migrants and Refugees in and through Education: Toolkit (Education International, 2018), **https://www.ei-ie.org/en/item/25269:promoting-integration-of-migrants-and-refugees-in-and-through-education-toolkit#attachments.**

[51] Ibid.

[52] D. Danau, Embracing Diversity in Education (European Trade Union Committee for Education, 2021), **https://www.csee-etuce.org/en/item/4258:research.**

[53] Ibid.

[54] T. Zwane and D. Matsepe, "Reimagining Teacher Union Involvement as a Motivation for School Innovation and Equity: Beyond Traditional Role of Bargaining," African Renaissance (SABINET African Journals), 2025, **https://journals.co.za/doi/full/10.31920/2516-5305/2025/sin1a16.**

[55] UN Committee on the Rights of Persons with Disabilities, General Comment No. 4 (2016), Article 24: Right to Inclusive Education, CRPD/C/GC/4 (2016).

[56] UNESCO, Guidelines for Inclusion: Ensuring Access to Education for All (UNESCO, 2005).

[57] WHO, School-Based Violence Prevention: A Practical Handbook.

[58] Ibid.

[59] Adapted from UNESCO, Embracing Diversity: Toolkit for Creating Inclusive, Learning-Friendly Environments, Specialized Booklet 1.

[60] Traditional, DI, UDL Education Scale, adapted from Bartholomew Consolidated School Corporation (2012).

[61] Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning, SEL 3 Signature Practices Playbook (CASEL, n.d.), **https://signaturepractices.casel.org.**

Education International
Internationale de l'Education
Internacional de la Educación
Bildungsinternationale

creative commons



Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. (CC BY-NC-AS 4.0) (CC BY-NC-SEA 4.0)

Você pode:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material

Nos seguintes termos:

Atribuição — Você deve dar o devido crédito, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazer isso de qualquer maneira razoável, mas não de forma que sugira que o licenciante endossa você o seu uso.

Não Comercial — Você não pode usar o material para fins comerciais

Compartilhamento Igual — Caso remixa, transforme, ou crie a partir do material, você deve descrever suas contribuições sob a mesma licença do original.

Kit de Ferramentas de 2026 da Internacional da Educação

ENSINANDO A INCLUSÃO, CONSTRUINDO O SENTIMENTO DE PERTENCIMENTO

Um kit de ferramentas para educadores e sindicatos da educação para promover a inclusão e acabar com o estigma relacionado à lepra (doença de Hansen)

MÓDULO 2

Orientações em Sala de Aula para Educadores



Education International
Internationale de l'Education
Internacional de la Educación
Bildungsinternationale

Head office

15 Boulevard Bischoffsheim
1000 Brussels, Belgium
Tel +32-2 224 0611
headoffice@ei-ie.org

www.ei-ie.org

#unite4ed

A Internacional da Educação representa organizações de docentes e outros profissionais da educação em todo o mundo. É a maior federação mundial de sindicatos e associações, representando trinta milhões de profissionais da educação em cerca de quatrocentas organizações em cento e setenta países e territórios, no mundo inteiro. A Internacional da Educação une professores e profissionais da educação.

Este trabalho está licenciado sobre a Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional. (CC BY-NC-AS 4.0)

Publicado pela Internacional da Educação (setembro 2026)
ISBN 978-92-9276-042-7 (PDF)